

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MARIA DE OLIVEIRA RODRIGUES

UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE NÚMERO EM
BELO HORIZONTE

Uberlândia

2025

MARIA DE OLIVEIRA RODRIGUES

UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE NÚMERO EM
BELO HORIZONTE

Tese de Doutorado apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Uberlândia, requisito parcial para obtenção de título de doutor em Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa 1: Teoria, descrição e análise linguística

Orientador: Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R696 Rodrigues, Maria de Oliveira, 1971-
2025 Um estudo sociolinguístico da concordância verbal de número
em Belo Horizonte [recurso eletrônico] / Maria de Oliveira
Rodrigues. - 2025.

Orientador: Leandro Silveira de Araujo.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-
graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.550>

Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Araujo, Leandro Silveira de, 1986-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese - PPGEL				
Data:	Sete de agosto de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	13h:30	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12113ELI036				
Nome do Discente:	Maria de Oliveira Rodrigues				
Título do Trabalho:	Um estudo sociolinguístico da concordância verbal de número em Belo Horizonte				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Contribuições das sociolinguística para a gramática pedagógica no Brasil				

Reuniu-se, por videoconferência, Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Leandro Silveira de Araújo - UFU, orientador da candidata; Valdecy de Oliveira Pontes - UFC; Eliabe dos Santos Procópio - UFS, Talita de Cássia Marine - UFU; Daniel Mazzaro Vilar de Almeida - UFU.

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Dr. Leandro Silveira de Araújo apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Talita de Cássia Marine, Professor(a) do Magistério Superior**, em 07/08/2025, às 21:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Silveira de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/08/2025, às 10:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliabe dos Santos Procópio, Usuário Externo**, em 11/08/2025, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Mazzaro Vilar de Almeida, Professor(a) do Magistério Superior**, em 11/08/2025, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valdecy de Oliveira Pontes, Usuário Externo**, em 11/08/2025, às 17:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6575224** e o código CRC **598DFC34**.

Para Márcio e Marcela
pelo apoio constante
nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese foi possível graças ao apoio, à generosidade e à presença de pessoas que estiveram ao meu lado ao longo desta jornada.

Ao Professor Doutor Leandro Silveira de Araujo, meu orientador, expresso minha profunda gratidão pela paciência, humanidade e dedicação com que me guiou durante todo o processo. Sua escuta atenta e seu olhar sensível foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, agradeço por essa formação acadêmica e pelas oportunidades de crescimento intelectual. Ao Governo do Estado de Minas Gerais, sou grata pela concessão da licença para estudos, que foi essencial para a continuidade da pesquisa.

Ao Grupo de pesquisa NormaLi, agradeço pelas trocas enriquecedoras e pelo acolhimento. Aos colegas que compartilharam comigo os desafios e conquistas, em especial ao meu colega de doutoramento Gilberto, deixo meu reconhecimento e carinho.

À minha família, meu porto seguro: as minhas irmãs Osdiva e Maria Dalva, meus sobrinhos Luiz Gustavo e Ana Flávia, aos meus sogros Geraldo e Dora que estiveram ao meu lado em todos os momentos, oferecendo amor, força e compreensão. Dedico à memória dos meus dois irmãos e cunhado que partiram durante o doutorado, a ausência de vocês foi profundamente sentida, mas os momentos que passamos juntos permanecem vivos em mim.

Agradeço de forma especial ao meu esposo Márcio, cuja presença constante foi um alicerce em todos os instantes desta caminhada. Seu apoio emocional, incentivo diário, força nos momentos de fragilidade foram fundamentais para que eu pudesse seguir adiante. Sua generosidade, compreensão e companheirismo tornaram possível cada etapa desta conquista. Gratidão, Marcinho!

Gratidão Marcela, minha filhinha querida, minha inspiração maior, agradeço com todo o amor. Sua paciência diante da minha ausência sua espera silenciosa por um minuto de atenção e sua capacidade de me encorajar, foram gestos que me deram forças para continuar. acredite! Você faz a diferença em minha vida!

Aos membros da Banca Examinadora, agradeço por aceitarem o convite e por contribuírem com suas valiosas observações. Em especial ao Professor Doutor Valdecy

de Oliveira Pontes que esteve presente tanto na qualificação quanto na defesa da tese, enriquecendo este trabalho com sua leitura atenta e generosa.

A Deus por permitir que tudo isso acontecesse. Gratidão Senhor!

O Mineirinho

O mineiro é um povo bonzinho.
Gosta de ficar quietinho.
Vai espiando tudo direitinho.
E sempre ajudando e fazendo pelos cantinhos.

Se você quiser um bom pão de queijo
E um cafezinho,
É só chegar conversando de mansinho.
Povo hospitaleiro e atencioso.
Às vezes desconfiado.
Mas muito bondoso.

Se quiser experimentar um franguinho
Com quiabo ou ora-pro-nóbis
Ou até um feijão tropeiro,
Você vai ficar feliz e querer comer isso o ano inteiro.

Aqui fazemos tudo de coração.
Seja na cidade ou na plantação.
Sempre ouvindo uma bela canção.
Como o belo luar do sertão.

O uai serve para tudo.
Para perguntar e para responder.
Em qualquer situação, uai, você pode responder.
Se você for pegar um trem,
Pergunte onde fica o metrô.
Porque aqui o trem é assim mesmo,
E pode significar qualquer coisa que você pensou.

Robson Barbosa

Resumo: Esta tese investiga os fatores que influenciam a realização da concordância verbal de número nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural no português falado de Belo Horizonte, com base em dados de fala espontânea extraídos do *corpus* C-Oral-Brasil. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (HERZOG; LABOV; WEINREICH, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 2006 [1966]; TARALLO, 1986) que concebe a variação linguística como fenômeno sistemático e socialmente condicionado. O estudo dialoga com investigações sobre a concordância verbal no português brasileiro (SCHERRE, 1998; 2007; SCHERRE & NARO, 2007; SCHERRE; NARO e CARDOSO, 2007; OUSHIRO, 2015) e toma como referência comparativa os dados de Nicolau (1984) que abordam a ausência da marca de concordância na variedade belo-horizontina e Faria (2008) que traça um panorama da concordância verbal na capital mineira. O objetivo central deste estudo é analisar fatores que influenciam a realização da concordância verbal de número nas formas referentes à 1ª e à 3ª pessoas do plural no português falado de Belo Horizonte. Os objetivos específicos são: (i) analisar os dados de fala espontânea coletados em Belo Horizonte, a partir do *corpus* C-Oral-Brasil, considerando os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista; (ii) investigar os fatores linguísticos e sociais que influenciam a variação na expressão da concordância verbal de número, com foco nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural; (iii) examinar o papel do pronome “Vocês” como elemento condicionador da realização ou omissão da marca de plural na variedade belo-horizontina; (iv) verificar a predominância da norma padrão ou não-padrão na realização da concordância verbal de número, com base nos usos efetivos observados no *corpus* C-Oral-Brasil. A hipótese central é a de que no português falado em Belo Horizonte, a variação na concordância verbal de número nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural revela uma tensão entre os padrões efetivos de uso e a norma gramatical, sendo o pronome “Vocês” um catalisador dessa divergência. Acreditamos ainda que essa variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais, e que a escola atua como agente regulador, freando a expansão das variantes não-padrão entre falantes com maior escolarização, o que contribui para a manutenção da norma padrão como referência de prestígio linguístico. A análise quantitativa, orientada pela Sociolinguística Quantitativa (GUY; ZILLES, 2007), foi realizada com o auxílio do programa GoldVarb X 3.0b3, (SANKOFF; TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), ferramenta de fácil interface e útil para a análise da variação linguística e amplamente utilizada nas pesquisas sociolinguísticas. A discussão qualitativa dos resultados está pautada na perspectiva Socioeducacional, (BAGNO, 2012; BORTONI-RICARDO, 2008) que reconhecem a escola como espaço de reflexão sobre o uso da língua e o trabalho do professor como mediador desse processo. Dos 387 dados analisados, 74 correspondem à 1ª pessoa do plural e 257 à 3ª pessoa do plural. Na 1ª pessoa, observou-se 46 ocorrências com a marca de concordância verbal frente a 28 casos de apagamento. Já na 3ª pessoa, 257 ocorrências apresentaram marca de concordância, enquanto 51 registraram ausência. Fatores linguísticos como saliência fônica (NARO *et. al.* 1999; GUY, 1981; NARO, 1981; SCHERRE e NARO, 1998), tipo de sujeito, e sujeito preenchido pelo pronome “Vocês” bem como variáveis extralinguísticas como sexo, idade e escolaridade, influenciam diretamente o fenômeno. Assim, concluímos que, embora a norma padrão predomine, a presença da norma não-padrão evidencia um cenário de variação linguística dinâmico, marcado por processos de reconfiguração normativa.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Linguística; Língua Portuguesa; Concordância Verbal; Belo Horizonte.

Abstract: This thesis investigates the factors that influence the realization of verbal number agreement in the 1st and 3rd person plural forms in spoken Portuguese from Belo Horizonte, based on spontaneous speech data extracted from the C-Oral-Brazil corpus. The research is based on the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (HERZOG; LABOV; WEINREICH, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 2006 [1966]; TARALLO, 1986), which conceives linguistic variation as a systematic and socially conditioned phenomenon. The study dialogues with investigations on verbal agreement in Brazilian Portuguese (SCHERRE, 1998; 2007; SCHERRE & NARO, 2007; SCHERRE; NARO, and CARDOSO, 2007; OUSHIRO, 2015) and takes as a comparative reference the data from Nicolau (1984) that addresses the absence of the concordance mark in the variety from Belo Horizonte and Faria (2008) that outlines an overview of verbal agreement in the capital of Minas Gerais. The main objective of this study is to analyze factors that influence the realization of verbal number agreement in the forms referring to the 1st and 3rd person plural in spoken Portuguese from Belo Horizonte. The specific objectives are: (i) to analyze the spontaneous speech data collected in Belo Horizonte, from the C-Oral-Brazil corpus, considering the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics; (ii) to investigate the linguistic and social factors that influence the variation in the expression of verbal number agreement, focusing on the 1st and 3rd person plural forms; (iii) to examine the role of the pronoun "Vocês" as a conditioning element of the realization or omission of the plural mark in the Belo Horizonte variety; (iv) to verify the predominance of the standard or non-standard norm in the performance of verbal number agreement, based on the effective uses observed in the C-Oral-Brazil corpus. The central hypothesis is that in the Portuguese spoken in Belo Horizonte, the variation in the number agreement in the 1st and 3rd person plural forms reveals a tension between the effective patterns of use and the grammatical norm, with the pronoun "Vocês" being a catalyst for this divergence. We also believe that this variation is conditioned by linguistic and social factors, and that the school acts as a regulatory agent, curbing the expansion of non-standard variants among speakers with higher education, which contributes to the maintenance of the standard norm as a reference of linguistic prestige. Quantitative analysis, guided by Quantitative Sociolinguistics (GUY; ZILLES, 2007), was carried out with the aid of the GoldVarb X 3.0b3 program (SANKOFF; TAGLIAMONTE and SMITH, 2005), an easy-to-interface and useful tool for the analysis of linguistic variation and widely used in sociolinguistic research. The qualitative discussion of the results is based on the Socio-educational perspective (BAGNO, 2012; BORTONI-RICARDO, 2008) that recognizes the school as a space for reflection on the use of language and the teacher's work as a mediator of this process. Of the 387 data analyzed, 74 correspond to the 1st person plural and 257 to the 3rd person plural. In the 1st person, 46 occurrences with the mark of verbal agreement were observed, compared to 28 cases of erasure. In the 3rd person, 257 occurrences showed a mark of agreement, while 51 registered absence. Linguistic factors such as phonics salience (NARO *et. al.* 1999; GUY, 1981; NARO, 1981; SCHERRE and NARO, 1998), type of subject, and subject filled in by the pronoun "Vocês" as well as extralinguistic variables such as gender, age, and education, directly influence the phenomenon. Thus, we conclude that, although the standard norm predominates, the presence of the non-standard norm evidences a dynamic linguistic variation scenario, marked by processes of normative reconfiguration.

Keywords: Sociolinguistic; Linguistic Variation; Portuguese Language; Verbal Agreement; Belo Horizonte.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFU	Universidade Federal de Uberlândia
MG	Minas Gerais
BH	Belo Horizonte
EALMG	Atlas Linguístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
PB	Português do Brasil
a.C	Antes de Cristo
SN	Sintagma nominal
VARBRUL	Variable Rule Analysis
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
1PP	Primeira pessoa do plural
3PP	Terceira pessoa do plural
LEEL	Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem
TLA	Teoria da Língua em Ato
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
VTD	Verbo transitivo direto
VI	Verbo intransitivo
VTDI	Verbo transitivo direto e indireto
VL	Verbo de ligação
VA	Verbo auxiliar

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Localização de Belo Horizonte.....	20
Figura 02	Análise binomial.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Pessoas do discurso na gramática tradicional da antiguidade	51
Quadro 02	Pessoas do discurso na gramática tradicional da antiguidade - Tempo imperativo.....	51
Quadro 03	Pessoas do discurso nas gramáticas tradicionais contemporâneas.....	52
Quadro 04	Pessoas gramaticais da gramática descritiva na perspectiva de Perini (2016)..	52
Quadro 05	Pronomes pessoais no PB	53
Quadro 06	Transformação dos pronomes pessoais em morfemas verbais número-pessoais no PB informal.....	54
Quadro 07	Dados dos Informantes do <i>corpus</i> oral: conversação, diálogo, monólogo em situações públicas e privadas.....	81
Quadro 08	Significados dos códigos dos informantes do <i>corpus</i> oral	83
Quadro 09	Grupo de fatores linguísticos.....	96
Quadro 10	Grupo de fatores extralinguísticos.....	99
Quadro 11	Códigos da variável dependente.....	99
Quadro 12	Códigos das variáveis linguísticas.....	100
Quadro 13	Códigos das variáveis extralinguísticas.....	102
Quadro 14	Variáveis linguísticas extraídas do <i>corpus</i> de análise.....	103
Quadro 15	Variáveis extralinguísticas extraídas do <i>corpus</i> de análise.....	105

LISTA DE TABELA

Tabela 01	Resultados percentuais e de valores relativos em relação à variável saliência fônica.....	112
Tabela 02	Regularidade morfológica do verbo	114
Tabela 03	Distribuição da realização da concordância verbal segundo o tipo de verbo.....	115
Tabela 04	Variável tipo de sujeito	117
Tabela 05	Constituição do sujeito	118
Tabela 06	Posição do sujeito em relação ao verbo	120
Tabela 07	Variável traço semântico do sujeito	122
Tabela 08	Fatores linguísticos e extralinguísticos na concordância verbal de número na 3PP	123
Tabela 09	<i>Cross Tabulation</i> – Faixa etária e escolaridade.....	125
Tabela 10	<i>Cross Tabulation</i> – Variáveis escolaridade e sexo.....	126
Tabela 11	<i>Cross Tabulation</i> – saliência fônica X grau de escolaridade.....	127
Tabela 12	Resultado geral – Primeira pessoa do plural.....	131
Tabela 13	Saliência fônica X escolaridade – Primeira pessoa do plural	134
Tabela 14	Saliência fônica X Posição do sujeito – Primeira pessoa do plural.....	135
Tabela 15	Dados gerais – Terceira pessoa do plural.....	137
Tabela 16	Escolaridade X Saliência fônica.....	144
Tabela 17	Traço semântico X Saliência fônica.....	145
Tabela 18	Saliência Guy (1981).....	146
Tabela 19	Saliência Scherre e Naro (1998).....	146

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2 SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	23
2.1 Concepção social da língua	23
2.2 Variação linguística	32
2.2.1 Condicionantes internos e externos	35
2.2.2 Princípio da variação	38
2.2.3 Comunidade de fala	42
3 CONCORDÂNCIA VERBAL.....	46
3.1 O pronome “vocês” no português do Brasil	50
3.1 Concordância verbal: estado da arte dos estudos sociolinguísticos	58
4 METODOLOGIA.....	71
4.1 Pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos	71
4. 1.1 Modelo de análise da investigação	72
4.1.2 Goldvarb x 3.0b3	73
4.2 Corpus.....	77
4.2.1 Construção e características do C-ORAL- BRASIL	77
4.2.2 A amostra.....	80
4.2.3 Dados de fala: C- ORAL-BRASIL.....	84
4.2.4 Grupo de fatores controlados.....	87
4.2.5 Grupo de fatores linguísticos.....	87
4.2.6 Grupo de fatores extralinguísticos.....	97
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	107
5.1 Análise dos dados	107
5.2 Análise multivariada.....	109
5.2.1 Saliência fônica por Guy (1981).....	111
5.2.2 Regularidade morfológica do verbo	114
5.2.3 Variável tipo de verbo	115

5.2.4 Variável tipo de sujeito.....	116
5.2.5 Variável constituição do sujeito	117
5.2.6 Variável posição do sujeito em relação ao verbo	119
5.2.7 Variável traço semântico do sujeito.....	122
5.2.8 Atuação dos fatores extralinguísticos	123
5.2.9 Cruzamento de dados aspectos estruturais e extralinguísticos	124
5.2.10 Saliência fônica por Naro <i>et al.</i> (1999).....	129
5.2.11 Resultados gerais da análise para a 1PP	130
5.2.12 <i>Croos-tabulations</i> para a 1PP	134
5.2.13 Saliência fônica por Naro (1981) e Scherre e Naro (1998)	136
5.3 Comparação dos resultados	146
6 SÍNTESE	149
7 CONCLUSÃO.....	153
REFERÊNCIAS	155
BIBLIOGRAFIA	161

1. INTRODUÇÃO

Esta tese investiga fatores relacionados à variação da concordância verbal de número no português falado de Belo Horizonte, com foco na análise da segunda pessoa do discurso, o pronome “vocês”. Embora os pronomes Tu/Vós não sejam mais utilizados nesta cidade, a forma “vocês”, que os substitui, apresenta traços específicos de concordância que merecem investigação.

A língua portuguesa origina-se do latim, pertencente à família das línguas indo europeias, por sua vez, falada em alguns continentes, segundo Cunha e Cintra (2007). Para chegar ao estágio atual de uso no Brasil, a língua portuguesa passou por diversas modificações e influências de vários povos e suas respectivas culturas. Atualmente o Português é a língua falada no Brasil, em Portugal e em outras nações da África, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé, e da Oceania, como é o caso de Timor Leste e Macau região autônoma na costa sul da China continental. No Brasil, a língua portuguesa, passou por um processo de influências de línguas indígenas, africanas, de imigrantes de diferentes continentes. Diante disso, é fato que esses contatos provocaram modificações na língua; no entanto essas mudanças não causaram problemas graves na comunicação e sim provocaram interesse de pesquisadores e estudiosos da área que tomam tais heterogeneidades como objeto de estudo, Perini (2016).

Partindo desse entendimento, este estudo propõe analisar os dados de fala espontânea coletados em Belo Horizonte referentes ao *corpus* C-Oral-Brasil, a fim de verificar a variação da concordância verbal de número. Propomo-nos situar as referidas ocorrências e verificar ainda, o grupo de fatores que pode influenciar no comportamento do verbo diante do pronome pessoal “vocês” em uso no PB, que passou a ocupar a posição da segunda pessoa (2PP), ou seja, do pronome Vós.

Outro **diferencial** desta tese é a análise minuciosa da língua em uso, pautado numa perspectiva socioeducacional e a partir do falar belorizontino, com base em dados de fala espontânea extraídos do *corpus* C- ORAL- BRASIL. Esse material, coletado segundo critérios rigorosos, permite capturar o vernáculo e constitui uma fonte rica para fundamentar as análises desenvolvidas.

Diante desse cenário e motivados por estudos anteriores, que foram de grande relevância e contribuíram positivamente para a compreensão do tratamento da concordância verbal na

capital mineira e de modo geral no Brasil, chegamos à apresentação do problema desta pesquisa: qual é o *status* da variação da concordância verbal de número em Belo Horizonte? Acreditamos que estudos já realizados podem ser complementados, por apresentarem alguns pontos que ainda podem ser explorados, reanalisados e vistos por uma outra perspectiva de forma a contribuir para uma compreensão do funcionamento de variedades do Português do Brasil.

A presente pesquisa se **justifica** por três fatores principais. Em primeiro lugar, há uma lacuna na literatura sociolinguística quanto à análise da concordância verbal de número na segunda pessoa do plural, o pronome “vocês”, especialmente no português falado de Belo Horizonte. O foco desta tese, portanto, representa uma **abordagem inovadora** por analisar esse pronome. A maioria dos estudos concentra-se na primeira e terceira pessoas do plural, como os trabalhos de Nicolau (1984), que analisou o problema da concordância entre verbo e SN sujeito de terceira pessoa do plural, no português coloquial de Belo Horizonte, e Faria (2008), que traçou um panorama do fenômeno da concordância verbal nessa mesma pessoa gramatical.

Em segundo lugar, a variação na marcação verbal de número é recorrente na fala e em textos escritos de estudantes da Educação Básica e do Ensino Médio, conforme observado por Rodrigues (2024, p. 203), ainda que a escola trate sistematicamente dessa temática. Embora o processo de escolarização seja frequentemente citado em estudos que tratam da presença ou ausência da marcação verbal de número, **pouco se discute**, numa perspectiva qualitativa, sua real interferência nesse fenômeno, fato que reforça a relevância social e educacional desta pesquisa.

Por fim, a **escolha por Belo Horizonte** se fundamenta em sua posição como capital de Minas Gerais, que recebe falantes de diversas regiões, incluindo cidades da região metropolitana, do colar metropolitano, como Sete Lagoas, de onde provêm o material observado por Rodrigues (2024), favorecendo a diversidade linguística. E ainda, pela **peculiaridade** desse falar belorizontino que pode ser analisado a partir do *corpus* C-ORAL-BRASIL. Esse *corpus* é constituído por dados de fala espontânea, coletado segundo critérios rigorosos. Desse modo, garante a representatividade e a autenticidade dos registros analisados, reforça a pertinência do recorte e permite a análise minuciosa do vernáculo belorizontino.

Esse enfoque representa uma contribuição perspicaz dentro do universo dos vários estudos que abordam essa temática da concordância verbal de número em Belo Horizonte e no Brasil. Destaca-se, nesse contexto, a pesquisa de Oushiro (2015), que analisou a variável

concordância verbal de primeira (1PP) e terceira pessoas do plural (3PP) em São Paulo, a fim de avaliar se se tratava de duas variáveis distintas ou de uma única variável com os mesmos padrões e regras. Esta tese adota os critérios de saliência fônica propostos por Oushiro (2015), principalmente no que se refere à análise de 1PP.

Ademais, se fundamenta nos estudos de Scherre e Naro (2007), que tratam da variação sistemática no português escrito revisado, estudos estes que focam principalmente em construções de sujeito de estrutura complexa. Para os referidos autores, incluem-se no cenário da escrita monitorada do português brasileiro variados fatores tais como tipo de sujeito, traço semântico-discursivo de animacidade e saliência da oposição singular/plural. Tais fatores incidem no tratamento da retenção do controle da concordância pelo núcleo do sujeito e no deslocamento deste controle para o núcleo do sintagma nominal encaixado no sistema preposicional.

Considerando os aspectos expostos, definimos os objetivos geral e específicos desta pesquisa:

Geral:

Analisar fatores que influenciam a realização da concordância verbal de número nas formas referentes à 1ª e à 3ª pessoas do plural no português falado de Belo Horizonte.

Específicos:

- (i) analisar os dados de fala espontânea coletados em Belo Horizonte, a partir do *corpus* C-Oral-Brasil, considerando os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista;
- (ii) investigar os fatores linguísticos e sociais que influenciam a variação na expressão da concordância verbal de número, com foco nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural;
- (iii) examinar o papel do pronome “você” como elemento condicionador da realização ou omissão da marca de plural na variedade belo-horizontina;
- (iv) verificar a predominância da norma padrão ou não-padrão na realização da concordância verbal de número, com base nos usos efetivos observados no *corpus* C-Oral-Brasil.

Com o propósito de orientar o desenvolvimento desta pesquisa e responder aos objetivos propostos, partimos da hipótese inicial de que:

• no português falado em Belo Horizonte, a variação na concordância verbal de número nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural revela uma tensão entre os padrões efetivos de uso e a norma gramatical, sendo o pronome “vocês” um catalisador dessa divergência. Acreditamos ainda que essa variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais, e que a escola atua como agente regulador, freando a expansão das variantes não-padrão entre falantes com maior escolarização, o que contribui para a manutenção da norma padrão como referência de prestígio linguístico.

De acordo com o fenômeno a ser investigado e os objetivos traçados neste estudo, formulamos as seguintes hipóteses:

- i. A fala espontânea registrada no *corpus* C-ORAL-BRASIL revela padrões sistemáticos de variação linguística que podem ser interpretados à luz da teoria variacionista, evidenciando condicionamentos internos e externos à língua na realização da concordância verbal de número;
- ii. A variação na expressão da concordância verbal de número nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural é influenciada por fatores linguísticos, como tipo de sujeito, saliência fônica, posição sintática e morfológica verbal e por fatores sociais, como escolaridade, faixa etária e sexo, refletindo padrões de uso distintos entre grupos socioculturais;
- iii. O pronome “vocês” atua como elemento catalisador da variação na concordância verbal de número, favorecendo construções não-padrão na variedade belo-horizontina, especialmente em contextos informais e entre falantes com menor escolaridade.
- iv. A análise dos dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL indicará uma predominância da norma não-padrão na realização da concordância verbal de número, em situações de fala espontânea, embora falantes com maior escolaridade tendam a favorecer a norma padrão como referência de prestígio linguístico.

Ao traçarmos nosso objetivo central analisar fatores que influenciam a realização da concordância verbal de número nas formas referentes à 1ª e à 3ª pessoas do plural no português falado de Belo Horizonte, por meio de *corpus* de fala espontânea, oriundas de participantes de Belo Horizonte e região metropolitana, entendemos que este trabalho pode contribuir

significativamente para a compreensão do português falado na cidade de Belo Horizonte e trazer possíveis contribuições para a discussão sobre português do Brasil de modo geral. Visto que o falar mineiro carrega um misto de pluralidade e de identidade social, conforme Zágari (2005), entendemos que ainda há espaço para novos estudos e discussões. Na próxima subseção, discorreremos sobre a comunidade de fala investigada.

Como **suporte teórico**, esta tese apoia-se na Sociolinguística Variacionista, (LABOV, 1966; 1972), que considera a variabilidade da língua em relação aos diferentes contextos sociais. Essa teoria defende a ideia de que a língua muda de acordo com o tempo, o espaço, os grupos sociais. Essa variabilidade da língua é natural, legítima e estruturada. Nesta tese, defende-se a ideia de que a variação observada na flexão verbal diante dos pronomes “Vocês” e “Nós” não compromete a compreensão das comunicações realizadas.

Ampara-se ainda na Sociolinguística quantitativa que estuda a variação linguística baseada em dados estatísticos e observa padrões relacionados ao uso da linguagem com fatores extralinguísticos como sexo, escolaridade, idade.

Nesta tese, a Sociolinguística Educacional, (BORTONI-RICARDO, 2004) também é acionada a fim de descrever qualitativamente a relação da escola na abordagem da noção do “certo” e “errado” das escolhas linguísticas, do impacto da norma-padrão na formação dos estudantes e a questão do preconceito linguístico.

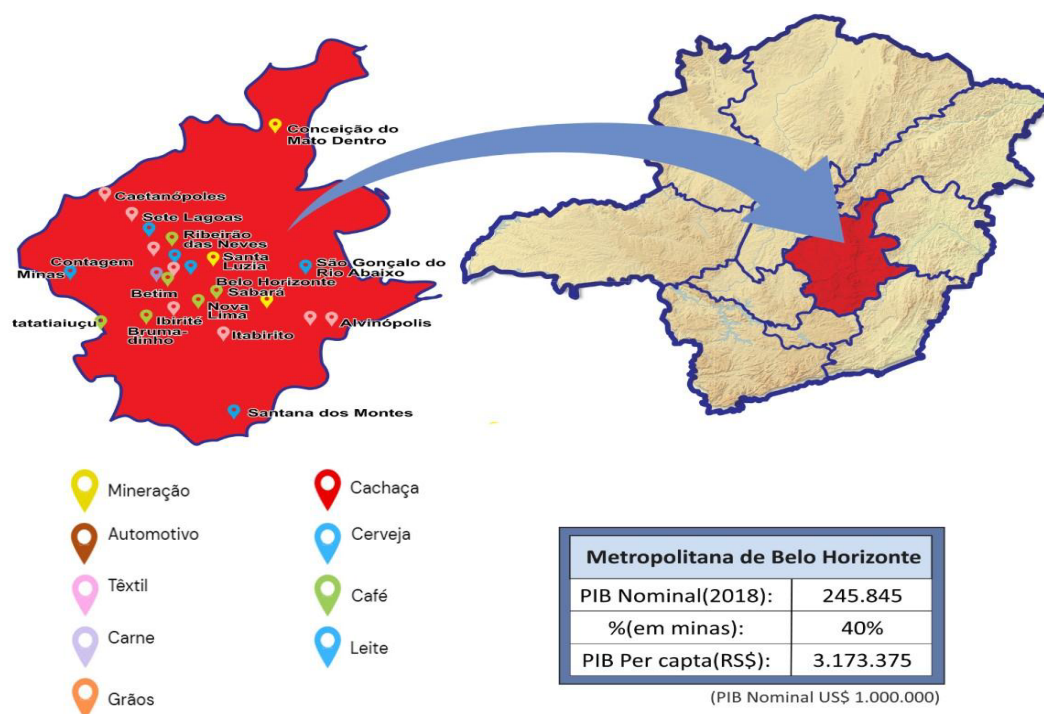
A **Metodologia** nesta tese articula abordagens qualitativa, quantitativa, explicativa e descritiva. A fim de atender aos objetivos estabelecidos e testar as hipóteses adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: (i) seleção de amostras de fala espontânea do *corpus* C-ORAL-BRASIL, com foco em interações informais entre falantes de Belo Horizonte, região metropolitana e do colar metropolitano de Belo Horizonte; (ii) codificação e categorização dos dados com base em variáveis linguísticas (saliência fônica, traço semântico do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de verbo, regularidade morfológica do verbo, tipo de sujeito e, constituição do sujeito) e variáveis sociais (escolaridade, idade, sexo, modalidade da língua padrão, não-padrão); (iii) análise quantitativa e qualitativa da realização ou omissão da marca de plural verbal nas formas de 1ª e 3ª pessoa do plural; (iv) observação específica do comportamento do pronome “Vocês” em relação à concordância verbal; (v) comparação entre os padrões encontrados e os parâmetros da norma padrão, com vistas a verificar sua predominância ou contestação. Esses procedimentos serão detalhados no Capítulo 04.

1.1 BELO HORIZONTE: cidade investigada

As intenções de transferir a capital de Minas Gerais, originariamente situada em Ouro Preto, surgiram no período colonial, em 1789. Porém, essa mudança ocorreu apenas após a Independência do Brasil, após cinco tentativas sem sucesso, “quando de novo começou a preocupar a atenção dos homens públicos, mas sempre entravada por sérias correntes de opiniões contrárias”, (Barreto, 1996 [1928], p. 283). Maria Auxiliadora Faria, nas páginas iniciais da obra de Barreto, afirma que “Belo Horizonte não era fruto do acaso. Fora desejada e planejada não apenas para sediar o Poder Político, mas também, e sobretudo, para irradiar às diversas regiões de Minas as idéias de progresso e de desenvolvimento econômico” (*sic*, Barreto 1996, p. 31). Segundo ela, Belo Horizonte coleciona carinhosos apelidos “Poeirópolis”, “Cidade Jardim”, “Cidade de Minas”, “Noiva do Trabalho”.

Belo Horizonte, capital do estado, localiza-se na área central de Minas Gerais, popularmente conhecida como Grande Belo Horizonte. É a região mais populosa e desenvolvida do estado. A riqueza de matérias-primas na região proporcionou o desenvolvimento de um complexo metalúrgico expressivo nas proximidades da cidade, com investimento nas indústrias de produção de ferroligas, peças fundidas, aço, bens de capital e detentora do maior polo automotivo do Brasil. A Figura 01 mostra a localização da cidade no estado de Minas Gerais.

Figura 01 – Localização de Belo Horizonte



Fonte: Minas Gerais Business Guide, 2021-2022

As cidades próximas à Belo Horizonte se destacam nas produções de mineração, setor automotivo, têxtil, carne, grãos, cachaça, cerveja, café, leite. Em 2018 o PIB Nominal era 245.845 representando 40% do total em Minas Gerais. O PIB Per Capta em torno de R\$ 3.173.375. Observa-se o bom desenvolvimento econômico de Belo Horizonte com a união das cidades ao seu entorno. Na sequência, apresentamos a organização deste trabalho.

1.2 Organização da tese

Esta pesquisa está distribuída em 07 Capítulos. No primeiro, realizamos a exposição do tema, sua relevância, os objetivos, hipótese que norteiam o estudo e uma breve descrição de Belo Horizonte num cenário histórico.

No Capítulo 02, são exploradas as perspectivas teóricas relacionadas à concepção da língua e da sociolinguística, pautadas nas contribuições de postulados, gerativistas, saussurianos, funcionalistas. Iniciamos a seção com a definição da linguagem, proposta pelos

autores referência na área. Esses autores compartilham da ideia de que a linguagem pode ser comparada como a expressão do pensamento e, meio de interação do homem ao ambiente em que vive. A variação linguística é abordada a partir dos estudos de Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]); Labov (1966; 1972); Guy (1981); Scherre e Naro (1991); Loregian-Penkal (2004), Oushiro (2015), entre outros que discutem os princípios que regem a variação e seus condicionantes internos e externos.

No Capítulo 03, discutimos o fenômeno da concordância verbal, que pode ser analisado sob diferentes perspectivas teóricas. Na abordagem da gramática tradicional, a concordância verbal é concebida como uma regra categórica. No entanto, outras correntes teóricas, como a Sociolinguística Variacionista, compreendem a concordância verbal como um fenômeno variável, sensível a fatores linguísticos e extralinguísticos. Em seção específica, devido a sua relevância, tratamos das variações no uso da forma “Você” no Brasil, que de pronome de tratamento passou a exercer função de sujeito e, por conseguinte, promoveu mudanças no estatuto categorial dos pronomes. Essas mudanças incidem diretamente no processo de concordância verbal. Para finalizar este Capítulo discutimos o estado da arte, apresentando trabalhos que abordam o fenômeno da concordância verbal e nominal. Comentamos os trabalhos de Scherre (1998); Scherre e Naro (1998); Oushiro (2015); Guy (1981); Faria (2008); Scherre; Naro e Cardoso (2007); Welchen (2009). Além disso, estudos sobre a ausência de concordância verbal, como Nicolau (1984).

No Capítulo 04, são discutidos os pressupostos teóricos, os procedimentos metodológicos, o *corpus*, o grupo de fatores controlados, o grupo de fatores linguísticos e extralinguísticos, a análise dos dados. Num primeiro momento apresentamos o modelo de análise laboviano que considera a língua como heterogeneidade ordenada que apresenta variações sistemáticas influenciadas por fatores linguísticos e sociais. Neste Capítulo, abordamos o programa de regra variável GoldVarb X 3.0b3 empregado nas análises. Posteriormente, detalhamos sobre o *corpus* utilizado, sobre os informantes, ainda apresentamos a variável dependentes e as independentes. Além disso, trazemos exemplos de enunciados analisados na pesquisa.

No Capítulo 5, realizamos a descrição e análise dos dados referentes às falas de belo-horizontinos pesquisados. Nessa extensa seção, são realizadas análises multivariadas com base nos critérios de saliência fônica propostos por Guy (1981), para a 3PP, em relação à 1PP Naro *et. al.* (1999) e as escalas de saliência fônica propostos por Scherre e Naro (1998) para a 3PP.

Para finalizar o capítulo, discutimos os dados obtidos, confirmamos e refutamos as nossas hipóteses.

No Capítulo 06, sintetizamos os resultados das nossas análises, comparamos o comportamento da variável dependente e das independentes. Contrastando os resultados das nossas investigações com trabalhos anteriores. Além disso, evidenciamos a relevância da presente pesquisa.

E por fim, no Capítulo 07, apresentamos a conclusão a que chegamos, encontramos a resposta ao problema de pesquisa inicialmente levantado. Identificamos o atual *status* da concordância verbal na cidade de Belo Horizonte. Nessa seção, ressaltamos a significativa contribuição deste trabalho. Consideramos as limitações do estudo, e para finalizar sugerimos novas perspectivas sobre as investigações acerca da variação da concordância verbal na capital mineira.

2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Este capítulo explora as diversas perspectivas teóricas que dizem respeito a concepção social da língua e a sociolinguística, com base nas contribuições de postulados gerativistas, saussurianos, funcionalistas e de autores como Saussure (1891); Labov (2006 [1966]; 2008 [1972]); Labov (1994, 2001, 2010); Tarallo (1986); Scherre (2005); Mussalim (2009); Bagno (2017); Possenti (2021). Em seguida, aborda a questão da variação linguística, tomando como referência os estudos de Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]); Labov (2008, [1972]); Loregian-Penkal (2004); Oushiro (2015) e analisa os princípios que norteiam o estudo dessa variação, fundamentados nas obras de Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]); Labov (2008 [1972]); Guy (1981); Scherre e Naro (1991); Lucchesi (2015); Oushiro (2015). Também investiga o conceito de comunidade de fala, conforme discutido por Labov (2008 [1972]); Dell Hymes (2010 [1977]); Guy (1981); Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992]) e examina os condicionantes internos e externos que influenciam as práticas linguísticas, à luz das análises propostas por Guy (1981); Scherre e Naro (1997; 2007); Oushiro (2015). Por meio dessas reflexões, pretende-se construir um panorama que integre as principais fundamentações teóricas, os principais debates acadêmicos e contribua para o entendimento da complexidade inerente à língua e suas manifestações sociais.

2.1 Concepção social da língua

Levando em conta o ser humano, reconhecido pelas Ciências Humanas como ser racional, pode-se considerar a linguagem como uma expressão do pensamento, por meio da qual o homem se comunica e interage com o ambiente em que está inserido. Essa comunicação pode se estabelecer por diversas formas, seja por meio da linguagem verbal, cinestésica, de sinais, corporal. Assim podemos afirmar que “a linguagem é o maior recurso que o ser humano possui para alcançar tudo aquilo que deseja.”¹

A ideia de linguagem, em se tratando dos Estudos Linguísticos, não é apenas um sistema isolado de signos ou de regras gramaticais, mas trata-se de seu entrelaçamento nas práticas sociais, culturais e históricas das comunidades humanas. A língua pode ser comparada a uma

¹ Excerto do discurso do autor Joaquim Dolz no Seminário Internacional “As ciências da linguagem em tempos de crise: privações, rupturas e continuidades” (CIELIN), evento realizado na Universidade de Brasília (UNB), em julho de 2018.

ferramenta de interação social que promove, que reflete, que constrói relações sociais, identidades, normas, valores.

Assim sendo, a linguagem faz parte da vida humana. Contudo, ela nem sempre foi objeto de reflexão. Esse fato ocorreu à medida que as sociedades evoluíram e, com isso, a complexidade aumentou, resultando na divisão em estratos e classes sociais. Exigindo, portanto, a organização de contextos humanos específicos, isso impulsionou o homem a prestar mais atenção ao fenômeno linguístico, (Mussalim, 2009).

Em conformidade com essas abordagens, diversas teorias argumentam em torno desse objeto. No Estruturalismo, Saussure concebe a linguagem como um sistema de signos, vista como um sistema relacional. Os significados são definidos em relação a outros significados dentro do sistema. Desse modo, Saussure distingue “*langue*” (estrutura da língua) e “*parole*” (uso da língua em situações concretas). A língua “*langue*” possui caráter social, constitui o conjunto de todas as regras que determinam o emprego dos sons formas, relações sintáticas para a produção de significados, já a fala “*parole*”, em oposição à língua possui natureza individual por se tratar de uma parcela concreta e individual da língua.

Silveira (2016, p. 187) destaca um momento, em 1891, em que Saussure apresenta de forma incisiva que a linguística do século XIX carecia de uma revisão epistemológica. A autora realiza a transcrição e tradução de um excerto de Saussure, 1891 Sobre a essência dupla da linguagem:

É preciso dizer o que penso intimamente? Teme-se que a perspectiva exata do que é a língua nos leve a duvidar do futuro da linguística. Há desproporção, para esta ciência, entre a soma das operações necessárias para apreender racionalmente o objeto e a importância do objeto: assim como haveria desproporção entre a pesquisa científica e o que acontece durante uma parte do jogo [...]. (Saussure, 1891. Sobre a essência dupla da linguagem; folha 215; arch 271 bis. Transcrição e tradução de Silveira (2016)).

Conforme Silveira (2016, p. 187), Saussure evidencia, em sua escrita, processos de reformulação nos quais dedica atenção à Linguística como campo do saber afetado pela natureza do seu objeto. Saussure deixa claro que, quanto mais se avança no conhecimento desse saber, mais são exigidos novos reposicionamentos. Silveira (2016) observa os movimentos de escrita de Saussure, que demonstram dúvidas e oscilações epistemológicas/conceituais pretendidas pelo autor. Silveira interpreta esses movimentos como uma reflexão de Saussure sobre a questão.

Antoine Meillet, associado à linha teórica do Estruturalismo, reforça a ideia da língua como um fato social, o importante trabalho “*Les langues dans l'Europe nouvelle*” publicado em 1918 traz significativas contribuições ao estudo histórico e sociológico das línguas.

Influente linguista americano do século XX, representante da Gramática Gerativa ou Gerativismo que teve seu início no final da década de 1950, Noam Chomsky assume a ideia gerativista de que a capacidade de produzir e compreender a linguagem é inata aos seres humanos, é uma dotação genética. O autor distingue a linguagem em competência que diz respeito ao conhecimento intuitivo da língua e desempenho que se refere ao uso real da língua em situações concretas.

Para Chomsky (1965), o ser humano nasce dotado de uma Gramática Universal (GU), que condiz aos princípios pertencentes à faculdade da linguagem e de parâmetros fixados pelas experiências. Em sua concepção cada língua é o resultado da interação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Em relação ao primeiro, afirma que é comum no âmbito da espécie e é caracterizado por “mecanismo de aquisição de linguagem” ao que chama de “*input*”, pode-se defini-lo como dados de entrada, esse estado relaciona-se à experiência. Já, o segundo, seriam os dados de uma língua específica, por exemplo, sentenças ouvidas no contexto e fornece como saída o “*output*” que se refere à gramática internalizada pelo falante, (Mussalim, 2009, p. 74).

As abordagens Funcionalistas, conforme apresentado por Mussalim (2009), de modo amplo, admitem a ideia de que a linguagem é um instrumento de comunicação e interação social, cuja forma se adapta às funções que exerce. Dentro desse ponto de vista funcional, encontra-se a Escola Linguística de Praga, que teve seu início a partir de 1920. Um pioneiro desse período é Roman Jakobson que estendeu a outras funções, a noção de função da linguagem, restrita à referência da teoria estruturalista. As funções admitidas por Jakobson consideram os participantes da interação, a função emotiva, a função metalinguística, a função poética, a função conativa e a fática, outros fatores da comunicação e o próprio código.

Nesse postulado, segundo Mussalim (2009), o interesse pela variabilidade linguística começou a ganhar destaque no Círculo de Praga ao abordar uma visão mais dinâmica e funcional da linguagem que se conecta às condições de uso e aos contextos sociais que acabam por influenciar sua forma e seu desenvolvimento. Dentre as diversas vertentes e abordagens desse rótulo teórico Funcionalista pode-se citar Michael Halliday, da Escola de Londres, que entende a língua como recurso para criar significados que são utilizados em contextos sociais.

De acordo com a Análise do Discurso (AD) a língua possui um funcionamento parcialmente autônomo, pode-se dizer que uma língua funcione seguindo regras próprias de fonologia, morfologia e sintaxe. Porém, essas regras são postas a funcionar segundo o processo discursivo de que se trata numa certa conjuntura. Para a AD, a língua não é transparente, mas tem uma ordem própria. Essa abordagem teórica, não tem uma teoria da língua, uma teoria da gramática da língua que concorra com algum funcionalista ou com a Gramática Gerativa Tradicional, sua especialidade se pauta no campo do sentido. Sendo assim, a universalidade e a generalidade estão excluídas da AD, (Possenti, 2021, p. 536).

A partir de 1960, nos Estados Unidos, o termo sociolinguística começou a ganhar força principalmente pelos trabalhos desenvolvidos por Labov, fato que, em sentido amplo, o coloca na condição de fundador da sociolinguística, ou em um ramo específico, diga-se a Sociolinguística Variacionista. Em sua obra *Sociolinguistic Patterns*, declara “por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (Labov 2008, p.13 [1972]).

O autor enfatiza que a linguagem não é homogênea, mas é reflexo das dinâmicas sociais. A Sociolinguística laboviana, sem se limitar estritamente à visão do estruturalismo, constituiu um pouco dele, não na ótica saussuriana que pensava a língua enquanto sistema imutável e abstrato, mas ao considerar a língua dotada de variação e mudança. O autor considera o gerativismo, enquanto vê a linguagem como meio para a expressão do pensamento. Além disso, Labov considera que a língua não serve só para a comunicação, não só para a expressão do pensamento, nem somente para a interação, como teoriza o funcionalismo, para Labov, a língua engloba todas essas funções. Porém, admite que ela depende de questões de natureza social.

Em seus diversos e importantes trabalhos como *The Social Stratification of English in New York City* (1966); *Sociolinguistic Patterns* (1972), evidenciou como a língua varia e se transforma em relação aos diferentes contextos sociais.

Para Bagno (2017, p.442), a sociolinguística buscou “romper com a tradição de compartimentação das áreas de conhecimento e a buscar vínculos e conexões com outras ciências humanas e sociais: a antropologia, a sociologia, a psicologia social, a pedagogia, a história, as ciências políticas, etc.” Como observa Bagno, não se pode dizer que existem fronteiras disciplinares dentro desta disciplina. Todavia, deve-se considerar tais abordagens situadas num *continuum*, diga-se, num *continuum* de interesse, que pode vir desde o “mais linguístico até o mais sociocultural, com ampla zona intermediária”, como por exemplo, a Sociolinguística Variacionista. A referência a essa teoria se justifica pela sua recorrência “aos

fenômenos de ordem social para explicar os fenômenos linguísticos”. De modo específico, no que diz respeito à mudança linguística. Assim, nessa abordagem “o foco estaria em como a língua é configurada pela sociedade”.

Tarallo (1986) baseia sua análise nos estudos de Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]); Labov (1966; 1972); Chomsky (1965) analisa pressupostos da teoria Gerativista, tece algumas reflexões acerca da competência linguística. Corrobora Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) ao estabelecer a relação entre língua e sociedade. O autor traz a abordagem sobre o “caos” linguístico e situa a língua falada como heterogênea e diversificada. Ainda, desafia o interlocutor a analisar os pressupostos teóricos de Chomsky (1965), ao tratar o objeto dos estudos linguísticos, “competência linguística do falante ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea”. O falante-ouvinte ideal, concebido por Chomsky não parece tão “falante-ouvinte”, nem tampouco “ideal” (Tarallo, 1986, p. 6).

Nessa perspectiva, caracteriza a língua falada, como heterogênea e diversificada. Pressupõe que essa situação de heterogeneidade precisa ser sistematizada. Esse pressuposto abre espaço para questionamentos como o que segue: se o caos ou a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados como seria possível ocorrer o entendimento e a comunicação entre os membros de uma comunidade linguística, uma vez que há a diversificação linguística e isso, portanto não os impede de se comunicarem, nem de se entenderem.

A partir desse ponto de vista, Tarallo (1986) encontra uma possível resposta, ou seja, a teoria da variação linguística. Para o autor, nessa teoria, há lugar para o “caos” linguístico, ou seja, a heterogeneidade ordenada, que pode ser considerado neste modelo teórico-metodológico como objeto de estudo. Desse modo, tem por objetivo “analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala[...]” (Tarallo, 1986, p. 6). Para implementar suas concepções, o autor corrobora Labov, visto que, em suas discussões, insiste na relação entre língua e sociedade, e na possibilidade virtual e real de se sistematizar a variação existente na própria língua falada.

Nessa perspectiva, a teoria, método e objeto são pontos que se deve pensar quando se trata de delimitar quais elementos deveriam ser os precursores para a implementação da metodologia (Tarallo, 1986). Em sua óptica, apresenta de forma metafórica, o modelo teórico metodológico da Sociolinguística, o descreve como parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente, para o autor esse é o ponto de partida.

Diante o exposto, para Tarallo (1986), a língua falada é o objeto de estudo da Sociolinguística. Nesse campo teórico, a coleta dos dados para posteriores análises, deve

ocorrer em ambientes ou situações em que a fala não ocorra de modo monitorado pelo falante. Para aos estudos sociolinguísticos é o vernáculo espontâneo que será a base para a coleta de dados e análises linguísticas e, por sua vez, esse, só surgirá por meio da língua falada empregada em situações em que os indivíduos interagem espontaneamente com os familiares, grupos de amigos, nos clubes, entre outros exemplos, ou seja, a língua exercida dentro da comunidade de prática.

No entanto, esse trabalho de coleta do vernáculo não é uma tarefa fácil. Os dados coletados precisam ser confiáveis, e a presença do pesquisador na coleta pode interferir nesses resultados. Assim, Tarallo (1986) discute alternativas para amenizar as interferências na coleta de dados sociolinguísticos. Para tal, sugere o papel do pesquisador-observador, ressaltando que, nessa tarefa, o sociolinguista deve controlar certos aspectos dos dados e, ao mesmo tempo, participar da interação com os falantes. No entanto, essa participação dá origem ao paradoxo do pesquisador, conforme apontado por Labov (1972), tornando essencial a adoção de estratégias metodológicas que reduzam seus efeitos. Métodos como entrevistas, sociolinguísticas estruturadas e a coleta de narrativas de experiência pessoal são algumas das alternativas para garantir dados mais espontâneos, minimizando assim a influência do pesquisador e dos instrumentos utilizados. Desse modo, é necessário que o sociolinguista demonstre habilidade no processo de condução da entrevista.

Tarallo (1986) sugere que o pesquisador, ao conduzir a investigação de dados, contribua com a unificação da língua nacional por meio de instituições que formalizam o uso da linguagem, como a mídia. O objetivo é realizar uma comparação em que é possível observar o fato dessas instituições formalizadoras enfatizarem a norma culta padrão, assim será possível notar a presença de traços variáveis da fala.

Ressaltamos que, para o autor, os estudos realizados sobre a linguagem têm como objetivo buscar respostas que ajudem a compreender a relação linguagem e sociedade; uma vez que esses elementos estão interligados. Isso, pelo fato de o ser humano, no decorrer de sua evolução ter sempre buscado formas de se comunicar. Portanto, Tarallo (1986) acredita que para o entendimento dessa relação, linguagem e sociedade, um trabalho investigativo deve ser minuciosamente realizado. Nessa obra, não traz respostas, como se observa nas descrições, mas orienta o pesquisador como deve proceder diante de uma pesquisa sociolinguística para que se tenha a compreensão de como ocorre o processo de variação. Seu trabalho representa uma contribuição significativa para os pesquisadores da área.

Scherre (2005) posiciona-se acerca da língua, fala e escrita. Concebe a fala como um evento natural, inerente ao ser humano independentemente da localização geográfica, da cor de pele, da cultura, do ensino formal, desde que seja um ser humano, está apto a desenvolver os mecanismos de fala. Sobre a língua, afirma ser um sistema de comunicação articulado de maneira dupla, ou seja, composto por unidades sonoras e unidades significativas, denominadas de língua natural ou língua humana. Nessa perspectiva, a língua é o que difere o ser humano dos outros animais. Por sua vez, a condição de ser humano predispõe a capacidade de falar. O fato de falar deve-se à internalização ou especialização de “uma língua natural específica a partir do ambiente social em que vivemos: o domínio de uma ou mais línguas humanas é uma capacidade específica da espécie humana.” (Scherre, 2005, p. 9).

Por conseguinte, a autora considera as línguas humanas, não apenas excelentes instrumentos de comunicação, mas também parte e reflexo da cultura de um povo funcionando como mecanismos de identidade. Nesse sentido, Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) e Tarallo (1986) corroboram essa visão, enquanto Scherre (2005, p. 10, *sic*) destaca que a língua permite que um “povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.”

Nesse contexto, para Scherre (2005) constitui um dever e responsabilidade social ter um olhar atento à língua ou às línguas considerando-se a multiplicidade de aspectos e por meio de uma análise apurada das formas linguísticas, e sem julgamento de valor. Logo, refletir sobre a língua, pressupõe um olhar sob a língua em uso, realizada por falantes inseridos em suas práticas sociais.

Por sua vez, ao tratar de sociedade pressupõe concepções, papéis, modos de pensar e agir diferentes, modos de falar diferentes. Por conseguinte, crenças de que a forma de uso da língua pode adquirir um grau superior ao outro, surge, pois, conforme tais crenças, o preconceito linguístico.

A partir desse termo, passível de indignação, Scherre (2005) considera-o um papel desumano que podemos desempenhar por meio das línguas humanas, como exercício do poder desmedido, a prática do preconceito sem lei, que nos leva a subjugar o outro, a alijar o outro do processo produtivo, a diminuir a sua auto-estima, a fazer o outro se sentir incapaz, se sentir inferior, tudo por meio de formas linguísticas (Scherre, 2005, p. 10, *sic*).

Scherre (2005) nos mostra a necessidade do respeito a todas as manifestações de linguagem sejam essas formas de prestígio ou sem prestígio; que não haja o desejo de mudar a fala do outro nem mesmo atitudes e intenções que silenciem a voz do outro. Como ratifica a

autora, o respeito entre nós, animais humanos, é necessário para enfim alcançarmos o respeito linguístico.

Nesse sentido, pode-se entender respeito linguístico como a convivência harmoniosa e respeitosa das diferentes formas de falar, tanto no que diz respeito às diferenças entre as línguas quanto nas diferenças das variedades no interior de uma dada língua. Conforme preconiza a autora, as diferenças linguísticas são mecanismos identitários.

Tendo explorado o papel do contexto social na formação e na variação da linguagem, é essencial agora, tratar da abordagem quantitativa desta área. A sociolinguística quantitativa, ao empregar métodos estatísticos na análise da variável linguística, permite não somente identificar padrões de variação, mas compreender os fatores sociais e linguísticos que os influenciam. O cruzamento de variáveis, por exemplo, contribui para uma interpretação mais precisa dos fenômenos linguísticos.

A sociolinguística quantitativa nos traz uma grande contribuição, porém

o trabalho quantitativo não é um substituto, mas sim complementa a análise linguística. Varbrul² apenas realiza manipulações matemáticas em um conjunto de dados. Não nos diz o que os números significam, muito menos faz linguística para nós. Se estamos perguntando: “O que é uma boa generalização linguística?”, a resposta vem de nossa teoria linguística, não de um programa estatístico (Guy,³ 1988, p. 133. Tradução nossa).

Nesse sentido, é preciso que o pesquisador conheça a teoria linguística, bem como suas suposições e princípios variacionistas; selecione os dados, analise as variáveis linguísticas e sociais, estabeleça critérios de codificação de suas variáveis, analise os dados, interprete-os, descreva-os para que enfim possa estabelecer os resultados alcançados. É um trabalho que requer seriedade e dedicação.

Os métodos quantitativos de pesquisa de variação e mudança linguística se desenvolveram no início dos anos 1970 e evoluem desde então, (Tagliamonte, 2012). De acordo com Tagliamonte (2012), a sociolinguística foi um dos primeiros subcampos da linguística a abraçar o uso dessa ferramenta estatística.

² Pacote de software que os variacionistas tendem usar, também chamado de programa de regra variável (Cedergren e Sankoff 1974), Godvarb 2.0 (Rand e Sankoff 1990) ou Goldvarb X (Sankoff 1988; Sankoff; Tagliamonte e Smith 2005), conforme afirma Tagliamonte (2012).

³ [...] “that quantitative work is not a substitute for but rather an adjunct to linguistic analysis. Varbrul Only performs mathematical manipulations on a set of data. It does not tell us what the numbers mean, let alone do linguistics for us. If we are asking: ‘What is a good linguistic generalization?’, the answer comes from our linguistic theory, not from a statistics program”, Gregory Guy (1988, p. 133).

Para Guy e Zilles (2007), toda pesquisa, seja dialetal, geográfica ou social, é inerentemente quantitativa. Cada vez mais, esses estudos se apoiam na metodologia padrão da análise quantitativa, que utiliza tabelas e gráficos para a apresentação de dados, além de medidas estatísticas que convergem ao claro objetivo de resumir informações e realizar inferências sobre elas. Diga-se também, caminham ao encontro de testes de significância e confiabilidade, além de técnicas analíticas quantitativas. Os autores consideram três fases principais no curso de qualquer análise quantitativa, são elas: i) coleta de dados, ii) redução e apresentação de dados, iii) interpretação e explicação de dados.

A primeira fase envolve a seleção e obtenção de dados linguísticos em contextos reais de uso. Guy e Zilles (2007) sugerem questionamentos nos quais o pesquisador deve encontrar meios de respondê-los, como por exemplo: como obtemos os dados? Os dados são válidos para refletir sobre o fenômeno investigado? Os procedimentos para a obtenção dos dados são confiáveis e reproduzíveis? O que pode ser feito para minimizar a parcialidade dos dados? Enfim, conforme nos dizem os autores, os pesquisadores devem definir critérios para a amostragem, a fim de garantir que os dados sejam de fato representativos da variação em estudo.

Em relação à fase redução e apresentação de dados, é subsequente à coleta dos fatos ou informações coletadas, que necessitam ser organizadas e codificadas para a análise. Essa fase diz respeito ao modo como o pesquisador lança seu olhar sobre os dados e os resume. Sendo assim, essa etapa inclui a identificação de variáveis linguísticas e sociais, além da aplicação de métodos estatísticos para visualizar padrões e tendências.

Já na fase final, interpretação e explicação de dados consiste na análise dos resultados obtidos, é nesta fase que se busca explicações para os fenômenos linguísticos observados. Segundo Guy e Zilles (2007) esse é o momento reservado para que os pesquisadores relacionem os dados às teorias sociolinguísticas e interpretem os fatores que influenciam a variação linguística. Conforme os autores, diversos métodos quantitativos podem auxiliar na extração de informações, permitindo realizar inferências, testar hipóteses e interpretar resultados.

As reflexões apresentadas pelos autores, nessa seção, oferecem um amplo leque de discussões sobre as concepções da função social da linguagem, abrangendo abordagens estruturalistas, gerativistas, funcionalistas e sociolinguísticas. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de ampliar as pesquisas, permitindo a coleta, comparação e análise de novos dados. Esses esforços são essenciais para aprofundar a compreensão do comportamento atual em relação à concordância de número do português falado em Belo Horizonte.

Considerando a língua em sua heterogeneidade ordenada, a próxima subseção aborda conceitos essenciais a essa compreensão.

2.2 Variação linguística

A partir da publicação dos Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança, (Weinreich; Labov; Herzog 2006 [1968]) e dos Padrões Sociolinguísticos (Labov 2008 [1972]) inaugura-se a Sociolinguística Variacionista. Alguns conceitos como variação, variante, variável, variedade, foram investigados e estabelecidos, nesses trabalhos, para abranger essa teoria. Faremos uma breve conceituação desses termos por entendermos que são relevantes para as discussões que seguirão nesta tese.

A variação diz respeito ao processo em que duas ou mais formas distintas podem ocorrer em diversos contextos linguísticos com o mesmo valor referencial ou o mesmo valor de verdade, ou seja, o mesmo significado. Essas formas de uso da língua podem ser influenciadas por fatores como região, classe social, época e contexto comunicativo. Para a realização da variação duas exigências devem ser atendidas: (i) ser intercambiáveis no mesmo contexto e (ii) devem preservar o mesmo significado. No estudo de Loregian-Penkal (2004), que trata da (re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul, podemos compreender, através dos exemplos, o conceito de variação. Nessa tese, a autora concluiu que a variação observada tanto na comunidade quanto no indivíduo indica, por um lado, a preservação do pronome “tu” como símbolo de identidade e de valores regionais. Todavia, essa manutenção acontece com uma forma verbal não-marcada e um maior preenchimento do pronome sujeito nas quatro cidades do Rio Grande do Sul e em Chapecó, Santa Catarina. Já os resultados de Florianópolis e Ribeirão da Ilha indicam que a marca de identidade do ilhéu está associada ao uso da flexão verbal canônica de segunda pessoa. Por outro lado, os informantes de Lages, e em menor grau os de Blumenau são aqueles que demonstram um avanço mais significativo em direção ao uso de “você”. Desse modo, considera-se variação o emprego de tu/você na fala dos investigados.

Para a compreensão de variável, de modo mais abstrato, pode-se dizer que corresponde ao lugar na gramática em que situamos a variação. Em relação à ideia de variável, Lavandera (1978) apresentou uma crítica à extensão do conceito para além da fonologia. Segundo a autora, “os estudos quantitativos de variação que lidam com a alternância morfológica, sintática e

lexical sofrem com a falta de uma teoria articulada dos significados” (Lavandera⁴, 1978, p. 171). Para ela, enquanto essas ideias são eficazes para as variáveis fonológicas, são menos reveladoras em relação à variação não fonológica. A autora não sugere que a pesquisa quantitativa não deva se limitar à fonologia, mas atribui “um status diferente a esses dados porque eles precisam de mais interpretação; eles não constituem, por si só, uma análise definitiva”, Lavandera⁵ (1978, p. 171).

Diante desses posicionamentos, diversos debates foram desenvolvidos e acarretaram a criação e aperfeiçoamento tanto de ferramentas quanto de metodologias quantitativas adequadas para lidar com outros aspectos da variação linguística, ou seja, para além da fonologia. O surgimento de softwares de análise estatística como Varbrul (1974), SPSS (1960) foram melhorados gradualmente. Ferramentas computacionais como AntConc⁶ (2004), Goldvarb X⁷ (2005), o aplicativo de criação de planilhas eletrônicas Excel ou Microsoft Excel (1987), o programa R (2017), também ganharam espaço, tanto na criação quanto no aperfeiçoamento dos dados. Além disso, surgiram metodologias qualitativas complementares como a Análise do discurso e o Estudo de caso. Essas ferramentas aliadas às metodologias auxiliam na integração das abordagens quantitativas e qualitativas o que permite uma análise mais detalhada da variação linguística. Como se observa o desenvolvimento desse arcabouço teórico-metodológico e tecnológico se originou a partir das críticas de Lavandera (1978) e foram responsáveis pelo refinamento dos estudos da variação linguística observados nos trabalhos subsequentes, Guy (1981); Scherre (1988); Scherre e Naro (1988; 2007); Loregian-Penkal (2004); Welchen (2009); Oushiro (2015), Araujo (2017), entre outros.

Retomando a reflexão anterior, nos estudos de Loregian-Penkal (2004) a variável é a expressão pronominal da segunda pessoa do singular. Em relação às variantes, denominadas as formas individuais que disputam pela expressão da variável, no estudo de Loregian-Penkal (2004), os pronomes tu e você são as variantes. Já, a variedade diz respeito à fala de uma comunidade em sua totalidade, abrangendo todas as suas especificidades, tanto categóricas quanto variáveis; equivale a um dialeto ou modo de falar.

⁴“the quantitative studies of variation which deal with morphological, syntactic, and lexical alternation suffer from the lack of an articulated theory of meanings”.

⁵ “a different status to such data because they need further interpretation; they do not in themselves constitute a definitive analysis”.

⁶ É um concordanciador, programa computacional de uso livre, seu criador Laurence Anthony, linguista e professor na University of Waseda, Japão.

⁷ O Goldvarb X é um programa estatístico computacional desenvolvido por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005). Em termos metodológicos é uma ferramenta chave da Sociolinguística Variacionista. Encontra-se disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Examinamos outro trabalho, Oushiro (2015) teve por objetivo central analisar em uma sociedade amplamente heterogênea, de um ponto de vista sociodemográfico, as inter-relações entre a expressão de identidades sociais, por meio de usos linguísticos e a possível influência dos significados sociais desses processos de variação e mudança linguística.

Observamos que a variante, no trabalho de Oushiro (2015), pode ser definida pelas formas específicas de concordância verbal empregadas pelos falantes, como a presença ou ausência da marca zero nas formas 1PP e de 3PP. A variável corresponde ao fenômeno da concordância verbal propriamente dito, que apresentou diferentes realizações a depender de fatores sociais e linguísticos.

A variedade linguística corresponde à forma geral de fala da comunidade estudada, levando em consideração suas tendências de uso da concordância verbal e os diferentes grupos sociais que adotam essas formas. Avaliamos, neste trabalho, a Figura Status de CV-Ø⁸ em 1PP e 3PP: ⁹análise conjunta de dados. Por meio dela, a autora constatou que os falantes menos escolarizados, de classe econômica mais baixa e mais enraizados em seus bairros apresentaram tendências a CV-Ø significativamente maiores em 1PP do que em relação à 3PP, esse fato não foi observado em outros grupos de falantes. Oushiro (2015) inferiu que esse fato pode ser uma possível motivação para o maior estigma de CV-Ø para a 1PP relativamente a 3PP, ou seja, a marca zero de 1PP é favorecida por grupos em que a fala tem a maior probabilidade de ser estigmatizada socialmente. A variação linguística refere-se às diferentes formas que um fenômeno pode assumir dentro de uma comunidade de fala. Oushiro (2015) verifica que a variação ocorre no modo como os falantes empregam a concordância verbal de primeira pessoa do plural (1PP) e terceira pessoa do plural (3PP). Neste contexto observado, há uma forte tendência da marca zero de concordância em 1PP.

Vale ressaltar que essa variação é influenciada por fatores sociais como escolaridade, classe social, e mobilidade. Esses fatores especificam as preferências por determinadas formas verbais como a presença ou a ausência da marca zero. Dito de outro modo, os diferentes grupos sociais apresentam padrões distintos no uso da concordância verbal na comunidade investigada.

Conforme observado, a variação linguística é influenciada por uma série de fatores que moldam a maneira como os falantes utilizam a língua. Esses fatores podem ser categorizados

⁸ O termo CV-Ø refere-se à ausência de marcação explícita de concordância verbal, ou seja, casos em que o verbo não flexiona conforme a norma padrão.

⁹ No trabalho de Oushiro (2015) o termo (1PP) significa primeira pessoa do plural e (3PP) significa terceira pessoa do plural.

em dois grupos principais: condicionantes internos e condicionantes externos. O primeiro grupo relaciona-se à estrutura e ao funcionamento da língua, e o segundo grupo, condicionantes externos, está ligado ao ambiente social, histórico e cultural dos indivíduos. Ao passo que aspectos internos envolvem fenômenos como processos fonológicos, morfológicos e sintáticos, os fatores externos tratam de questões que envolvem a interação social, a identidade cultural e transformações históricas. A interação entre os fatores externos e internos comprova a dinamicidade da linguagem bem como a sua capacidade de adaptar às necessidades comunicativas dos falantes.

Na próxima subseção voltamos nossa atenção para os condicionantes internos e externos.

2.2.1 Condicionantes internos e externos

Guy (1981); Scherre; Naro (1997; 2007); Oushiro (2015) e outros estudiosos da área, corroboram a ideia de que a variação na concordância de número ocorre em função de variáveis linguísticas e não-linguísticas.

Considerando as análises realizadas, Guy (1981, p. 102) concluiu que nos dialetos populares brasileiros a concordância de número funciona de modo bem variável. Verifica que essa variação é bem visível tanto no sintagma nominal (NPA) quanto no sujeito - verbo (SVA). Constata que em relação ao sintagma nominal, brasileiros da classe trabalhadora tendem à redução do número de marcadores de plural para apenas um e no decorrer da frase tendem a aplicá-la uma ou duas vezes no início, deixando o restante da frase sem marcação. Os exemplos que seguem foram extraídos de Guy (1981, p. 105-106).

Exemplo: 1

Nós fazia aquele ... (8-1A:664)

“Nós estava fazendo” (singular da terceira pessoa) aquele...”

Exemplo: 2

A gente fizemo... (8-1A; 664)

“O povo (singular da terceira pessoa) fez (plural de primeira pessoa) ...”

Os exemplos 1 e 2 referentes à concordância entre sujeito - verbo (SVA) mostram que a variação pode ocorrer tanto em número quanto em pessoa; percebe-se que essa análise depende da perspectiva do falante e do contexto. Em frases que apresentam um verbo em determinado tempo-modo, como nos exemplos 1 e 2, em que há apenas uma forma disponível no singular, essas ocorrências podem ser interpretadas como casos de variabilidade de número, em vez de variabilidade de pessoa.

Guy (1981) afirma que em seus dados, geralmente a ocorrência se restringe ao uso ocasional de formas de terceira pessoa do singular no lugar de primeira pessoa do plural e vice-versa. Atribui essa confusão entre o uso de “nós” e a expressão “a gente” para se referir ao falante e outros.

Para o autor, a variabilidade em número na SVA é muito mais pronunciada. Observou que nos casos de ocorrências do sintagma nominal e ocorrências de sujeito - verbo a variabilidade é registrada na direção do número não marcado, singular em vez de plural. Guy atribui essas ocorrências em razão da posição do sujeito na superfície. Segundo o autor, sujeitos pospostos são menos propensos à concordância verbal do que sujeitos antepostos. Um outro fator que pode provocar a falta de concordância de número na perspectiva da norma padrão envolve a morfologia da marcação plural do verbo. Nessa direção, quando a forma plural de um verbo é marcadamente diferente da forma singular, a SVA é muito mais provável de ocorrer.

O exemplo 3, a seguir, é apontado por Scherre e Naro (1997) como caso de variação inerente, conforme Labov (1975). Os autores afirmam que fenômenos dessa natureza têm sido amplamente estudados. As análises realizadas foram extraídas do banco de dados do Corpus Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL).

Exemplo: 3

Concordância verbo/sujeito

... eles GANHAM demais da conta (variante explícita);

... eles GANHA0 demais (variante zero).

Essas ocorrências foram examinadas de acordo com os seis níveis da escala de saliência e se enquadraram no nível 1b, que envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural. Os autores constataram que os níveis mais baixos de hierarquia da saliência favorecem menos a concordância do que os níveis mais altos.

Para Scherre e Naro (1997) os fenômenos analisados estão diretamente influenciados por variáveis sociais, que no caso foram anos de escolarização, sexo, faixa etária, revelando restrições impostas aos falantes devido ao estigma associado à variante zero em relação às normas gramaticais vigentes.

De acordo com os estudos sobre o deslocamento do controle da concordância verbal, Scherre e Naro (2007) constataram que diversos fatores como tipo de sujeito, traço morfológico de número, traço semântico-discursivo de animacidade e saliência da oposição singular/plural atuam na retenção do controle da concordância pelo núcleo do sujeito e no deslocamento deste controle para o núcleo do sintagma nominal encaixado no sintagma preposicional. Vejamos os exemplos 4 e 5 de Scherre e Naro (2007, p. 134) que evidenciam a atuação de alguns fatores mencionados.

Exemplo: 4. a, b

- a) A **vida** dos miseráveis se **tornou** mais miserável ainda
- b) Dia **das mães** deixa**M** os shoppings otimistas

Exemplo: 5. c, d

- c) **maioria** dos deputados **encenou** um espetáculo de oportunismo político explícito
- d) A maioria **dos pais** impõe**M** restrições à prática das crianças de assistir televisão

Em 4a e 4b, o núcleo do sujeito é um substantivo singular não-quantitativo, respectivamente, **vida** e **dia**; o núcleo do sintagma nominal encaixado é também um substantivo não-quantitativo plural, miseráveis em 4a e **mães** em 4b. O verbo em construções desta natureza ocorre tanto no singular quanto no plural: concorda com **vida** (núcleo hierarquicamente mais alto), em 4a; e com **mães** (núcleo hierarquicamente mais baixo); em 4b.

Em 5c e 5d, o núcleo do sujeito é constituído por um substantivo quantitativo singular **maioria**, e o sintagma encaixado contém um substantivo não-quantitativo plural: **deputados** em 5c e **pais** em 5d. Desse modo, o verbo pode alternar entre singular e plural, seguindo o núcleo de maior ou menor hierarquia sintática. Em 5c, a concordância se realiza com **maioria**, que constitui um elemento predominante na estrutura, ao passo que em 5d, acontece concordância verbal com **pais**, ainda que esteja subordinado ao núcleo inicial, está diretamente influenciando a concordância verbal.

Após observar alguns exemplos dos estudos realizados, a conclusão a que se pode chegar é a de que os fenômenos investigados são moldados tanto por condicionantes internos, ligados às estruturas internas da língua, quanto por condicionantes externos que refletem fatores sociais, culturais, contextuais. A interação entre esses aspectos evidencia a complexidade dos processos linguísticos e reforça a necessidade de abordagens integradas para que se possa compreender plenamente as variações observadas.

A próxima subseção mostra os esforços desempenhados por Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) a fim de traçar os passos iniciais dessa teoria da mudança e variação, bem como o empenho de Labov (2008 [1972]) para planejar e aplicar o percurso metodológico da variação e mudança linguística.

2.2.2 Princípio da variação

Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) analisaram de forma crítica as tradições neogramáticas e da linguística estrutural, identificando os paradoxos presentes nelas, basearam-se em estudos empíricos para aprofundar a investigação. Assim, sistematizaram um conjunto de princípios para o estudo da mudança baseado na compreensão profunda da língua como um fenômeno marcado pela heterogeneidade estruturada e organizada.

Nesse conjunto de princípios concebem a língua como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada, seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico. Desse modo, propõem bases e discussões sobre a fundamentação empírica de uma teoria da mudança linguística. Tais bases têm como meta a superação dos paradoxos da homogeneidade da língua difundidos pelas teorias estruturais que auxiliaram na constituição da linguística histórica.

Reconhecem a contribuição significativa de postulados da Linguística Estrutural que tinham a ideia da língua como sistema estruturado, como também o foco na sincronia, a regularidade das mudanças fonéticas, limitações aos enfoques estruturais da língua, no caso aspectos internos. Além disso, reconhecem o enfoque funcional que subordina o estudo do sistema ao uso e, deste princípio, deriva a necessidade de descrever expressões verbais relativas ao seu funcionamento em contextos sociais específicos. Ainda, admitem algumas considerações dos neogramáticos que teorizaram o caráter categórico das leis fonéticas, acreditando que as mudanças se espalhavam por toda a comunidade e por todos os itens lexicais de modo uniforme. Admitem o foco no estudo histórico-diacrônico das línguas e a mudança da língua que poderia

ser explicada por fatores internos ao sistema linguístico como alterações articulatorias e influências fonológicas.

Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) baseiam-se em tais concepções e articulam-nas em seus discursos a fim de proporem fundamentos empíricos para a construção de uma teoria da mudança linguística. Isso, por acreditarem que tais postulados podem e devem ser complementados, pelo fato de não conseguirem explicar teórica e empiricamente a língua como sistema homogêneo, sugerindo dessa maneira, a heterogeneidade presente nas línguas.

Os autores pensavam que para se obter a confirmação dessa heterogeneidade ordenada seria necessário considerar e descrever dados empíricos. Portanto, sentiram a necessidade de solucionarem cinco grandes problemas: i) o problema dos fatores condicionantes, ii) o problema da transição, iii) o problema do encaixamento, iv) o problema da avaliação e v) o problema da implementação.

Em relação ao problema dos fatores condicionantes, Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) procuraram investigar quais seriam as possíveis transformações e quais fatores poderiam influenciar mudanças em uma determinada estrutura. Além disso, investigaram quais fatores condicionantes internos ou externos poderiam provocar essas alterações. Consideraram que seria importante realizar um levantamento dos fatores internos, no caso, a estrutura da língua e dos fatores externos que dizem respeito aos fatores sociais e estilísticos. Como ilustração, mencionamos Oushiro (2015) em sua tese de doutorado, na qual investigou a concordância verbal de 1PP e 3PP em São Paulo. A autora concluiu que a marca zero de 1PP é mais favorecida em relação à de 3PP em relação aos falantes menos escolarizados, de classe mais baixa e de menor mobilidade.

Para tratar do problema da transição, Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) se preocuparam em demonstrar que a mudança não acontece de forma abrupta, ou seja, acontece uma substituição de modo lento e gradual em que diferentes variantes coexistem e competem entre si. Desse modo, uma forma predomina sobre a outra enfraquecendo sua ocorrência até que chegue ao ponto de uma forma assumir a realização da outra, efetuando assim a completa consolidação em detrimento da forma anterior. A exemplo disso, pode-se citar Naro (1981) que analisou a variável orientação social na comunidade de fala carioca e constatou que a regra de concordância sujeito/verbo apresentou mudança lenta em direção a um sistema enquanto o outro grupo resistiu à mudança restaurando o mesmo sistema. Ainda, é fundamental mencionar Scherre e Naro (1991) ao analisarem a concordância do sintagma nominal da comunidade de fala carioca e constatarem fluxos e contrafluxos envolvendo essa comunidade.

O problema do encaixamento também se desdobra nos planos linguístico e social, esses dois planos moldam a variação e a mudança linguística, conciliando à perspectiva de que não é possível compreender a mudança de modo isolado, mas como parte de um sistema mais amplo. Neste caso, pode-se citar o próprio Labov (2008 [1972]) com seu trabalho realizado na ilha de Martha's Vineyard, sobre a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/, o autor conclui que

A centralização de (aw) era parte de uma mudança mais geral que começou com a centralização de (ay). Essa mudança inicial procedia de um nível moderado de centralização de (ay) que era provavelmente um traço regional e recessivo, herdado dos primeiros colonizadores da ilha. O aumento da centralização de (ay) começou numa comunidade rural de pescadores ianques, descendentes diretos daqueles primeiros colonizadores. A partir dali, ela se difundiu entre falantes do mesmo grupo étnico de outras profissões e outras comunidades. A variável (aw), estruturalmente simétrica, começou a exibir tendências semelhantes ao processo iniciado com (ay). A mudança também foi adotada pelo grupo indígena vizinho em Gay Head e, uma geração mais tarde, se difundiu pelo amplo grupo de portugueses nas partes mais povoadas da ilha. Nesses dois grupos étnicos, a centralização de (aw) alcançou e ultrapassou a centralização de (ay) (Labov 2008, p. 200-201 [1972]).

Como observa Labov (2008 [1972]), por meio do encaixamento sociolinguístico da variável na comunidade é possível explicar o fato de que a variante não padrão seja mais empregada na comunidade de Martha's Vineyard, seu uso representa uma forma de demarcação do espaço e da identidade cultural dessa comunidade.

Em relação ao problema da avaliação observa-se que Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) procuram investigar a maneira como podem ser analisadas, avaliadas as mudanças observadas, quanto aos seus impactos na estrutura da língua, sobre sua eficiência comunicativa (carga funcional) e na diversidade de fatores não linguísticos relacionados à fala. Pode-se depreender que esse problema tem por objetivo analisar o modo como os falantes avaliam as formas que se alternam na língua, as variantes linguísticas. Sendo, portanto, essencial a avaliação como meio de estimar a potencial implementação de uma mudança, Lucchesi (2015, p. 32). Como exemplo desse problema, Labov (2008 [1972]) concluiu que um valor social associado à centralização de (ay) e (aw) indicava que quanto mais um indivíduo da ilha de Martha's Vineyard se sentisse capaz de reivindicar e manter o status como um habitante nativo da ilha, adotaria com maior intensidade a centralização de (ay) e (aw).

Por fim, o problema da implementação que sintetiza todas as questões anteriores e busca responder: por que a mudança ocorreu num tempo e lugar particulares e não em outros. As

explicações acerca da implementação da mudança só podem ser disponibilizadas após o acontecimento dos fatos. A perspectiva da mudança através de um enfoque casual evidencia uma das limitações teórica e epistemológica do programa variacionista. Isso acontece na medida em que a abordagem do fenômeno da mudança linguística, como processo sócio-histórico, concede lugar a uma abordagem mecanicista que se limita ao estabelecimento de correlações imediatas entre a variável linguística e certas variáveis sociais, Lucchesi (2015).

Após a exposição dos cinco problemas, Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) apresentam alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística, a saber:

- 1) A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
- 2) A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
- 3) Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
- 4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
- 5) As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
- 6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
- 7) Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 125-126).

Conforme o primeiro princípio, observa-se que a variação linguística não é aleatória, há heterogeneidade ordenada. Sendo assim, a variação segue padrões sistemáticos em que é possível analisá-los e prevê-los. No segundo princípio, a resolução do problema da transmissão, compreende-se que a mudança linguística ocorre pelo fato de as gerações mais jovens adotarem e se adaptarem às variações existentes nas falas dos mais velhos. Já, o terceiro princípio, se refere à resolução do problema da implementação, visto que a mudança linguística se espalha de modo gradual dentro de uma comunidade, ocorrendo desse modo, influência nos diferentes grupos sociais bem como em contextos de uso. No quarto princípio, observa-se a conexão entre estrutura e uso. Nesse princípio, a mudança linguística se liga tanto às estruturas internas da língua quanto aos fatores sociais e culturais que incidem diretamente sobre o uso. No quinto princípio, determinadas condições como sociais, o contato linguístico, mudanças demográficas podem afetar a mudança linguística. Em se tratando do sexto princípio, que compreende a regularidade da mudança, há evidências de que há padrões regulares que podem ser avaliados, estudados e compreendidos. E por fim, o sétimo princípio, que sustenta a ideia de que tanto a estrutura gramatical quanto o contexto social podem produzir efeitos na mudança linguística.

As reflexões dos referidos autores, a partir da revisão crítica e criteriosa das tradições neogramáticas e da linguística estrutural, nos mostram que esse conjunto de princípios poderia nortear e conduzir as primeiras explicações, a fim de facilitarem a aceitação da língua vista como heterogênea e ordenada. A estratégia de Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968]) era a de encontrar um meio de contribuir para uma teoria geral da linguagem, ou seja, por meio de uma teoria da mudança linguística, Lucchesi (2015, p. 30). Assim iniciam os primeiros passos para a solidificação da Sociolinguística Variacionista.

A próxima subseção discute a conceituação e procedimentos metodológicos utilizados nas pesquisas sociolinguísticas.

2.2.3 Comunidade de fala

Conforme observado por Labov (1966, 1972, 1994, 2001, 2010) e por Weinreich; Labov e Herzog (1968), a variação e a mudança ocorrem dentro da comunidade de fala. Ao se propor estabelecer uma conceituação desse termo, observa-se que há divergências entre os especialistas da área em relação ao tema, trata-se de uma noção que não é simples de ser delineada. Procuramos nos ater às definições de alguns autores.

De acordo com Labov (2008 [1972], p. 88) “uma comunidade de fala não pode ser concedido como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Além disso, o autor entende que “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (Labov, 2008 [1972], p. 225). A partir dessas afirmações mencionadas por Labov entende-se que o critério essencial estabelecido pelo autor, não é o uso linguístico comum entre os falantes, mas suas atitudes semelhantes perante os fatos linguísticos. Desse modo, é indispensável considerar que a uniformidade das normas compartilhadas pelo grupo emerge, ao passo que a variável linguística apresenta marcas sociais claras reconhecidas pelos falantes que estão na condição de emitir conscientemente juízos de valor, acerca das variáveis linguísticas.

Dell Hymes (2010 [1977]), considerado o fundador da área da Etnografia da Comunicação, propôs a etnografia da fala, como forma de estudar o modo como as pessoas falavam. Por esse motivo, consideramos relevante nesta pesquisa, seu posicionamento acerca da comunidade de fala. Segundo o autor

[...] é um conceito necessário e primário na medida em que, se leva a sério, postula a unidade de descrição, como entidade social, em vez de linguística. Começa-se com um grupo social e considera-se toda a organização dos meios linguísticos dentro dele, em vez de começar com uma organização parcial, chamada de “língua”. Isso é vital porque a noção de “uma língua” pode trazer consigo uma confusão de várias noções e atributos que, de fato, precisam ser resolvidos. A primeira confusão é entre as noções de uma comunidade de fala e de uma língua (Dell Hymes (2010 [1977], p. 47, tradução nossa¹⁰)).

Depreende-se dessa concepção que o autor realiza uma abordagem crítica ao modo como se compreende e descreve a linguagem. Ao conceituar comunidade de fala a coloca como foco primário na organização social e no uso linguístico dentro de um grupo social, em lugar de partir do conceito abstrato de língua. Questiona a ideia de uma língua como homogênea e independente, acredita que essa perspectiva pode mistificar diferentes aspectos como por

¹⁰ “Speech Community is a necessary, primary concept in that, if taken seriously, it postulates the unit of description as a social, Rather than linguistic, Entity. One starts with a social group and considers the entire organization of linguistic means within it, Rather than start with some one partial, named organization of linguistic means, called a “language”. This is vital because the notion of “a language” can carry with it a confusion of several notions and attributes that in fact have to be sorted out. The first confusion is between the notions of a speech Community and a language” (Dell Hymes (2010 [1977], p. 47).

exemplo identidade cultural, práticas de comunicação, normas sociais, que, por sua vez, são elementos essenciais. Pode-se interpretar essa conceituação como a necessidade de se considerar as complexidades do contexto social e cultural.

A fim de que se tenha melhor entendimento acerca de como a prática social e o papel individual dentro de uma comunidade estão conectados, trazemos as considerações de Eckert e McConnelli-Ginet (2010 [1992]). Essas autoras entendem que os sociolinguistas necessitam ter uma visão de comunidade que integre tanto o contexto local quanto às práticas sociais. Conforme suas concepções, abraçam a noção de comunidade de prática de Jean Lave e Etienne Wenger. Esse conceito retira da noção de comunidade sua caracterização em termos de localização ou população e define uma comunidade por seu engajamento social. Segundo Eckert e McConnelli-Ginet (2010 [1992]) a linguagem serve a esse engajamento, sem estar vinculada ao local ou às pessoas como se fossem apenas integrantes de um conjunto de indivíduos. Nessa perspectiva, para os autores, “comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” Eckert e McConnelli-Ginet (2010 [1992] p. 102).

De acordo com as autoras as comunidades podem ter tamanhos variáveis, podem ser intensas ou difusas, pois os indivíduos que as constituem nascem, morrem, sobrevivem a mudanças. Além disso, podem estar vinculadas a outras comunidades. Os indivíduos que as constituem podem participar de múltiplas comunidades de prática, isso faz com que a identidade individual seja afetada por essa participação.

Pode-se depreender que para essas autoras a comunidade de prática é composta por um grupo de pessoas que se organizam, se conectam não simplesmente por sua localização no espaço geográfico ou por afinidade, mas principalmente pelo envolvimento compartilhado em alguma atividade ou por objetivos comuns. Dessa forma, a identidade do grupo se constrói através das interações sistemáticas e do aprendizado coletivo. Nesse sentido, entende-se que a linguagem, os hábitos, as crenças são moldados pelo engajamento no propósito comum.

Enquanto o conceito de comunidade de fala apresentado por Labov (2008 [1972]) foca nas atitudes dos falantes nas interações linguísticas entre grupos específicos, para Dell Hymes (2010 [1977]), ela aparece como principal na organização social e no uso linguístico. Enquanto, Eckert e McConnelli-Ginet (2010 [1992]) ampliam a discussão ao introduzir a comunidade de prática, sublinhando a ligação entre engajamento mútuo e atividades compartilhadas. Juntas, essas abordagens fornecem uma compreensão mais detalhada e multifacetada das dinâmicas sociais e linguísticas, evidenciando dessa forma a importância do contexto e das práticas no

estudo das comunidades. As contribuições dos autores são relevantes tanto para a compreensão do tema quanto para a possibilidade de ampliação de análises que podem oferecer.

No próximo capítulo, abordamos o fenômeno da concordância verbal sob diferentes perspectivas teóricas, com o objetivo de construir uma base sólida para a análise dos dados empíricos desta pesquisa e evidenciarmos nosso posicionamento.

3 Concordância verbal

A escolha do termo concordância verbal se fundamenta em sua recorrência nos estudos gramaticais da língua portuguesa e por evidenciar a relação sintática entre o verbo e os elementos que o regem, especialmente o sujeito e os pronomes. Entretanto, na fala cotidiana, essa marcação da concordância verbal, conforme preconiza a gramática tradicional (GT), nem sempre é acionada pelos usuários da língua. Referimo-nos, especificamente, aos falantes da língua portuguesa que, em suas práticas cotidianas, mobilizam diferentes maneiras de expressão verbal. Diante disso, questiona-se: quais perspectivas de concordância verbal falantes de uma comunidade de fala podem empregar? A delimitação terminológica adotada para esta tese contribui para a clareza conceitual necessária à investigação. Neste trabalho, o foco recai sobre a concordância verbal entre o verbo e os sujeitos ou pronomes de primeira e terceira pessoa do plural e as especificidades dos padrões de uso que emergem da fala belorizontina.

A concordância¹¹ verbal pode ser vista e analisada sob diferentes perspectivas teóricas. Na gramática tradicional, ela é concebida como uma regra categórica que estabelece a relação sintática entre o sujeito e o verbo, exigindo que este se flexione em número e pessoa. Para Bechara (2009) o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa, reforçando o caráter normativo da estrutura. De modo semelhante, Celso Cunha e Lindley Cintra (2007) explicam que a concordância verbal ocorre quando o verbo se adapta ao número e à pessoa do sujeito, evitando a repetição do sujeito, já que este pode ser indicado pela flexão verbal. Esses autores, classificam os casos de concordância em dois grupos: regras gerais e casos particulares. Tomamos como referência apenas a classificação das regras gerais, como nos exemplos:

- a) **Com um só sujeito:** O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido: *A paisagem ficou espiritualizada. / Nada sou, nada posso, nada sigo.*
- b) **Com mais de um sujeito:** O verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá: i) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1ª pessoa: *Só eu e Florêncio ficamos calados, à margem.* ii) para a 2ª pessoa do plural¹², se, não existindo sujeito da 1ª pessoa, houver um da 2ª: *Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.* iii) para a 3ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3ª pessoa:

¹¹ Etimologicamente, o vocábulo concordância é proveniente do latim “*concordantia*”. Classifica-se em substantivo feminino, significa harmonia, consonância, congruência entre dois ou mais elementos.

¹² Na linguagem corrente do Brasil, evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento vós e, também, da substituição do tratamento tu por você, na maior parte do país, Celso Cunha e Lindley Cintra, (2007, p. 512).

Quando o Loas e a filha chegaram às proximidades da courela, logo se anunciaram, (CELSO CUNHA; LINDLEY CINTRA, 2007, p. 510).

Lima (2011), também alinhado à tradição normativa, define a concordância verbal como a flexão obrigatória do verbo para concordar com o sujeito em número e pessoa:

Cumpre notar que a concordância portuguesa tem caminhado no sentido de restringir cada vez mais os fenômenos ideológicos e afetivos em seu sistema, por força da autocritica coercitiva que a gramática impõe aos que escrevem. Isso importa, por sem dúvida, maior ordem e nitidez de expressão, mas atesta, de outro lado, a escassez de grandes e audaciosos artistas, que não se arreceiam de transcender limites e esquemas em seus momentos de entusiasmo e de luz (LIMA, 2011, p. 498).

Essa crítica revela o tensionamento entre correção gramatical e a liberdade expressiva, aspecto que será retomado na análise da variação na fala espontânea, no Capítulo Descrição e análise dos dados.

Azeredo (2014) trata a concordância verbal a partir da estrutura sintática da norma padrão, reconhecendo-a como um mecanismo essencial para a organização da oração. Embora sua abordagem esteja alinhada à gramática normativa, o autor admite a existência de variações legítimas na fala cotidiana, especialmente no que se refere à realização da concordância verbo-sujeito. Em sua obra, distingue entre regras gerais e casos especiais, sendo que, como regra geral, afirma que “o verbo apresenta-se no número e pessoa atribuídos ao núcleo do sintagma nominal sujeito da oração” (AZEREDO, 2014, p. 318), reforçando a ideia estruturante da concordância na sintaxe do português.

Em contraste com essa abordagem normativa, autores como Neves (2012), Castilho (2014) e Perini (2016) adotam uma perspectiva funcionalista. Neves (2012) compreende a concordância verbal como uma construção gramatical que pode variar conforme o contexto, o grau de formalidade e a intenção comunicativa. Seu enfoque descritivo privilegia o funcionamento real da língua, afastando-se de prescrições normativas. Castilho (2014), por sua vez, adota uma abordagem funcionalista e multissistêmica ao tratar a concordância verbal como uma marca gramatical passível de variação, principalmente em se tratando da fala informal, mas sem que isso cause prejuízo à intenção comunicativa.

Já, Perini (2016), em sua análise da língua falada, considera a concordância verbal como um elemento sintático fundamental para a construção de sentido e para o estabelecimento de relações entre os elementos da oração. Sua abordagem descritiva enfatiza o uso efetivo da

linguagem, rejeitando a imposição de regras artificiais que estão distantes da realidade dos falantes. Para o autor, construções como em a) “Elas não consegue subir no banco”¹³, são correntes na fala da maioria dos usuários do PB. No entanto, considera inadequações, em construções como: c) “Eu chegou ontem de Campo Grande” d) “A Virgínia fizemos um bolo de chocolate” os “erros de concordância” nesses enunciados é a “indicação contraditória sobre o ocupante de um dos papéis temáticos, em c) o tema “quem chega de Campo Grande” é indicado por “eu”, sujeito “eu”, porém exercendo o papel de uma pessoa diferente de “eu” pelo sufixo seria “ou”/ chegou. Já em d) o Agente de fazer seria “a Virgínia” segundo o sujeito, mas de acordo com o sufixo seria “nós” (PERINI, 2016). A justificativa de Perini (2016) para a não aceitação das referidas construções é o fato de o enunciado se apresentar semanticamente malformado. Desse modo, ao defender a concordância verbal, considera a existência da congruência, numa expectativa linguística, porém sem a imposição de regras absolutas. Defende a necessidade da pertinência de uma situação em um determinado contexto.

Numa abordagem funcionalista mais ampla, Bybee (1985) considera a concordância verbal como uma marca morfológica periférica que serve mais a organização sintática do que a construção de sentidos. “As categorias de concordância na inflexão verbal referem-se não à situação descrita pelo verbo, mas sim aos participantes da situação¹⁴” (BYBEE, 1985, p. 22-23). Ressaltamos as definições de categorias utilizadas pela autora pelo fato de tais termos se relacionarem com nosso objeto de estudo. As diferenças no número ou papel dos argumentos assumidas pelo radical do verbo é categorizado como valência. Já, a concordância de número, como é o foco desta pesquisa, é a concordância com um ou mais argumentos do verbo. A concordância de pessoa é a concordância por pessoa com um ou mais argumentos do verbo.

Para Bybee (1985), aspectos gramaticais como tempo verbal, modo, número, pessoa, gênero não têm o mesmo impacto no significado da frase, ou seja, algumas são mais relevantes do que outras. A autora, defende a ideia de que as categoriais gramaticais devem ser analisadas conforme o grau de contribuição que oferecem ao conteúdo semântico da base lexical. Nesse sentido, considera a concordância número-pessoal —objeto de análise desta tese —como uma categoria de baixa relevância semântica, uma vez que não modifica o significado do verbo, apenas indica os participantes envolvidos na ação verbal.

¹³ Os exemplos a), b), c), d), e), f) g) foram extraídos de Perini (2016, p. 381- 382).

¹⁴ No original: “Agreement categories in verbal inflection refer not to the situation described by the verb, but rather to the participants in the situation” Bybee (1985, p. 22-23)

Neves (2012); Castilho (2014) e Perini (2016) dialogam com a perspectiva funcionalista de Bybee (1985) ao investigarem como as categorias gramaticais se organizam e se manifestam morfológicamente na língua. Essa abordagem permite compreender a concordância verbal no português do Brasil como fenômeno linguístico, sujeito à variação.

Na perspectiva de (BAGNO, 2011, p. 647) “a concordância é um conjunto de fatos muito mais complexos do que as noções (exclusivamente socioculturais) de certo e errado, que empobrecem drasticamente a boa compreensão do fenômeno”. Essa afirmação revela uma crítica contundente à abordagem normativa, que reduz a concordância verbal a um conjunto de regras fixas, desconsiderando sua dimensão funcional e sociolinguística. Para o autor, compreender a concordância exige reconhecer que o uso da língua é atravessado por fatores contextuais, sociais e comunicativos. Construções como “as menina fala/ vocês fala/ nós fala” (BAGNO, 2011, p. 647), são exemplos de concordância no plano sintagmático, que, embora não se alinhem à norma-padrão, cumprem funções comunicativas legítimas. Nesse sentido, Bagno propõe uma gramática pedagógica que valoriza a variação linguística, e reconhece os usos reais da língua falada como legítimos e dignos de análise, especialmente no contexto educacional.

Com base nas teorias apresentadas, esta tese defende que as prescrições da gramática normativa, embora estabelecidas para atender as exigências sociais específicas, não contemplam integralmente a diversidade da fala cotidiana. Adota-se, portanto nesta pesquisa, uma abordagem de concordância que respeita o modo como o falante organiza e expressa sua fala, valoriza as especificidades dos enunciados produzidos.

A análise centra-se na concordância verbal de número, a partir de uma amostra da fala de belorizontinos, o enfoque principal está alinhado ao modelo teórico da Sociolinguística Variacionista, conforme os estudos de Labov (1966); Guy (1981); Scherre (1988); Oushiro (2015), que reconhece a variação linguística como um fenômeno sistemático, condicionado por fatores sociais, estilísticos e estruturais. Na seção análise dos dados, discute-se a abordagem pedagógica da concordância verbal no Ensino Fundamental e Médio, conforme Bortoni-Ricardo (2004; 2008) e Bagno (2011).

Neste contexto, sobre a concordância verbal, torna-se relevante examinar o uso e as variações do pronome “Vocês” no português do Brasil, especialmente por sua influência na flexão verbal de número entre os falantes da capital mineira.

Dada a centralidade desse fenômeno nesta pesquisa, apresentamos uma breve revisão teórica com base nas contribuições de Nascentes (1956), Castilho (2014) e Perini (2016).

3.1 O pronome “Vocês” no Português do Brasil

Nota-se, na atualidade, uma mudança na apresentação e na função das pessoas do discurso, em contraste com as primeiras gramáticas do Brasil, constituídas conforme as normas da gramática latina, que não contemplam a diversidade linguística. Essas gramáticas apresentam as pessoas do discurso de forma bastante rígida, distribuídas em três categorias distintas (1ª, 2ª e 3ª) do singular e plural. Nesses manuais normativos, o foco é destinado aos pronomes pessoais e verbos conjugados. Na dimensão discursiva, os participantes do discurso (eu, tu) apresentam a função dêitica, ou seja, representam diretamente os interlocutores. Na semântica retomam ou antecipam referentes no texto “ele(s), ela(s)” possuem função anafórica/catáfora. Na dimensão gramatical (morfologia) marcam pessoa, número, gênero e caso “eu/mim, ele/lhe, me/nos”. Na dimensão sintática “eu, ele” podem ser núcleo do sintagma nominal ou especificadores “meu, este”, (CASTILHO, 2014. p. 475-476).

Atualmente, a apresentação das pessoas do discurso é feita de modo dinâmico e contextualizado, ou seja, reflete a evolução da língua(gem) e suas diversas aplicações. As gramáticas modernas abordam não apenas a forma, mas também o uso prático da língua, consideram fatores como o contexto social, cultural e situacional da comunicação, assim sendo a abordagem é mais flexível. Nas gramáticas contemporâneas, há a gramaticalização dos pronomes pessoais, visto que apresentam mudanças históricas e funcionais. Mudanças essas registradas desde Apolônio Discolo, século I, d.C, que considera as propriedades semânticas, discursivas e gramaticais (=sintáticas e morfológicas). Assim como Donato, século IV d.C que divide os pronomes em quatro grupos: finitos, infinitos, menos finitos, possessivos. Observa-se registros de Prisciano, século V d.C, que define o pronome como parte da oração e que substitui o próprio nome. Nebrija (1490) define pronome como constituinte de uma oração que declina por casos e possui pessoas determinadas. Já, Port Royal, considera pronomes, apenas os pessoais, os possessivos e os relativos, Castilho, (2014). Essas mudanças no estatuto categorial dos pronomes se verificam em outros gramáticos da antiguidade. Os Quadros 01, 02, 03, 04, 05 e 06 exemplificam as transformações ocorridas quanto à apresentação das pessoas do discurso referentes à gramática tradicional e a contemporânea.

Quadro 01 – Pessoas do discurso na gramática tradicional da antiguidade

Tempo presente	
Num. Sing.	Num. plur.
1. pessoa Eu sou.	1. pessoa Nós somos.
2. pessoa tu es.	2. pessoa Vós sois.
3. pessoa Elle he.	3. pessoa Elles são.

Fonte: Lobato (1825 [1770], p. 61)

Observa-se que a forma tradicional está em conformidade com a gramática latina, há a presença de três pessoas do discurso referentes ao singular e três pessoas do discurso referentes ao plural.

Quadro 02 – Pessoas do discurso na gramática tradicional da antiguidade - Tempo imperativo

Tempo imperativo - Futuro	
(a) N. P. Havei vós.	
Modo conjuntivo.	
Tempo presente	
N.S. Que eu haja.	N.P. Que nós hajamos.
Tu hajas.	Vós hajais.
Elle haja.	Elles hajão

Fonte: adaptado de Lobato (1825 [1770], p. 80)

É possível verificar que houve transformações na apresentação das pessoas do discurso no decorrer do tempo.

Quadro 03 – Pessoas do discurso nas gramáticas tradicionais contemporâneas

Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Imperativo afirmativo
Eu louvo	Eu louve	
*Tu louva(s)	Tu louves	
Ele louva	*ele louve	Louva tu
Nós louvamos	Nós louvemos	Louve você
*Vós louvais	Vós louveis	Louvai vós
Eles louvam	Eles louvem	Louvem vocês

Fonte: Rocha Lima (2011, p. 176)

Observação: as duas formas (você, vocês) buscam-se ao presente do subjuntivo, sem alteração.

Quadro 04 – Pessoas gramaticais da gramática descritiva na perspectiva de Perini (2016)

1ª pessoa do singular	eu faço
3ª pessoa do singular	ele faz
1ª pessoa do plural	nós fazemos
3ª pessoa do plural	eles fazem

Fonte: adaptado de Perini (2016, p. 437)

Perini (2016) ressalta que a forma de terceira pessoa vale para ele(s) e para você(s) e outros indicadores de segunda pessoa do discurso (o senhor), além da forma a gente empregada como sinônimo de nós. De acordo com Perini (2016) há uma quinta forma que corresponde à segunda pessoa gramatical, empregada por falantes do Nordeste e do Sul: 2ª pessoa do singular (tu fazes). Portanto, falantes que usam o tu, em grande parte empregam a forma de terceira pessoa do singular: tu faz. De acordo com a afirmativa do autor, a segunda pessoa do plural: vós fazeis está em desuso no PB.

Os pronomes pessoais no PB são bastante suscetíveis a mudanças, (CASTILHO, 2014, p. 477) ao analisarmos a modalidade falada dos investigados da capital mineira, constatamos ocorrências dessa natureza que são evidenciadas no Capítulo 5 desta tese.

Na sequência, apresentamos o Quadro 05 com os pronomes pessoais na atualidade, de acordo com Castilho (2014).

Quadro 05 – Pronomes pessoais no PB

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sing.	<i>eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me, mim, Prep.</i> + <i>eu, mim</i>
2ª pessoa sing.	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>te, ti, contigo, Prep.</i> + <i>o senhor, com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>	<i>você/ocê/cê, te, ti, Prep.</i> + <i>você/ocê</i> (= <i>docê, cocê</i>)
3ª pessoa sing.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>ele, ela, lhe, Prep.</i> + <i>a ele, ela</i>
1ª pessoa plural	<i>nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente, Prep.</i> + <i>a gente</i>
2ª pessoa plural	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vos, convosco, Prep.</i> + <i>os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>vocês/ocês/cês, Prep.</i> + <i>vocês/ocês</i>
3ª pessoa plural	<i>eles, elas</i>	<i>os, as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>eles/eis, elas, Prep.</i> + <i>eles/eis, elas</i>

Fonte: adaptado de Castilho (2014, p. 477)

Observa-se a substituição da 1ª pessoa do plural, “nós” pelo sintagma nominal “a gente”. Nos registros de oralidade, verifica-se que a forma plural da primeira pessoa deixa a presença do locutor em segundo plano e se torna evidente o emprego da forma singular desse pronome.

Na segunda pessoa do singular, observa-se a substituição do pronome “tu” por “Você”. Originalmente derivado da expressão de tratamento “Vossa Mercê”, esse termo exercia o papel de sintagma nominal. Após o processo histórico, as formas “Você(s)” e suas variações “ocê(s)”, “cê(s)” passam por alterações sintáticas e, de sintagma nominal, passam a ser reanalisadas como pronome pessoal. Desse modo, a forma “Você(s)” ainda que seja um pronome de segunda pessoa, exige a concordância com a terceira pessoa. É visto que, essas transformações no Quadro pronominal, acarretam variação na morfologia verbal.

As formas contraídas *cê* e *ei*, não funcionam como complemento, porém se estiverem preposicionadas podem assim funcionar, Castilho (2014). Normalmente são realizadas construções como “cês **querem** participar¹⁵ // cês¹⁶ **querem** olhar com a gente / cês **querem**

¹⁵ Dados de nosso *corpus* de estudo C-ORAL-BRASIL.

¹⁶ Cês é a forma simplificada do pronome vocês utilizada amplamente no Brasil na linguagem corrente de pessoas de todas as classes sociais, independentemente do sexo, da escolaridade, da idade.

sugerir um lugar” (bfamcv01), conforme os exemplos encontrados no *corpus* de análise desta tese e, não se usa, no PB informal, as formulações enunciativas “cês **quereis** participar // [81] cês **quereis** olhar com a gente / cês **quereis** sugerir um lugar”. Construções como essas últimas, não foram encontrados no recorte de nossos dados. A partir da observação do Quadro 05, constata-se, portanto, “alteração, criação, substituição e perda” (Castilho, 2014, p. 478) dos pronomes pessoais ao longo do tempo.

O Quadro 06, mostra as transformações dos pronomes pessoais no PB informal conforme, Castilho (2014).

Quadro 06– Transformação dos pronomes pessoais em morfemas verbais número-pessoais no PB informal

Pessoas	Prefixos em função de sujeito no PB não padrão	Prefixos em função de complemento no PB não padrão	Sufixos em função de sujeito no PB padrão
P1	{e-}: Eu vou > <i>Evô</i> {noi-}: Nós vamos > <i>noivamo</i>	Me encontrou > <i>Mincontrô</i>	{-o}: <i>falo</i> {-mos}: <i>falamos</i>
P2	{ce-}: Você vai > <i>Cevai</i> {ceis}: Vocês vão > <i>ceisvão</i>	Te encontrou > <i>Tincontrô</i>	{-s}: <i>falas</i> {-ys}: <i>falais</i>
P3	{ey-}: Ele vai > <i>Eivai</i> {eys-/es-}: Eles vão > <i>eisvão/esvão</i>	Se encontrou > <i>Sincontrô</i>	{-Ø}: <i>fala</i> {-ãw/ĩ}: <i>falam/falim</i>

Fonte: adaptado de Castilho, (2014, p. 478)

P1– Primeira pessoa

P2– Segunda pessoa

P3– Terceira pessoa

A análise do Quadro 06 evidencia um processo de gramaticalização dos pronomes pessoais que deixam de funcionar exclusivamente como referenciais e passam a fazer parte da estrutura verbal exercendo desse modo funções sintáticas de sujeito ou de complemento. Na variedade não-padrão do PB, observa-se o surgimento dos prefixos tanto na segunda quanto terceira coluna. Na primeira pessoa do singular, o pronome “*eu*” é reduzido ao prefixo “*e-*” como “*Evô*” (Eu vou), ao passo que o pronome “*me*” se junta ao verbo como se vê em “*Mincontrô*” e passa a ter a função de complemento. A fusão dos pronomes ao verbo revela a

atuação da gramática interna do falante que privilegia a fluidez e atende ao propósito comunicativo.

Na segunda pessoa (P2), os pronomes “Você(s)” são representados pelos prefixos “*ce*”, “*ceis*” e correspondem à “Você vai > *Cevai*” e “Vocês vão” > “*ceisvão*”. O complemento “*te*” em “Te encontrou”, é implementado como prefixo em “*Tincontrô*”. Na terceira pessoa, os pronomes “ele(s)” são representados por “*ey*”, “*ey*s-/*es*” para as respectivas formulações “*Eivai*” para a construção “Ele vai” e, “*eisvão/esvão*” representando “Eles vão”. O pronome reflexivo “se” é gramaticalizado em “*Sincontrô*” que corresponde a formulação “Se encontrou”.

Em contraste a essa reconfiguração, como se observa na coluna 04, o PB mantém a marcação da pessoa gramatical por meio dos sufixos verbais; para a primeira pessoa (P1) “-o”, “*falo*”, “-mos”, *falamos*. Para a segunda pessoa (P2) verifica-se o emprego de “-s”, *falas*, “-ys”, *falais*. Já, para a terceira pessoa (P3) observa-se “-Ø”, “*fala*”, “-ãw/ĩ”, “*falam/falim*”. Portanto, o modelo da conjugação verbal apresentado na coluna 4, comparado às colunas dois e três, permite uma visão clara da transformação dos pronomes pessoais em morfemas verbais número-pessoais no PB informal, Castilho (2014).

Na visão de Nascentes (1956) o vocábulo “Você” resulta da contração da locução substantiva “*Vossa mercê*”, originalmente empregada para o tratamento de reis, no século XVI. Com o passar do tempo, segundo o autor, essa forma de tratamento se degradou, tanto fonética quanto semanticamente. Assim, de tratamento real pronominalizou-se e passou a ser empregada para se referir às pessoas sem prestígio social, popularizou-se, “embora você se empregue de igual para igual, é usado com pessoas de condição inferior e muitas vezes pejorativamente, para indicar que a pessoa a quem se dirige a fala, não merece o tratamento de Sr” (Nascentes, 1956, p. 114). Além disso, na visão do autor, o pronome “Você” possui valor afetivo, pois é empregado para demonstrar apreço e o tratamento senhor é usado para demonstrar um distanciamento, um sinal de respeito.

Tal como já discutido em Castilho (2014) a origem do tratamento de “*Vossa mercê*”, aparece na obra de Nascentes (1956) que o interpreta como uma forma de recompensa pelos bons serviços prestados e o reconhecimento pelos feitos; eram atribuídos pelos nomes de “*Mercede*” ou “*Mercê*”. Posteriormente, esse tratamento se estendeu para se dirigir às pessoas de grande influência social do respectivo período. Logo depois, ocorreu a vulgarização da forma, ou seja, passou a ser conhecido por muitos falantes e se tornou um modo mais fácil de tratamento e, pelo fato de “andar na boca de toda a gente, se transformou de vossa mercê em

vossemecê, vomecê e até você, em que apenas as sílabas acentuadas das duas palavras se salvaram” (Nascentes, 1956, p. 115). Com base nos estudos de Nascentes, observa-se que não há uma data determinada para o uso da palavra você no Brasil, embora se estima que tenha começado a ser empregado no final do século XVIII. Atualmente, “Você” e “Vocês” ocorrem em diversas regiões do país, com destaque para Minas Gerais, onde seu uso é recorrente entre os falantes e constitui objeto central desta investigação.

Na sequência, apresentamos um esboço do processo que resultou na forma “Você”, conforme a visão de autores do período. Como referência, utilizamos Nascentes (1956, p. 118-121), cuja obra oferece uma análise detalhada sobre essa transformação. A seguir, são apresentados alguns exemplos:

- a) “Nas províncias extremas do Sul, como Rio Grande, Paraná e S. Paulo fez-se *mercê*; nas do centro, Rio, Pernambuco até Ceará, *vosmincê*, *vossuncê*, *voncê*, na região amazônica as populações naturais fizeram dela *vassuncê*, *vancê* e *vacê* (José Veríssimo)”;
- b) “como sucede com o moderno você, atual representante da antiga forma de tratamento *vossa mercê*, na qual as vogais tônicas eram, como ainda hoje, o e e (J.J.Nunes)”;
- c) “As alterações que no seu curso *vossa mercê* e seus derivados sofreram são de varia natureza: sincopes- na forma hipotética *voss'm'cê*. /afêreses- *mecê*, *ocê*, *cê*, *suncê*, *sucê*. /permutas-*vassuncê*, *vancê*, *vacê*. /nasalações- *vosmincê*”, (Nascentes, 1969);
- d) “*Cê*” aparece em linguagem típica da malandragem “*Cê* é besta. Existe em Goiás: seu moço, *cê* vai arretiranu, Folclores, José A. Teixeira”;
- e) “*Mecê*. Existe em S. Paulo, Saint-Hilare”;
- f) “*Mincê*. Forma aferética de *vosmincê*. Existe no Nordeste, Joel Presidio”;
- g) “*Ocê*. Forma aferética de você, atribuída aos negros, Serafim da Silva Neto, História da língua portuguesa no Brasil”. “Eu a ouvi em Minas Gerais. Existe em Goiás. Quando *ocê* em vida fede”; (Nascentes, 1969);
- h) “*Oncê*. Forma aferética de *voncê*. Existe em Goiás: *Oncê* não me conhece, A. Americano do Brasil”;
- i) “*Sucê*. Forma aferética desnasalada de *vassuncê*. *Sucê* tá com pressa que eu vá oló? Freitas, Umbanda”;
- j) “*Suncê*. Forma aferética de *vassuncê*. Existe em S. Paulo. Sinhá disse assim p’ra comprar tres carreteis, M. Lobato”;
- k) “*Vacê*. Simples corruptela de você. Aparece na Amazônia, José Veríssimo”;
- l) “*Vainicê*. Forma muito deturpada de um possível *vamece*. Forma empregada no interior de Pernambuco, Fernando de Oliveira Mota”;
- m) *Vossemecê*, que teria dado *voss'micê*, *vosmicê* e *vomecê*, *vom'cê*, *você*/ *vassemecê*, que teria dado *vamecê*, *vam'cê*, donde *vâcê* e *vacê*/ *vossuncê*, depois *vossun'cê*, *vossucê*/ *vassumecê*, donde *vassun'cê* e daí *vassucê*, Leite de Vasconcelos”.

Os exemplos evidenciam a riqueza e a complexidade do processo de gramaticalização da forma de tratamento “*Vossa mercê*”, no período descrito, que deu origem a uma série de variantes fonéticas e morfológicas ao longo do tempo. Esse fenômeno revela não apenas a dinâmica interna da língua, mas também a influência de fatores sociais, regionais e históricos sobre o uso linguístico. A diversidade de formas como: *vossuncê*, *vassuncê*, *vancê*, *ocê*, *cê*, *suncê*, entre outras, demonstra a atuação de mecanismos como: aférese que consiste na eliminação de fonemas no início da palavra (*mecê*, *ocê*, *cê*). Síncope que é a supressão de fonemas no interior da palavra (*voss’ m’ cê*). Permuta e nasalização¹⁷, alterações fonéticas que refletem traços regionais e estilísticos (*vancê*, *vacê*, *vosmincê*). Corruptelas e formas populares “*vainicê e sucê*”, revelam o papel da oralidade e da criatividade linguística na formação de novas variantes.

Além disso, os registros mostram que essas formas não se distribuíram de maneira uniforme pelo território brasileiro. Há marcas claras de variação diatópica, com formas específicas atribuídas a regiões como o Sul, Nordeste, Amazônia e Goiás. Também se observam traços de variação diastrática, com usos associados a grupos sociais, como o das populações negras, conforme indicado por Serafim da Silva Neto (1950; 1957).

A recorrência dessas formas em registros escritos e orais reforça a ideia de que “a língua viva” (RIBEIRO, 1920[1880], p. 232) se opõe, em grande medida, aos estilos dos clássicos e estes, por sua vez, se constituem em mera ilusão. A língua está em constante adaptação para atender às necessidades comunicativas dos falantes. O uso predominante do pronome “Você(s)” no português brasileiro é, portanto, resultado desse processo histórico e dinâmico. A visão sócio-histórica, permite o conhecimento das diferentes combinações dos elementos constitutivos da população do país, bem como sua língua, cultura. As combinações múltiplas da língua se atraem ou se separam em virtude das leis de afinidades compondo a infinita variedade da manifestação do pensamento e, para que haja compreensão de uma ou de outra forma, surge a necessidade do consenso para uso o comum. Por consenso, nesse contexto, entende-se o equilíbrio, o respeito às diversidades.

¹⁷ A nasalização, enquanto traço suprasegmental, pode ocorrer por influência de consoantes nasais adjacentes, como observa Cristóvão Silva (2017, p.121). Em dialetos do português brasileiro, especialmente em Belo Horizonte, é comum que vogais tônicas e pretônicas sejam nasalizadas quando seguidas por consoantes nasais, como em “c[ã]ma” e “b[ã]nho”. Essa regularidade fonética evidencia o papel da coarticulação na produção da nasalidade, que pode posteriormente se consolidar como traço fonológico em determinadas variedades da língua. Rodrigues (2024) analisa como os chamados “erros” ortográficos cometidos por alunos do Ensino Fundamental I, especialmente em casos de nasalização, revelam não falhas cognitivas, mas dificuldades de assimilação entre padrões fonéticos da fala e as convenções gráficas da escrita.

Dada a relevância histórica e a variação funcional do pronome “Vocês” ao longo do tempo, esta tese, o posiciona como elemento central nas análises e discussões empreendidas. Seu uso recorrente nos enunciados produzidos pelos falantes da comunidade investigada revela padrões significativos de organização sintática. Embora originalmente associado à segunda pessoa do plural, é conjugado na terceira pessoa, refletindo, portanto, um deslocamento no paradigma da conjugação verbal. Essa recorrência na conjugação de 3ª pessoa é foco desta investigação, sendo assim, se constitui objeto de nosso interesse. Voltamos nosso olhar para construções dessa natureza, que evidenciam os modos como os falantes mobilizam recursos linguísticos em suas práticas comunicativas.

Na Seção seguinte, apresentamos o estado da arte dos estudos sociolinguísticos que abordam especificamente sobre o fenômeno da concordância verbal. Essas investigações dialogam com o objetivo geral desta tese que consiste em descrever os fatores condicionantes da concordância verbal no português falado de Belo Horizonte.

3.1 Concordância verbal: estado da arte dos Estudos Sociolinguísticos

Desde a década de 1970, diversos estudos no Brasil abordam o fenômeno da concordância, tanto verbal quanto nominal. Entre os trabalhos sobre concordância nominal, destacam-se Scherre (1998) e Guy (1981). Já as pesquisas relacionadas à concordância verbal incluem, entre outros, Scherre e Naro (1998), Oushiro (2015), Guy (1981), Faria (2008), Scherre, Naro e Cardoso (2007), Welchen (2009). Além disso, estudos sobre a ausência de concordância verbal, como Nicolau (1984), também merecem menção.

Nesta fundamentação teórica, discutimos as conclusões de alguns estudos mais significativos acerca da concordância verbal de terceira pessoa do plural, partindo da hipótese de que fatores extralinguísticos têm maior influência do que os fatores linguísticos na marcação da concordância verbal de número em Belo Horizonte.

Mas, dada a importância das relevantes contribuições para a área dos Estudos Linguísticos, começamos a nossa discussão a partir de Scherre (1998) que centra sua atenção na reinterpretação da concordância nominal em português. Neste estudo, a autora conduz uma análise detalhada da concordância gramatical de número entre os elementos flexionados do sintagma nominal em português, utilizando uma abordagem teórica que combina elementos da

Teoria da Variação Linguística de Labov, ou seja, sociolinguística quantitativa e aspectos da Teoria Funcionalista fora do arcabouço teórico da Gramática Gerativa. A escolha da autora por essas abordagens teóricas teve como propósito atender aos objetivos estabelecidos no estudo, que buscava compreender e detalhar os dados linguísticos reais. A integração desse referencial teórico possibilitou a realização das propostas apresentadas ao incluir a ideia de variação sistemática baseada em padrões recorrentes identificados em dados de desempenho linguístico em contextos semiespontâneos. De maneira semelhante, busca demonstrar que tanto os fatores linguísticos quanto os sociais impactam a previsibilidade da variação, seja para descrever, seja para explicar os próprios fenômenos linguísticos.

O material linguístico analisado no estudo é constituído de 64 horas de fala gravada de 64 falantes, com idades entre 07 e 71 anos, radicados no município de Rio de Janeiro. As gravações, em formato de entrevistas, foram coletadas em dois momentos distintos. A amostra levou em consideração fatores como anos de escolarização, sexo, faixa etária, origem dos participantes, classe social, contexto de comunicação.

Scherre (1998) concluiu que grande parte dos falantes tendem a usar a concordância nominal padrão em contextos formais, em estruturas como “muitas mulheres casadas”, “uma porção de coisas” (Scherre, 1998, p. 30). Foram obtidos um percentual de 80% de concordância em casos dessa natureza. Concluiu que falantes de classe social mais altas apresentaram maior taxa de concordância nominal em relação aos falantes de classes sociais mais baixas, respectivamente 85% e 65%.

A escolaridade foi outro fator de elevado impacto para a marcação da concordância nominal. Pessoas com maior escolaridade obtiveram um percentual maior de aplicação de concordância nominal do que falantes com poucos anos de escolarização. Ainda que tratem de concordância verbal, os estudos de Faria (2008), Welchen (2009), Oushiro (2015) também comprovaram que falantes com maior escolarização demonstraram maiores índices de aplicação de concordância verbal em relação aos falantes menos escolarizados. Para a concordância em estruturas complexas, ou seja, em sujeitos compostos, Scherre (1998) observou que a aplicação da marcação de concordância nominal foi menor do que em sujeitos de estrutura simples.

O estudo de Scherre (1998) revelou a complexidade da concordância nominal no português brasileiro, alinhando-se, nesse aspecto, às conclusões de Guy (1981). Esta afirmação é sustentada pelos resultados obtidos, que evidenciam a influência de fatores sociais, contextuais e educacionais observados nesses trabalhos. Os dados numéricos apresentados nos

dois estudos nos permitem ter uma visão aprofundada da variação linguística e são basilares para estudos que tratam da concordância, como por exemplo, esta tese.

Guy (1981) teve como propósito investigar a relação entre saliência fônica e concordância verbal, no contexto dos falantes do Rio de Janeiro. O trabalho foi desenvolvido dentro dos moldes elaborados por Labov e outros autores que consideram os dados primários de uma ciência linguística como a fala natural e espontânea dos usuários comuns da língua. Sendo assim, seu trabalho não corrobora intuições de linguistas nem de informantes nem tão pouco qualquer fala produzida artificialmente.

A população da amostra do trabalho de Guy (1981) consistiu na entrevista gravada de 20 falantes do dialeto popular, brasileiros de classe baixa e trabalhadora, sendo nove mulheres e onze homens com idades entre 15 e 54 anos. Todos os informantes eram nativos e residentes de longa data na cidade do Rio de Janeiro ou de áreas rurais próximas. Todos os informantes foram recrutados das turmas iniciais das aulas de alfabetização de adultos oferecidas pelo MOBREAL com pouca ou nenhuma experiência anterior com a educação formal.

Para o autor, o fato de não haver na amostra nenhum não-nativo da área do Rio, como também nenhum alfabetizado torna a amostra bastante não representativa da população carioca, porém, os considera como representantes importantes, autênticos falantes vernáculos. Foram realizadas em média um total de seis entrevistas por participante com a duração média de 55 minutos, a mais longa com 90 minutos e a mais curta 20 minutos.

Em sua tese, Guy (1981) desenvolveu uma nova escala de saliência fônica na intenção de refinar a análise proposta por Naro (1981). Para isso, utilizou os mesmos dados da investigação do autor; considerou não apenas a posição e a tonicidade, mas também fatores sociais e contextuais que influenciam a fala. As principais características da regra de Guy (1981) incluem: contexto social, entonação e estilo de fala, flexibilidade na concordância. O autor concluiu que das duas dimensões de saliência opositivas propostas por Naro (1981), apenas a menor diferença material é uma restrição independente ao sujeito - verbo (SVA). Afirmar que a dimensão principal que Naro descreve como oposição entre os verbos com desinências acentuadas e em verbos sem essa característica não é claramente uma restrição independente nesse tipo de concordância, ou seja, SVA, mas parece ser “um reflexo da distinção entre os verbos cujos plurais podem ser convertidos em singulares superficiais pelo processo fonológico de desnazalização, e aqueles em que a desnazalização não tem esse efeito¹⁸” (GUY,

¹⁸ Tradução nossa. “a reflection of the distinction between those verbs whose plurals can be converted to superficial singulars via the phonological process of desnazalization, and those Where desnazalization cannot have this

1981, p. 268). No entanto, Guy (1981) reconhece o acento na desinência como um elemento importante desse efeito uma vez que bloqueia completamente a desnazalização.

Em relação aos efeitos do estilo de fala e do sexo apresentados na Tabela 6-25, Fatores Sociais no Uso do SVA, Guy (1981, p. 269) observou que seguem a direção esperada, porém são claramente marginais. O efeito da idade indica que uma mudança em progresso é bastante improvável para esta variável, o pequeno efeito do sexo é notável ao compará-lo com o efeito muito maior observado para a desnazalização. Os aspectos sociais e linguísticos considerados pelo autor colaboraram para o entendimento acerca da saliência fônica e sua relação com a concordância verbal. É notável a influência dos aspectos empregados, visto que contribuíram para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de uso da língua em diferentes grupos sociais.

Nesse trabalho, Guy (1981) apresenta um capítulo sobre o português popular brasileiro. Nele, realiza um questionamento provocativo. O português do Brasil chegou ao seu estado atual por meio de um desenvolvimento dialetal completamente comum ou em algum momento de sua história, experimentou mudanças abruptas, sugerindo neste caso o processo criouliização? Lucchesi (2009; 2015; 2019) tem uma resposta para esta indagação, que apresentamos no capítulo História do Português do Brasil. Lucchesi levanta a hipótese de que o português falado pelos escravos africanos e indígenas pode ter atingido um nível de pidginização e criouliização, entretanto esse processo não chegou a afetar as camadas mais elevadas da sociedade brasileira no período colonial.

Por meio dessa hipótese verifica-se que apesar da grande influência das línguas africanas no português falado no Brasil, as condições sócio-históricas não favoreceram o desenvolvimento de línguas crioulas no país. Porém, Lucchesi (2009) reconhece que existem traços de criouliização parcial no português afro-brasileiro que se evidenciam na fala de comunidades historicamente marginalizadas. Nesse sentido, Lucchesi (2019) cita a comunidade de Helvécia, situada no extremo sul do Estado da Bahia como um caso isolado de processo pretérito de criouliização. O caso da variação da concordância de número é um exemplo disso, apontado por Lucchesi (2009) como um provável processo de variação e mudança induzido por situações de contato maciço do português devido a transmissão linguística irregular no período Brasil colônia, contato esse promovido por indivíduos provenientes de outras nacionalidades.

effect”, Guy (1981, p. 268).

Scherre e Naro (1998) investigaram a concordância de número no português falado no Brasil, demonstraram que o português vernacular apresenta variação sistemática, com variantes explícitas e zero de plural em elementos verbais e nominais. A exemplificação destas variantes pode ser verificada nas construções como a) “eles ganham demais da conta” b) “eles ganha demais”, c) “os fregueses”, d) “as boas ações”, e) “essas coisas todas”, f) “as coisas tão muito caras, né?”, g) “que as coisa tá cara, num dá mesmo”, h) “os meus filhos foram alfabetizado”.

O estudo sintetizou os seis níveis da escala de saliência. No nível 1 (oposição não acentuada) destacaram-se 1a) ausência de mudança na qualidade da vogal na forma plural, (“Eles conhece Roma”/ “Ceys conhecem?”), 1b) mudança na qualidade da vogal na forma plural, (“Eles ganha demais po que eles fayz”/ “Eles ganham demais da conta” e 1c) acréscimo de segmentos na forma plural, (“Eles também não diz”/ “Eles dizem”).

No nível 2 (oposição acentuada) observaram 2a) mudança na qualidade da vogal na forma plural, (“Os filho tá pedindo dinheiro”/ “Eles tão bem intencionados”), 2b) acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural, (“Aí bateu dois senhores na porta”/ “eles bateu sete chapa da cabeça dele”) e 2c) que envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas, (“Agora, os vizinho daqui é ótimo”/ “Mesmo aqueles que são sinceros”).

Os resultados evidenciaram que os níveis mais baixos da hierarquia da saliência favoreceram menos a concordância do que os níveis mais altos. Além disso, a variável escolaridade influencia diretamente na concordância verbal.

Falantes com 1 a 4 anos de escolarização apresentaram peso relativo de 0.15, enquanto entre analfabetos, o valor foi de 0.11 nos casos de menor saliência fônica. Para a maior saliência, esses valores subiram para 0.80 e 0.85 respectivamente. Scherre e Naro (1998) concluíram que as variáveis sociais, como sexo e escolaridade desempenharam um papel significativo no que diz respeito ao objeto deste estudo.

Esses resultados reforçam a nossa hipótese de que fatores extralinguísticos como escolarização, sexo, faixa etária, classe social, localização geográfica têm maior influência do que os fatores linguísticos na marcação da concordância verbal de número em Belo Horizonte.

Scherre, Naro e Cardoso (2007) discutem o efeito do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro e confrontam com o efeito da posição e da animacidade do sujeito. Analisaram 4.601 dados de 64 falantes do Rio de Janeiro e uma falante maranhense que fazem parte do banco de dados do Programa de Estudos sobre o uso da Língua (PEUL), consideraram a perspectiva tradicional (nocional, de ligação e auxiliar) com dados

categorizados em outras perspectivas tradicionais e gerativistas (transitivo, intransitivo, de ligação, auxiliar/modal, existencial). Os autores concluíram que o tipo de verbo não revelou significância estatística. No entanto, constataram que a posição e animacidade revelaram efeitos sobre a concordância verbal. Em suma, observaram que a saliência fônica da oposição singular/plural é a única característica específica do verbo que influencia na concordância verbal.

Acerca da posição verificaram que sujeito à esquerda e próximo do verbo é favorecedor da marca de concordância 0.65 vs. 0.20 para a amostra do Rio e 0.65 vs. 0.20 para a amostra do Maranhão; sujeito ou sintagma à direita do verbo desfavorece a marcação verbal 0.19 para a amostra do Rio e 0.21 para o falante do Maranhão. Scherre, Naro e Cardoso (2007) ratificam que embora a concordância seja baixa nas construções com sujeito ou sintagma à direita do verbo, ainda não existe categoricidade de não concordância neste ambiente, como por exemplo “chegou as carta”.

Neste caso, segundo os autores, a maior saliência do verbo e o traço humano do sujeito ou do sintagma corroboram para favorecer a presença da marca de plural. Ainda que o ambiente sintático desfavoreça a concordância plural e que favoreça a interpretação do sintagma relevante como agrupamento interno ou complemento verbal nos moldes tradicionais.

No que se refere à animacidade, os autores chegaram à conclusão de que sujeito mais humano favorece a concordância e sujeito menos humano a desfavorece. Os resultados obtidos foram 0.56 para 0.25 na amostra do Rio de Janeiro e 0.55 para 0.21 para o falante do Maranhão.

Em se tratando de saliência fônica observaram que verbo com oposição mais saliente favorece a concordância 0.64, no entanto verbos com oposição menos saliente desfavorecem a concordância 0.37. Para o falante do Maranhão os resultados constataram 0.80 para o favorecimento e 0.21 para o desfavorecimento. Diante do trabalho apresentado é possível observar as diversas possibilidades de investigações que podem contribuir para o estudo do encaixamento sintático da variação da concordância de número, além da neutralidade da concordância.

Welchen (2009) analisou fatores linguísticos e sociais relacionados à variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Pelotas/RS. A autora discutiu a presença *versus* a ausência de concordância verbal de terceira do plural; e a concordância verbal padrão *versus* não-padrão de terceira pessoa do plural numa amostra de 90 informantes que compõem o Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social de Pelotas/RS (VarX). Welchen (2009) concluiu que em Pelotas há variação de concordância verbal de terceira pessoa, mas com o

predomínio do uso da marca. Em se tratando de concordância verbal *versus* não-padrão, observou alternantes de realização da marca com ênfase nas variáveis sociais e altos percentuais de emprego de formas padrão em consequência de aspectos sociais e culturais.

Para a análise de dados utilizou a metodologia quantitativa com base na interface Windows para o Varbrul e em formulário de codificação de dados. Os resultados mostraram a existência de variação de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, porém com preponderância do uso da marca, justificadas pela presença de desinências verbais em 4.317 contextos num total de 5.263 configurando, portanto, 82%, e em 945 contextos foram confirmadas a ausência de marcas de concordância, contabilizando 18%.

Além disso, em se tratando do resultado das variáveis sociais, confirmou a existência de indícios de aquisição de concordância verbal de 3ª pessoa do plural ao observar um aumento gradual de emprego de marcas de concordância em direção dos informantes mais velhos para os mais novos. Segundo Welchen (2009) os mais novos revelaram valores mais altos tanto em percentuais quanto em peso relativo referentes ao uso de desinências verbais de 3ª pessoa do plural.

No que se refere ao estudo da concordância verbal padrão *versus* não-padrão analisou a distribuição das formas padrão *versus* não-padrão, que envolveram a ausência de marca e formas alternantes de realização da marca, com destaque para as variáveis sociais. Constatou que em Pelotas/RS existe altos percentuais de emprego de formas padrão em consequência de aspectos sociais e culturais. Podemos afirmar que a pesquisa de Welchen (2009) contribui para a discussão sobre a relação entre normas gramaticais e práticas linguísticas. A observação apurada do seu trabalho nos permite inferir a importância de se considerar a variação social na análise da concordância verbal.

Oushiro (2015) analisou, na cidade de São Paulo, a concordância de 1PP e 3PP a fim de avaliar se se trata de duas variáveis distintas ou de uma única variável, com os mesmos padrões e regras, como postula Labov (1969). Oushiro demonstrou que tanto a 1PP quanto a 3PP se correlacionam com o mesmo conjunto de variáveis independentes, são selecionadas na mesma ordem de importância, além de apresentarem a mesma hierarquia interna de restrições e verificou que se constituem de uma única variável sociolinguística.

A autora apresentou discussões referentes ao *status* da marca zero na comunidade investigada quanto à estabilidade ou não da concordância verbal. Com o propósito de avançar o entendimento sobre a relação entre usos linguísticos e significados sociais, procurou avaliar se havia uma maior relação de estigma associado à variante em 1PP ou em 3PP.

Oushiro (2015) concluiu que a concordância verbal de 1PP e 3PP se diferencia em valor social visto que a marca zero de 1PP é favorecida em relação à de 3PP, em se tratando de falantes menos escolarizados, de classe mais baixa e de menor mobilidade, em que a fala tem maior probabilidade de ser estigmatizada, já nos demais grupos sociais investigados tanto 1PP quanto 3PP não se diferenciam em tendências de uso. Como se pode observar, os resultados da pesquisa de Oushiro indicam que a concordância verbal é influenciada por fatores sociais e contextuais. Essa abordagem evidencia a importância de se considerar a variação linguística em contextos urbanos e a relação entre uso linguístico e significados sociais.

Como observamos, ao longo dos anos, diversas pesquisas de alcance nacional têm contribuído para a compreensão da variação linguística no Português do Brasil, com análises envolvendo fatores socioculturais, regionais e estruturais. Todavia, a fim de aprofundar nossa investigação e contextualizar os fenômenos linguísticos em uma realidade mais específica, que diz respeito à nossa pesquisa, voltamos nossa atenção para estudos realizados em Belo Horizonte. Desse modo discutimos os trabalhos de Nicolau (1984) e Faria (2008) que trouxeram contribuições significativas para a compreensão da variação linguística no português mineiro. O primeiro trabalho trata da ausência da concordância verbal em português, o segundo trata da presença da concordância verbal em Belo Horizonte. Juntos, esses trabalhos fornecem uma base sólida para que se possa compreender como fatores internos e externos impactam a estrutura da língua na capital mineira.

Nicolau (1984) analisou na modalidade falada da cidade de Belo Horizonte, o problema da concordância entre o verbo e o sintagma nominal sujeito plural, de terceira pessoa, justificando-se pela divergência observada entre variedade linguística usada por falantes dessa comunidade e a variedade padrão ensinada na escola. O estudo partiu da análise de 1.913 dados obtidos por meio de 32 horas de entrevistas individuais gravadas.

Neste trabalho, a autora considerou a constituição morfológica da forma verbal como variável dependente. Para as variáveis independentes considerou ambiente fonológico que sucede ao verbo, posição do SN sujeito em relação ao verbo, constituição do SN sujeito, estilo de fala, sexo, idade, grupo social. Ressalta-se que a autora reconheceu como uma tarefa de alta complexidade, a análise do grupo social. Por esse motivo, limitou-se a observar a distribuição desses habitantes avaliando os diferentes estilos de vida, como por exemplo, condições de trabalho, profissões e níveis de educação. Verificou que a regra morfossintática de concordância verbal em português é uma regra variável condicionada por fatores estruturais e não estruturais.

A pesquisa demonstrou que os homens apresentaram maior ausência de concordância verbal em comparação com as mulheres, que conforme a literatura, são elas que tendem a manter a marcação verbal. Além disso, foi constatado que em todos os grupos sociais, os falantes mais velhos, adultos com 36 anos ou mais, apresentaram maior ausência de concordância verbal. Essa última constatação não corrobora os resultados dos trabalhos de Oushiro (2015), Faria (2008), Scherre, Naro e Cardoso (2007), Welchen (2009).

Ademais a ausência de concordância no estilo informal é mais significativa do que no estilo formal, em três dos quatro grupos observados, grupo B (baixo padrão), grupo O (operários) e grupo M (médio padrão de vida). Já entre os falantes do grupo A (alto padrão de vida) há um predomínio da ausência de concordância no estilo formal, sendo assim os grupos sociais mais altos desfavorecem a ausência de concordância, que é favorecida pelos grupos sociais mais baixos.

Constatou-se que ausência de concordância verbal é determinada muito mais pela posição do SN sujeito em relação ao verbo do que pela constituição do SN sujeito. Nos casos em que a relação é dificilmente percebida no SN/SV (sujeito posposto ao verbo na oração e sujeito constituído de pronome relativo antecedido de SN Plural) a ausência de concordância é bastante favorecida. Conforme a autora, a posposição do sujeito e a distância entre sujeito e verbo favorecem o apagamento da marca de concordância. Em se tratando de formas de pretérito perfeito do indicativo, a concordância não padrão apresenta frequência superior em relação à concordância padrão.

Em relação à constituição morfológica da forma verbal, Nicolau não confirma na análise investigada, o princípio de saliência fônica estabelecido por Lemle e Naro (1977) postula que não há qualquer evidência de relação entre a ausência de concordância verbal e o grau de saliência fônica que diferencia as formas singular e plural. Explica que a frequência de ausência de concordância nos verbos regulares como (fala/falam, come/comem, faz/fazem etc) pode ser explicada pela ocorrência de interação entre um processo morfossintático variável sincrônico e alguns processos fonológicos variáveis que atingiram esses verbos, ainda no português arcaico.

Afirma que a realização das terminações verbais átonas dos verbos regulares e das formas de pretérito perfeito sob a forma de monotongos é favorecida nos casos em que o verbo aparece seguido de vogal. Diante do comportamento dos fatores não estruturais, Nicolau confirma que a ausência de concordância verbal no português coloquial de Belo Horizonte caracteriza-se como uma variável estável que apresenta evidente estratificação social.

Esse trabalho de Nicolau (1984) permite a reflexão sobre a identidade linguística dos falantes de Belo Horizonte, evidenciando como a linguagem reflete as condições sociais e culturais. O estudo contribui significativamente para a compreensão da ausência de concordância verbal em Belo Horizonte e da variação linguística no Brasil. Além de servir como fonte de comparação para trabalhos que discorrem sobre a concordância verbal em Belo Horizonte como o trabalho de Faria (2008), a nossa tese, bem como outros trabalhos produzidos em outras cidades de Minas Gerais e do Brasil.

Em seu estudo, Faria (2008) coletou dados de entrevistas espontâneas de 26 informantes residentes em Belo Horizonte, desse material extraiu no total 863 dados. Desse total, 65% dos casos, ou seja, 566 dados registraram presença de concordância verbal e 34% do total, constituído por 297 dados, apresentaram ausência de concordância verbal.

As variáveis linguísticas analisadas pela autora foram morfologia da forma verbal e grau de saliência fônica, ambiente fonológico que sucede ao verbo, posição do SN sujeito e relação ao verbo, constituição do SN sujeito, paralelismo formal. As variáveis extralinguísticas consideradas foram estilo de fala, regionais¹⁹, sexo, idade, classe social, escolaridade. Para a análise do fenômeno da concordância verbal, os grupos de fatores ambiente fonológico que sucedem ao verbo, estilo de fala e idade não se mostraram relevantes.

Em se tratando da constituição morfológica da forma verbal e grau de saliência fônica, Faria (2008) concluiu que o princípio da saliência fônica não se sustenta plenamente com relação à concordância verbal em BH, pelo fato de que nem sempre as formas mais salientes são preservadas. A autora constatou que a ocorrência de concordância verbal é favorecida pelos verbos com terminação acentuada (.68), seguida pelos verbos no pretérito perfeito (.61) e pelos verbos regulares (.32). De acordo com a autora, os verbos não-regulares também favorecem a concordância verbal, com peso relativo de .64 para .32 dos verbos regulares. Nas formas do pretérito perfeito, encontrou 54% de presença de concordância padrão para 23% da concordância não-padrão.

Faria (2008) comparou seu trabalho ao de Nicolau (1984) em BH, que trata de ausência de concordância verbal e afirmou que

- a) para os verbos regulares houve um aumento dos casos de concordância do ano de 1984, que apresentavam um percentual de 37% para o ano de 2008, com 52%;

¹⁹ Faria (2008) emprega esse termo para indicar que essa variável é constituída pelos bairros da cidade investigada.

- b) nos verbos no pretérito perfeito houve um grande aumento dos casos de concordância, uma vez que em 1984 foram registrados 14% dos casos e em 2008 o número aumentou para 54%;
- c) para as formas com terminação acentuada houve queda que passou de 79% em 1984 para 73% em 2008.

Faria (2008) explica que essas oscilações entre as formas verbais, dependendo da localidade, podem ser explicadas pelo modelo de “fluxos e contrafluxos” de Naro e Scherre (2004). Nesse modelo, a variação linguística não é linear, mas constitui de um processo complexo no qual diferentes influências podem se sobrepor e interagir, resultando em padrões variados de uso da língua. No estudo intitulado *Variação e mudança: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala*, Naro e Scherre (1991, p. 15) chegaram à conclusão de que os fluxos e contrafluxos só parecem emergir com agrupamentos dispostos de forma não convencional.

Em relação ao ambiente fonológico que sucede o verbo, Faria (2008) constatou que consoante e vogal mostraram-se neutros em relação ao fenômeno da concordância verbal, os pesos relativos foram respectivamente, .51 e .49. Ao realizar o agrupamento dos dois fatores, consoante e vogal, o peso relativo de ocorrência de concordância passou a .50 e a da pausa, mostrou-se inibidora, passou a .41.

Em se tratando de verbos regulares, a pausa evidenciou o favorecimento da ocorrência do fenômeno, em que o peso relativo foi de .57, ao passo que a consoante e a vogal se mostraram neutras, evidenciando o peso relativo de .51 e .48 respectivamente. Já, nos verbos não-regulares, tanto consoante quanto vogal permaneceram neutras, com peso relativo de .51 e .52 e a pausa apresentou peso relativo de .28.

No pretérito perfeito, consoante e pausa ficaram bem próximos com pesos .48 e .46 respectivamente ao passo que a vogal apresentou .53 de peso relativo para a ocorrência de concordância verbal. Faria (2008) afirma que nesse contexto o ambiente é neutro, isto é, não favorecendo nem desfavorecendo a ocorrência de concordância. A autora concluiu que em todos os contextos, os valores do ambiente fonológico seguinte ao verbo se apresentaram muito próximos a .50, sendo assim, evidenciam valores praticamente neutros, portanto a significância desse grupo de fatores é nula. Esse fator não foi selecionado pelo programa Goldvarb.

No que diz respeito à posição do SN sujeito em relação ao verbo Faria (2008) constatou que a concordância de terceira pessoa é desfavorecida pelo sujeito posposto ao verbo. Além disso, a autora verificou que o sujeito anteposto e distante do verbo não se mostrou favorecedor

da concordância verbal de terceira pessoa em BH, porém, sofreu aumento do peso relativo em comparação ao trabalho de Nicolau (1984), que apresentou peso relativo igual a .26. Já no trabalho de Faria (2008) o peso relativo passou a .44.

Em relação à constituição do SN sujeito, de acordo com Faria (2008) o SN sujeito constituído por pronomes de terceira pessoa do plural, pelos possessivos, pelos indefinidos e pelos numerais favorecem a ocorrência da concordância verbal. Já o SN, sujeito que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular não favorecem a ocorrência de concordância verbal.

Para a variável paralelismo formal, Faria (2008) concluiu que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros. Para o estilo de fala constatou que o estilo formal favorece a ocorrência de concordância verbal enquanto o estilo informal a desfavorece.

Em relação à distribuição geográfica, observou que as regiões Nordeste, Noroeste, Venda-Nova e Leste de Belo Horizonte favorecem a ocorrência da marcação verbal, explica que o favorecimento se deve ao fato de serem essas as regiões mais antigas da cidade ao se considerar o início e consolidação da ocupação da capital mineira. O desfavorecimento da marcação verbal ocorre em regiões ocupadas recentemente, é o caso das regiões Oeste, Pampulha, Barreiro e Norte.

Para a variável sexo, Faria (2008) constatou que as mulheres apresentam o favorecimento da concordância verbal já os homens desfavorecem ligeiramente. Portanto, este fator não foi selecionado pelo Goldvarb. Para a variável idade, a autora concluiu que os jovens não favorecem a ocorrência de concordância verbal, porém os adultos e os indivíduos de meia-idade se comportam de modo semelhante com o favorecimento da marcação verbal. No cruzamento dos dados das variáveis idade e sexo, Faria (2008) constatou queda de ocorrência de concordância no público jovem para os adultos e elevação do emprego de concordância dos idosos do sexo feminino, ao passo que no sexo masculino o movimento foi oposto. A autora explica que há uma tendência das mulheres a utilizarem a língua de prestígio. Faria ratifica que o Goldvarb não selecionou este grupo como relevante para a análise do fenômeno estudado.

Para a variável escolaridade, Faria (2008) concluiu que o Ensino Superior favorece a ocorrência de concordância verbal, porém tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio não favorecem a ocorrência do fenômeno investigado. Diante dos resultados alcançados, Faria (2008) considera que a concordância verbal de terceira pessoa do plural em Belo Horizonte, recebe influências de fatores linguísticos e extralinguísticos. Verificou que a constituição morfológica da forma verbal, a posição e constituição do SN sujeito e paralelismo formal

demonstraram relevância acerca do fenômeno investigado. Já em se tratando dos fatores extralinguísticos, os que se sobressaíram foram o estilo de fala, as regionais, a classe social e a escolaridade dos participantes.

Todos os trabalhos discutidos conferem uma visão abrangente acerca da concordância verbal no português brasileiro. Destacam a complexidade e a dinâmica da língua em diferentes contextos sociais e regionais. Ressaltam a importância de uma abordagem sociolinguística que considere tanto as regras gramaticais quanto as variações e mudanças que ocorrem na língua em uso. Pode-se afirmar que essa perspectiva é fundamental para entender a evolução da língua e a relação entre linguagem e sociedade.

Nossa tese busca dialogar com os estudos apresentados, principalmente com os de Nicolau (1984) e Faria (2008) por se tratar de trabalhos realizados especificamente em Belo Horizonte, a fim de aprofundar as discussões já estabelecidas e explorar novas perspectivas de comportamento linguístico. Ao construir essa ponte, pretendemos identificar nuances ainda não exploradas e ou que podem ser complementadas e contribuindo para uma compreensão mais ampla dos fenômenos relacionados à concordância verbal de número em Belo Horizonte. Embora grande parte dos estudos associe a escolarização à contenção da variação linguística, esta pesquisa propõe uma reflexão aprofundada sobre o papel da escola no processo natural que a língua está tomando.

No próximo Capítulo discutimos sobre a metodologia empregada neste estudo.

4 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a abordagem e os procedimentos metodológicos adotados para orientar a coleta, a análise, e a interpretação dos dados. Introduzimos o modelo de investigação e o programa utilizado na análise destacando sua funcionalidade e sua relevância no tratamento das informações. Em seguida, descrevemos a estruturação do C-ORAL-BRASIL, *corpus* oral que fundamenta esta tese, seguida pela apresentação do *corpus* propriamente dito, incluindo a estratificação da amostra para o estudo da concordância verbal de número em Belo Horizonte.

4.1 Pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos

Este estudo foi realizado com base em pesquisas qualitativa, quantitativa, explicativa e descritiva. Esta pesquisa é qualitativa por propor o aprofundamento da compreensão de um grupo social, no caso, os investigados provenientes da capital mineira. Foi realizada a análise de conversas informais do *Corpus* C-Oral-Brasil, especificamente da cidade investigada, para identificar os padrões de uso da concordância verbal.

É quantitativa por quantificar por meio do programa de computador GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), os dados coletados a partir da amostra analisada em relação à variação da concordância verbal de número. Foi efetuado o levantamento estatístico sobre a frequência da concordância verbal padrão e não-padrão em *corpus* de fala. Acreditamos que a combinação das abordagens qualitativa e quantitativa nos permitiu alcançar um volume mais amplo de informações o que beneficiou o resultado deste trabalho.

A pesquisa é explicativa por procurar explicar a hipótese de que fatores internos (saliência fônica, traço semântico do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de verbo, regularidade morfológica do verbo, tipo de sujeito, constituição do sujeito) e externos (nível de escolaridade, sexo, idade) influenciam na variação da expressão da concordância verbal de número da variedade sociolinguística de Belo Horizonte.

É descritiva por descrever o envelope de variação da concordância verbal de número proveniente de *corpus* oral e escrito. Por catalogar fenômenos linguísticos relacionados à concordância verbal de números em contextos (informal, falado). Ainda por testar e descrever hipóteses sobre fatores que influenciam na aceitação ou utilização de determinadas formas verbais em detrimento de outras.

Quanto aos procedimentos e técnicas, realizamos os levantamentos dos informantes do C-ORAL-BRASIL, selecionamos, codificamos enunciados conforme as variáveis linguísticas e extralinguísticas eleitas. Alguns dados sobre formas verbais, que foram comparados com variáveis linguísticas e extralinguísticas, não foram incluídos pelo programa de regra variável, ou seja, não apresentaram significância, conseqüentemente não tiveram calculados seus pesos relativos. Por isso, foram examinados de forma qualitativa. Aqui ressaltamos os problemas de restrição e da avaliação, conforme Weinreich; Labov e Herzog (2006[1968]). Neste caso, essas discussões terão apenas caráter qualitativo, servindo para enriquecer o estudo. Na seção seguinte, discutimos o modelo de análise empregado.

4. 1.1 Modelo de análise da investigação

Esta tese fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, adota, portanto, modelos de análises coerentes com essa abordagem. Esse modelo de análise, desenvolvido por Labov, parte do pressuposto de que a língua não é homogênea, mas que apresenta variações sistemáticas influenciadas por fatores linguísticos e sociais como sexo, idade, classe social, contexto comunicativo e localização geográfica. Desse modo, busca compreender como diferentes variantes de uma mesma estrutura coexistem e como são utilizadas por falantes.

No modelo de análise laboviano utiliza-se *corpus* de fala espontânea, coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas. Nessas entrevistas é necessário minimizar a interferência do pesquisador. Diante de um cenário como esse, podemos observar estratégias que tornam essa influência menos significativa. Labov (1966, s.p.) aplicou critérios rigorosos para reduzir esse impacto, observou que “os efeitos de influenciar o entrevistado foram minimizados ao enfatizar fortemente ‘muito’ e ‘não tão’, e ao pronunciar de forma indistinta a palavra ‘ruim’, de modo que não estava claro qual o valor da variável que o entrevistador estava usando²⁰.” Esse recorte evidencia a necessidade de se estabelecer e de seguir critérios rigorosos para a condução das entrevistas.

²⁰ Tradução nossa. “The effects of influencing the respondent were minimized by laying heavy stress on very and not so, and slurring over the word bad so that it was not clear which value of variable the interviewer was using”, (LABOV, 1966, s.p.).

No modelo de análise da Sociolinguística Variacionista, a amostragem dos falantes deve representar a diversidade da comunidade investigada, a fim de garantir que diferentes grupos sociais e faixas etárias estejam devidamente contemplados. Sendo assim, evita-se vieses que possam comprometer a validade dos resultados. Conforme Labov (1966), a pesquisa social realizada no Lower East Side foi cuidadosamente planejada para reduzir ao máximo possíveis vieses e imprecisões, garantindo que os dados coletados refletissem de maneira fidedigna a realidade linguística da comunidade estudada.

No modelo laboviano, os dados coletados são analisados estatisticamente, sendo assim aplica-se a metodologia quantitativa. O tratamento das informações identifica padrões de uso das variantes linguísticas, estabelece correlações entre esses padrões e fatores condicionantes. Nessa metodologia emprega-se ferramentas computacionais e pacotes de softwares especializados, chamados de programa de regra variável, já apresentados na subseção 5.1, (p. 112). A leitura e interpretação dos resultados obtidos ficam a cargo do pesquisador, como afirma Guy (1988, p. 133). De posse dos resultados, o pesquisador terá subsídios suficientes para entender os processos de mudança linguística e a dinâmica da variação dentro das comunidades estudadas.

Ressalta-se que nesse modelo de análise há a integração entre métodos quantitativos e qualitativos. Enquanto o primeiro, estatisticamente disponibiliza um panorama geral dos fenômenos da variação, o segundo permite interpretar os dados à luz de contextos sociais e pragmáticos específicos.

Na seção seguinte discutimos a ferramenta quantitativa GoldVarb X 3.0B3 software utilizado nesta tese. O seu uso possibilitou modelar a variação linguística e permitiu identificar padrões e tendências dos dados.

4.1.2 GOLDVARB X 3.0B3

Nossa discussão se baseia na abordagem quantitativa proposta por Gregory Guy e Ana Zilles (2007), explorando as potencialidades e limitações desse instrumento. Para o tratamento dos dados, utilizamos o programa GoldVarb X 3.0b3 (2005), que opera em ambiente Windows e corresponde à versão mais recente do programa de regra variável (VARBRUL).

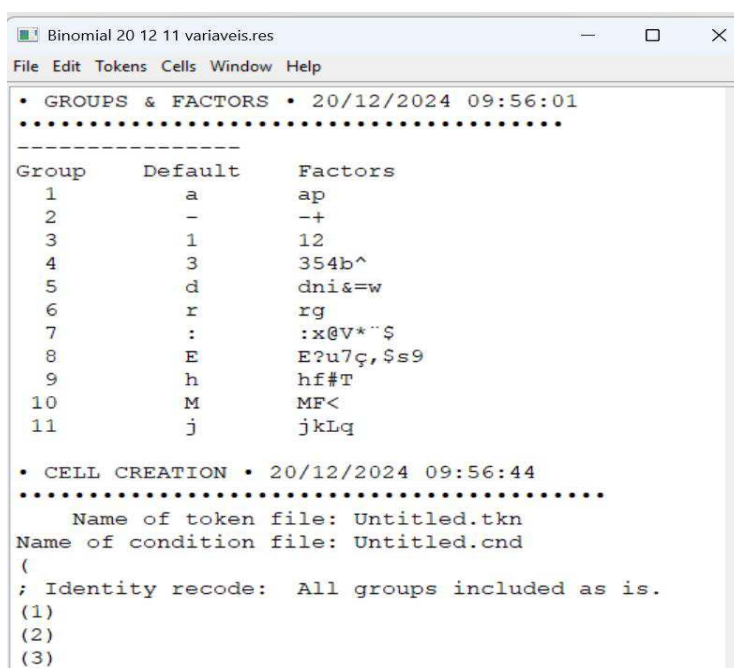
O programa estatístico “Varbrul é uma ferramenta poderosa e extremamente útil para a análise da variação linguística” (Guy, 2007, p. 69). Seu objetivo “é separar, quantificar e testar

significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística” (Guy, 2007, p. 34). Esses fatores podem ser de ordem social ou linguística, e sua metodologia permite ao pesquisador identificar padrões no uso de variantes e avaliar a influência desses fatores sobre as variações. No entanto, como ressalta Guy (2007), o Varbrul é apenas um recurso para a manipulação de dados, não discerne padrões, não faz generalização, nem interpreta achados, pois esse trabalho cabe ao pesquisador.

O GoldVarb X 3.0b3, é amplamente utilizado em pesquisas sociolinguísticas, pois “efetua a análise de pesos relativos de duas variantes (binomial), em um nível (*one level*) ou em múltiplos níveis (up and down), mas calcula as frequências absolutas e relativas brutas de até nove variantes na variável dependente”, (SCHERRE, 2012, s.p.). Ainda que saibamos que existem outras ferramentas que realizam o trabalho de quantificação de dados; a escolha por esta ferramenta, o GoldVarb X 3.0b3 (2005), justifica-se tanto por sua ampla adoção na área quanto pela facilidade de uso. O detalhamento do processo de manuseio do GoldVarb X, após a apresentação da Figura 02, ratifica essa escolha.

A Figura 02 ilustra a tela de uma análise binomial de nosso estudo em que há o emprego desta ferramenta, os resultados são apresentados e discutidos no Capítulo 5 – Análise dos dados.

Figura 02– Análise binomial



Fonte: dados da autora

A análise binomial permite calcular pesos relativos entre duas variantes, ou seja, calcula a probabilidade de ocorrência de uma variante em relação à outra. O peso relativo é representado por um número entre 0 e 1 que indica o grau de influência de um fator sobre a aplicação da variante. Quanto mais próximo de 1, maior é a tendência de aquele fator favorecer a variante. Já, quanto mais próximo de 0, maior é a tendência ao desfavorecimento. Um peso relativo igual a 0.5 é considerado neutro, pois indica que o fator não influencia significativamente a variante, (GUY; ZILLES, 2007). Desse modo, considera-se que aquela determinada variável não tem significância e não é selecionada pelo programa. Numa pesquisa analítica, até mesmo variantes que não apresentam significância podem ser consideradas e investigadas, porém essa análise seguirá de forma qualitativa. Análises dessa natureza são realizadas nesta pesquisa.

Para que os dados sejam lançados na ferramenta GoldVarb X, primeiramente é necessário estabelecer os grupos de fatores considerando: variável dependente e as variáveis independentes. Como já mencionado anteriormente, nesta pesquisa a variável dependente é a presença *versus* ausência da concordância verbal, já as variáveis independentes são linguísticas e sociais. As linguísticas são: (a) saliência fônica, (b) traço semântico do sujeito, (c) posição do sujeito em relação ao verbo, (d) tipo de verbo, (e) regularidade morfológica do verbo, (f) o tipo de sujeito e (g) a constituição do sujeito. Já as sociais são: sexo, idade, escolaridade, tipo de norma (padrão/não-padrão).

Estabelecidas as variáveis, seguimos para a codificação de cada dado, respeitando regras específicas. A exemplo disso, os códigos devem ser únicos para cada variável, podendo-se utilizar letras minúsculas, maiúsculas, símbolos, números. No entanto, determinados símbolos não podem ser utilizados como é o caso dos parênteses, uma vez que já possuem uma função específica no GoldVarb X. Esse recurso é usado antes da inserção dos códigos, deve-se abrir os parênteses, mas não os fechar, caso contrário pode resultar em erro e o programa não realiza a leitura dos dados. Além disso, ressaltamos que todo o espaço dado entre os códigos aplicados não é lido. O ponto e vírgula também tem função específica, aplicado antes da inserção de informações, indica que aquele registro deve ser ignorado. É imprescindível conhecer as funcionalidades e cada detalhe do programa para evitar erros.

Ao iniciar o GoldVarb X, a janela principal do software é exibida; nela, contém os menus e opções necessárias para o processamento de dados. Para a importação do arquivo de tokens (. tkn.), o primeiro passo consiste em carregar o arquivo com os dados codificados. Para

isso, é necessário acessar o menu File/Open, selecionando o arquivo com extensão. tkn., que reúne as ocorrências linguísticas e os fatores associados.

O próximo passo é a geração automática das especificações dos grupos de variáveis. Com o arquivo carregado, procede-se à identificação desses grupos, por meio da opção Tokens/Generate fator specifications by scanning tokens. Essa etapa permite que o programa faça o reconhecimento automático dos fatores presentes nos dados, caso haja alguma inconsistência é imprescindível a correção.

Para a visualização das especificações dos fatores, utiliza-se a opção Tokens/Show fator specifications, a fim de verificá-los e garantir que estejam corretamente definidos. Neste caso, seleciona-se a opção Tokens/Check tokens. Essa opção permite a conferência do número de linhas válidas e a identificação das possíveis inconsistências nos dados.

A próxima fase é a importação do arquivo de condições (.cnd) é nesse arquivo que todo o trabalho de escolhas acontece. Nele, definimos e organizamos os grupos de fatores que serão analisados estatisticamente. É importante ressaltar que o primeiro grupo a ser listado é sempre a variável dependente, no caso desta tese, a variável dependente é a presença X ausência da marca de concordância verbal. Cada grupo de variáveis presente no arquivo de condições corresponde a uma coluna no arquivo de tokens. É possível acompanhar essa correspondência observando a numeração entre parêntese. Ao rodar os dados pode ocorrer nocautes, isto é, quando um fator impede completamente a aplicação da variante, por ocorrer em número baixo. Os nocautes devem ser corrigidos ou amalgamados, ou seja, agrupados às variáveis correspondentes. Essa ação fica à critério do pesquisador que também pode seguir para a opção da exclusão daquela variável naquele conjunto de dados. Nessa etapa, o pesquisador pode realizar combinações conforme o grau de relevância para a pesquisa.

Nesse procedimento, realizamos as combinações entre saliência fônica, escolaridade e posição do sujeito, conforme registram as Tabelas 13 e 14, pois a intenção era verificar, se de fato, a ordem canônica, se confirmava nos dados e se o nível de escolarização mantém alguma relação com o grau de saliência fônica. A facilidade e a liberdade das combinações das variáveis permitem ao pesquisador testar e comparar elementos que, às vezes, por sua obviedade, são desconsiderados em uma análise, mas que talvez, possam representar um diferencial em determinadas situações. É justamente esse, o ponto desta tese, considerar os pormenores, analisar as minúcias, visto que a concordância verbal é um tema amplamente discutido no Brasil.

Na etapa seguinte, procede-se ao carregamento das células para a memória, por meio da opção Cells/Load to memory. Essa ação prepara os dados para as análises estatísticas que serão realizadas no programa. Com os dados devidamente carregados, torna-se possível aplicar o recurso de Cross-tabulation, que permite examinar a relação entre variáveis cruzadas. No entanto, essa etapa só pode ser concluída com sucesso caso não haja ocorrências de nocautes.

Após essa breve apresentação do GoldVarb X, a próxima Seção, discute o *corpus* deste estudo.

4.2 Corpus

Para atender aos objetivos desta pesquisa, conforme indicado no Capítulo 01 (p.16), organizamos o *corpus* constituído por dados de fala. Esse *corpus* provém do C-ORAL-BRASIL, organizados por Raso e Mello (2012).

4.2.1 Construção e características do C-ORAL- BRASIL

O C-ORAL-BRASIL é um projeto associado ao Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O *corpus* constitui-se de 139 textos falados, totalizando 21:08:52 horas de fala (208.130 palavras). O recurso tem por objetivo representar a variedade de atos de fala realizados na linguagem do dia a dia e facilitar a formação de padrões prosódicos e sintáticos na língua portuguesa do Brasil considerando tanto uma abordagem quantitativa quanto qualitativa.

O referido *corpus* de fala espontânea, é especialmente representativo da variedade mineira, com foco na região metropolitana de Belo Horizonte. A maioria dos falantes é da capital (55,6%), enquanto (35,9%) são de outras cidades da região metropolitana (Contagem, Betim, Sete Lagoas etc.). Apenas (7,7%) dos falantes pertence a outros estados brasileiros. Nesta pesquisa, foram analisados exclusivamente dados dos falantes da capital mineira e da sua região metropolitana.

As gravações para a composição do *corpus* ocorreram entre 2006 e 2011, com maior concentração registrada entre os anos de 2008 e 2010. Todo o processo para a produção do C-ORAL-BRASIL envolveu diversas etapas metodológicas essenciais visando garantir a

representatividade e a qualidade dos dados coletados. O primeiro passo consistiu na gravação de interações orais espontâneas em diferentes contextos naturais. Vários ambientes comunicativos foram selecionados, incluindo conversas informais, entrevistas e diálogos em situações cotidianas, com o claro objetivo de abranger a diversidade linguística presente na diatopia mineira.

Após a coleta das gravações, realizou-se transcrição detalhada dos enunciados, respeitando as características prosódicas da fala espontânea. O processo de transcrição das gravações foi extenso e minucioso, envolvendo etapas fundamentais como formação dos transcritores;

- (i) elaboração de critérios específicos para a transcrição da fala;
- (ii) segmentação prosódica²¹;
- (iii) revisões detalhadas;
- (iv) aplicação de métodos para validação do produto final.

Para garantir a precisão na transcrição, o LEEL considerou os conhecimentos sobre os fenômenos linguísticos associados às mudanças em curso no português brasileiro. Seguindo critérios estabelecidos, os transcritores validaram de 5% de cada texto, com possibilidade de intervenção de um terceiro, caso persistisse dúvidas. Para garantir a imparcialidade, alguns enunciados foram aleatoriamente escolhidos na busca por erros. A validação inicial foi satisfatória para certos fenômenos, desde que os erros não ultrapassassem 5% das ocorrências, com um número mínimo de 90 casos. No entanto, para outros fenômenos, os resultados não atenderam aos critérios de satisfação.

Essa escolha do encaminhamento da transcrição evidencia um processo metodológico rigoroso, comprometido com a confiabilidade dos dados e a minimização de erros. Essa abordagem meticulosa não apenas aprimora a precisão dos registros, mas também legitima os resultados obtidos, fortalecendo a confiabilidade da pesquisa e consolidando a validade das análises linguísticas realizadas.

Com a finalização das transcrições, iniciou-se a etapa de anotação e codificação, na qual foram inseridas marcações linguísticas relevantes. Essa fase incluiu a categorização de

²¹ Método de análise da fala que identifica e delimita unidades prosódicas, com base em variações perceptíveis na entonação, ritmo e pausa.

elementos gramaticais, estruturais e discursivos permitindo análises aprofundadas sobre padrões sintáticos e pragmáticos da fala.

Os dados transcritos e anotados foram sistematicamente organizados em formato acessível, viabilizando uma análise eficiente da fala espontânea em diferentes contextos. Para isso, foram estruturados em arquivos de texto e de áudio, essa estrutura permite a uma abordagem abrangente e adaptável às necessidades de estudo.

Essa organização possibilitou sua utilização nesta tese sobre concordância verbal viabilizando uma investigação detalhada dos fenômenos linguísticos presentes na oralidade. A segmentação seguiu critérios específicos para identificar unidades prosódicas, garantindo dessa maneira uma estrutura que reflete pausas, entonações e ritmos naturais da comunicação oral. No C-ORAL-BRASIL, a segmentação ocorre por meio das quebras prosódicas, que podem ser terminais (indicando o fim do enunciado) ou não terminais (quando a ideia está em construção). Tanto a transcrição quanto a segmentação prosódica são de natureza perceptual.

Destaca-se a importância de compreender que fala e escrita não podem ser analisadas com os mesmos critérios. Conforme Raso (2012, p. 77), “a prosódia, ausente na escrita, constitui o principal critério de estruturação da fala”. Dessa forma, por meio da “prosódia é possível individualizar as unidades de referência da fala [...] atribuir um valor ilocucionário²² a essas unidades, [...] segmentar as unidades ilocucionárias, ou seja, os atos de fala, em unidades informacionais.”

O desenvolvimento do C- ORAL- BRASIL representa um diferencial em relação aos trabalhos de Nicolau (1984) e Faria (2008), analisados nesta pesquisa, especialmente no que concerne à abordagem da escuta atenta dos áudios. Não se observam, nos referidos trabalhos, anotações da entonação, um elemento essencial para interpretar corretamente os enunciados na fala espontânea. Sem essa marcação, não se pode garantir que as sentenças registradas correspondem a unidades prosódicas e pragmaticamente autônomas.

A presença dos atos de fala no C-ORAL-BRASIL, já mencionada anteriormente, encontra respaldo teórico na Teoria da Língua em Ato (TLA) desenvolvida por Cresti (2000). Essa teoria representa uma abordagem inovadora para a análise da língua falada, ao considerar os atos de fala como unidades fundamentais da comunicação. De acordo com a TLA, o enunciado é a menor unidade pragmática completa da fala, delimitado por critérios prosódicos,

²² A ilocução é entendida como a ação que o falante realiza sobre o interlocutor por meio de um enunciado. Nesse sentido, trata-se de um ato de fala que carrega uma intenção comunicativa específica, conforme a teoria dos atos de fala de John Austin (1962).

como pausas, entonações e quebras melódicas e, por intenções comunicativas que podem ser claramente identificáveis. Assim sendo, cada enunciado realiza um ato ilocutório, como por exemplo, afirmar, perguntar, ordenar, responder, e esse enunciado é composto por uma estrutura informacional interna que pode incluir elementos como topo, foco e comentário. Essa segmentação permite uma análise mais precisa da organização discursiva e da dinâmica interacional da fala.

A adoção da TLA no C-ORAL-BRASIL possibilita que o *corpus* seja utilizado em investigações linguísticas que vão além da sintaxe, abrangendo áreas como a pragmática, a prosódia, a estrutura informacional e a variação linguística. Essa abordagem permite que os dados sejam explorados tanto em análises qualitativas quanto quantitativas, respeitando os limites naturais da fala e suas marcas interacionais, (RASO; MELLO, 2012).

Por fim, o C-ORAL-BRASIL foi disponibilizado à comunidade acadêmica e científica, consolidando-se como um recurso essencial para pesquisas nas áreas da fonética, prosódia, sintaxe, morfossintaxe e demais aspectos relacionados à linguagem falada. Sua estrutura e abrangência oferecem um rico suporte para estudos empíricos que buscam compreender a complexidade da oralidade em contextos reais de interação.

4.2.2 A amostra

Nossa amostra provém do C-ORAL-BRASIL e é formada por 52 informantes, sendo 23 do sexo masculino e 29 do sexo feminino. Quanto à faixa etária, 18 têm entre 18 e 25 anos, 20 entre 26 e 40 anos, 12 entre 41 e 60 anos e 02 possuem mais de 60 anos. Em relação à escolaridade, 11 possuem até o nível primário incompleto ou não têm escolarização; 22 concluíram até o ensino superior, mas exercem profissões que não exigem esse nível; e 19 possuem formação superior com atuação em áreas que requerem esse grau de escolaridade. O Quadro 07, a seguir ilustra a distribuição desses informantes estratificados por faixa etária, sexo, escolaridade, origem.

Quadro 07: Dados dos Informantes do *corpus* oral: conversação, diálogo, monólogo em situações públicas e privadas

T	IN	S	I	E	O
bfamecv 01	Leonardo, LEO	M	A	2	BH
bfamecv 01	Gilberto, GIL	M	A	2	BH
bfamecv 01	Luiz, LUI	M	A	2	BH
bfamecv 01	Evandro, EVN	M	A	2	BH
bfamecv 02	Rute, RUT	F	C	2	BH
bfamecv 02	Terezinha, TER	F	C	1	BH
bfamecv 02	Jael, JAE	F	D	2	BH
bfamecv 03	Carlos, CAR	M	B	3	RM
bfamecv 03	Celsinho, CEL	M	B	1	RM
bfamecv 03	Renato, REN	M	B	2	RM
bfamecv 07	Wenceslau, LAU	M	C	3	BH
bfamecv 07	Bruno, BRU	M	B	3	RMC
bfamecv 07	Lilisa, LIL	F	C	3	BH
bfamecv 09	Adriano, ADR	M	A	2	BH
bfamecv 09	Gilmara, GIL	F	A	2	BH
bfamecv 09	Camila, CAM	F	A	2	BH
bfamecv 15	Júnia, JUN	F	B	1	BH
bfamecv 15	Maria, MAR	F	C	1	OC
bfamecv 15	Edenilma, EDE	F	B	1	OCP
bfamecv 20	Carla, CAD	F	A	2	BH
bfamecv 20	Carolina, CAI	F	A	2	BH
bfamecv 20	Ana, ANC	F	B	2	BH

bfamecv 21	Emerson, EME	M	A	3	BH
bfamecv 21	Flávia, FLA	F	A	3	BH
bfamecv 21	Flávia, FLL	F	A	2	BH
bfamecv 21	Gustavo, GUS	M	A	2	BH
bfamecv 21	Ludmila, LUD	F	A	3	BH
bfamecv 23	Bruno, CAB	M	B	3	BH
bfamecv 23	Rodrigo, DIN	M	B	3	BH
bfamecv 23	Marcos, MAR	M	B	2	BH
bpubcv 05	Adécio, ADE	M	B	3	RM
bpubcv 05	Junhia, JUN	F	C	3	RM
bpubcv 05	Wilian, WIL	M	B	3	BH
bpubcv 06	Débora, DEB	F	B	3	BH
bpubcv 07	Sonilde, SON	F	B	1	OC
bpubcv 07	Nayara, NAY	F	A	1	BH
bpubcv 07	Alysson, ALY	M	B	2	BH
bpubcv 07	Alípio, ALI	M	C	1	OC
bpubcv 07	Marcos, MAR	M	A	1	BH
bpubcv 07	José, JOS	M	C	1	BH
bpubmn 02	Ana, ANL	F	C	2	BH
bpubmn 03	Ângela, ANG	F	C	3	BH
bpubmn 05	Soraia, SOR	F	A	2	OC
bpubmn 14	Natanael, NAT	M	D	3	BH
bfammn 26	Neuza, NSS	F	C	1	OC
bfammn 28	Regina, REG	F	B	2	BH

bfammn 34	Mércia, MER	F	B	3	BH
bfammn 34	Renata, REN	F	B	3	RM
bpubdl 04	Elisa, ELI	F	A	2	BH
bpubdl 04	Murilo, MUR	M	C	2	BH
bpubdl 10	Andréa, ADA	F	B	3	BH
bpubdl 10	Fabíola, FAB	F	B	3	BH

T= Texto; IN = Informante; S = Sexo; I = Idade; E = Escolaridade; O = Origem

No Quadro 07, há a identificação dos textos a fim de facilitar a localização para consultas futuras. Os participantes são identificados pelo nome e por suas iniciais, como (Elisa, ELI). O sexo do informante, bem como sua idade, o nível de escolaridade e sua origem são especificados por meio de letras e números. Desse modo, utiliza-se a letra (T) para texto, (IN) para informante, para sexo (S), idade (I), escolaridade (E), origem (O). O Quadro 08, apresenta de modo detalhado, os significados dos códigos empregados para estratificação dos participantes.

Quadro 08—Significados dos códigos dos informantes do *corpus* oral

Significados dos códigos	
S Sexo	F: feminino M: masculino
I Idade	A: entre 18 e 25 anos B: entre 26 e 40 anos C: entre 41 e 60 anos D: acima de 60 anos
E Escolaridade	01: ausência de escolarização ou até o nível primário incompleto (ausência/baixa) 02: até o 3º grau completo em que a profissão exercida não requer o 3º grau (média) 03: título de 3º grau e profissão exercida que exija o 3º grau (elevada)

O Origem

BH: Belo Horizonte

RM: Região Metropolitana

RMC: Colar da Região Metropolitana

OC: outra cidade do estado de Minas Gerais

OCP: outra cidade do país

Fonte: a autora

As especificações que dizem respeito à idade e à escolaridade foram mantidas conforme o *corpus* base. No que tange à origem dos falantes, especificamos sua proveniência com o intuito de atender ao objetivo central da investigação: analisar fatores que influenciam a concordância verbal no português em Belo Horizonte. Na análise impressionística, este critério foi prioritário, de modo que textos em que houvesse falantes cuja procedência não estivesse em conformidade com a diatopia delimitada foram excluídos do *corpus*. Para essa decisão, amparamos em Labov (1966, s.p.) ao afirmar que “será possível ajustar a porcentagem da amostragem para que tenhamos informantes suficientes nesse subgrupo para fornecer um relatório preciso sobre sua fala como um todo²³”. Assim, com o objetivo de assegurar a representatividade da amostra, princípio fundamental da pesquisa sociolinguística, buscamos adotar procedimentos rigorosos de seleção, para que os dados refletissem com precisão as características linguísticas da amostra investigada. Porém, conforme se observa, não foi possível atender integralmente esse critério. Delimitada a amostra, na próxima subseção, seguimos com a definição dos dados de fala.

4.2.3 Dados de fala: C- ORAL-BRASIL

A base de nossa análise compreende 389 enunciados²⁴ que representam unidades discursivas significativas, distribuídos em 21 textos no formato .t.x.t transcritos, conforme descrito na Seção anterior – 4.2.1 – Construção e características do C-ORAL-BRASIL. O

²³ Tradução nossa. “I fone sub-group is particular weak, it will be possible to adjust the be possible to adjust the percentage of sampling so that we will have enough informants in that sub-group to give us na accurate reporto n its speech as a whole” (LABOV, 1966, s. p.).

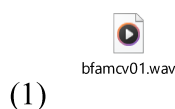
²⁴ Nesta tese, adotamos o termo enunciado com base nas proposições de Ataliba de Castilho (2010), para quem “enunciado é produto da enunciação: palavras, estruturas gramaticais, significados, textos. Noção discursiva que se distingue da noção de estrutura gramatical, referindo-se à produção de um sujeito concreto, que expressa suas atitudes, suas ideias, preconceitos, crenças, emoções etc. O mesmo que oração ou sentença. O mesmo que texto” Castilho (2010, p. 672).

número de participantes em cada texto varia pelo fato de as interações orais espontâneas terem ocorrido em diferentes ambientes comunicativos: conversas informais, entrevistas e diálogos. Há textos em que há dois, três, cinco, sete participantes, como também há casos em que o mesmo participante contribui com suas falas em outros textos. A identificação do falante pelo nome e suas iniciais nos arquivos de metadados e nos próprios textos .txt. permitem essa distinção. Ressalta-se que os procedimentos de coleta de dados do *corpus* base, C-ORAL-BRASIL, seguem tanto a metodologia da Sociolinguística Variacionista, quanto a da Linguística de Corpus.

Esses registros capturam a fala de belo-horizontinos, de alguns informantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte, do Colar²⁵ Metropolitano e uma pequena parcela de falantes de outras cidades. Os dados analisados compõem um recorte representativo da oralidade local; conforme detalhado no Quadro 08.

Realizou-se uma análise impressionística de todo o *corpus* de referência para a coleta dos dados. Em seguida, foi realizada a seleção do material, orientada pelos critérios estabelecidos no Capítulo 01. Para cada variável do estudo, foram selecionadas e analisadas transcrições de diferentes situações comunicativas (conversação familiar privada, conversação pública, monólogo público, monólogo privado familiar e diálogo público), totalizando cinco textos no formato.t.x.t. para cada variável linguística e extralinguística. A avaliação, baseada na percepção subjetiva, tinha como objetivo identificar enunciados com marcas ou ausência de concordância verbal de número.

Por fim, foram selecionados os dados de fala distribuídos nos 21 textos etiquetados, que compõem nosso *corpus*. Após seleção do material conforme nossos padrões, iniciamos a análise. Cada enunciado transcrito foi verificado com consulta aos arquivos de áudio, conforme demonstrado a seguir:



*GIL: [31] né / es deve meter o pau // [32] mas enfim // [33] esse que é o ponto //

²⁵ Conforme Lei Complementar nº 124, de 2012. Tanto a Região Metropolitana, quanto o Colar Metropolitano sofreram alterações ao longo do tempo. Essas informações estão de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

**Gil: [34] e &pr [2] e principalmente / es tão querendo fazer / campeonato / sem a gente / também / então assim // [35] espero que / isso n? seja / coisa pros times que jogam com a gente deixar de jogar com a gente // [36] mas +*

**Gil: então assim // [35] espero que / isso nã seja / coisa pros times que jogam com a gente deixar de jogar com a gente // [36] mas +*

**GIL: [2] <ô / mas> / voltando à questão / falando em e também falando em povo mascarado / esse povo do Galáticos é muito palha / eu acho que es nã deviam mais participar / e <tal> //*

**LUI: [7] <com certeza es nã vão participar / uai> //*

**LEO: [8] <eles são piores do que o> Durepox //*

Foram excluídos enunciados que não apresentavam os fatores linguísticos considerados (saliência fônica, traço semântico do sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de verbo, regularidade morfológica do verbo, tipo de sujeito constituição do sujeito). Ressalta-se que dedicamos atenção para a ocorrência do pronome vocês e suas variações (cês, ocês)²⁶. Analisando os arquivos de áudio verificamos as peculiaridades do falar belo-horizontino, ou seja, a pronúncia monotongada, a redução de formas como o uso de “cê”, “ocê”, “d’ocê” no lugar de “você” que já passou pelo processo de gramaticalização. Ainda, constatamos o uso dos diminutivos apocopados em construções como em: “sozim” para sozinho, presença de mais de uma forma para uma construção: “devagarinho” / “devagarzinho”. Constatamos o emprego recorrente de rotacismos “pranta” para “planta”. Uso frequente de expressão de negação “não” sob a forma clítica ou enfraquecida “nã”. Além disso, constatamos por meio dos arquivos de áudio que a velocidade de elocução, o ritmo da fala, o tempo de articulação é mais acelerado. Esses elementos provocam a união de sons que pode confundir o ouvinte não acostumado a essa intensidade prosódica ou pessoas de outras nacionalidades que querem aprender e falar o idioma português do Brasil. Diante dessas ocorrências, podemos afirmar com toda a segurança, que o falar belorizontino é peculiar, em relação as outras regiões do estado de Minas Gerais.

²⁶ As variações no pronome vocês foram explicadas na seção 3.1 O pronome “Vocês” no Português do Brasil.

4.2.4 Grupo de fatores controlados

Nesta subseção, apresentamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos controlados nesta pesquisa.

4.2.5 Grupo de fatores linguísticos

Como indicado no objetivo iv, controlamos nas análises os seguintes grupos de fatores linguísticos: (a) saliência fônica, (b) traço semântico do sujeito, (c) posição do sujeito em relação ao verbo, (d) tipo de verbo, (e) regularidade morfológica do verbo, (f) o tipo de sujeito e (g) a constituição do sujeito.

a) O comportamento da Saliência Fônica na concordância verbal

Diversos estudos evidenciam que a saliência fônica é um dos fatores mais significativos no condicionamento da concordância tanto nominal quanto verbal. O princípio de saliência fônica desenvolvido por Lemle e Naro (1976; 1977) e posteriormente aprofundado por Scherre (1978), “consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” Scherre (1988, p. 64). Assim dizendo, a saliência fônica refere-se à percepção dos sons na fala e como certos elementos fonéticos podem ser mais destacados ou menos perceptíveis dependendo do contexto linguístico. No que diz respeito à concordância verbal, a saliência fônica é definida em função da diferenciação fônica na relação singular/plural entre as formas do verbo.

De acordo com Scherre; Naro e Cardoso (2007), verbo de oposição singular/plural mais saliente tende a favorecer a concordância, essa afirmativa pode ser ratificada pelos exemplos a) e b) a seguir.

Exemplos: a) e b)

- (a) “Eles não FIZERAM as pazes agora (fez/fizeram – oposição mais saliente);
- (b) “SÃO todos dois casados (é/são – oposição mais saliente)” (Scherre; Naro; Cardoso, 2007, p. 284).

Enquanto o verbo de oposição menos saliente tende a desfavorecer a concordância, conforme mostram os exemplos c) e d).

Exemplos: c) e d)

(c) “As criança também GOSTA...(gosta/gostam – oposição menos saliente).

(d) Se deixá, eles COME só feijão puro (come/comem – oposição menos saliente)”
(Scherre; Naro e Cardoso, 2007, p. 284).

Para Guy (1981), quanto maior a distinção fonológica entre as formas singular e plural de um verbo, maior a probabilidade de ocorrer marcação da concordância verbal. Entretanto admite que outros fatores linguísticos e extralinguísticos desempenham influências na variação da concordância verbal do português do Brasil. Guy entendeu que seria necessário analisar a saliência fônica com base na aplicação do processo fonológico de desnasalização de ditongos nasais átonos finais, discordando do critério acentual proposto por Naro (1981).

Guy (1981) investigou como fatores morfológicos e fonológicos influenciam a realização da concordância verbal no português brasileiro. Ao analisar o fenômeno da desnasalização²⁷ em terminações verbais como “-am” ou “-em” na fala informal (fala/falam, come/comem,), o autor agrupou os verbos segundo sua regularidade (regulares ou irregulares), tempo verbal (pretérito ou presente) e grau de saliência fônica. Além disso, Guy verificou a origem histórica de formas verbais. Conforme Guy (1981), no Português do Brasil

os verbos querem, fazem “são considerados sincronicamente “irregulares” (porque seus singulares são quer, diz, etc, em vez de quere, dize), eles adquiriram sua forma atual como resultado de uma mudança de som regular. Os últimos /e/ e /i/ átonos foram suprimidos em português antigo (ou anterior) após /l, r, n, z/, é por isso que os infinitivos portugueses terminam em “-r” e não em latim “-re”. (GUY²⁸, 1981, p. 224).

Com essa investigação, o autor evidenciou que a estrutura atual do português do Brasil, resulta de mudanças fonológicas no português arcaico. Com base na proposta de Guy (1981, p.

²⁷ “a desnasalização deve afetar todas as vogais nasais sob sua alçada igualmente, sem levar em conta sua origem morfológica. [...] final átono vogais nasais que representam o morfema plural verbal devem sofrer desnasalização na mesma proporção que palavras como homem e órfão, onde a nasalidade da sílaba final é uma característica do morfema raiz e não tem nada a ver com pluralidade.” (Guy, 1981, p. 221)

²⁸ Tradução nossa.

260) adotamos a escala de saliência fônica para análise dos dados referentes a terceira pessoa do plural. A seguir, apresentamos codificação da variável saliência fônica, conforme os parâmetros estabelecidos pelo autor.

c (come/comem, fale/falem) em que há nasalização, mas sem alteração na qualidade da vogal.

e (fala/fala, ia/iam) onde o singular possui uma vogal átona (/a/), e o plural é marcado pelo sufixo -am.

o (faz/fazem, quer/querem) em que a oposição é Ø/ẽỹ ou vogal átona provavelmente é nasalizada.

t (dá/dão, está/estão); (em que há a sobreposição de raiz e desinência com acento).

v (sumiu/sumiram, foi/foram); (que diz respeito às formas pretéritas, com uma vogal acentuada mantida em ambas as formas (/i/ ou /e/ mais o sufixo -u no singular, oposto pelo sufixo -ram no plural).

z (é/são, falou/falaram, fez/fizeram) (oposição total, ou entre as palavras, ou entre as desinências).

Tendo em vista que nosso corpus contempla dados de primeira pessoa do plural, adotamos as escalas de saliência fônica propostas por Naro *et.al.* (1999), de modo a englobar as ocorrências relativas à pluralidade, tanto na primeira (1PP) quanto na terceira pessoa do plural (3PP). Para que fosse possível realizar a comparação dos dados com níveis de escala previamente estabelecidos, recorreremos também à escala de saliência fônica elaborada por Naro (1981) e aprofundada por Scherre e Naro (1998). As escalas de saliência proposta por esses autores são baseadas na presença ou ausência de acento na desinência e quantidade de material fônico que diferencia singular e plural.

Conforme mostram os exemplos 01 e 02.

Exemplos: 01 e 02

(01) “...eles já **TÃO** com a ferida.” (ESTÁ/ESTÃO/Oposição + saliente/bfamcv20)

(02) “...ou então às vezes pode até ter se es **FICASSE**...”
(FICASSE/FICASSEM/Oposição – saliente/ bfamcv15)

Observamos e analisamos os registros da fala espontânea por meio da percepção (análises dos arquivos de áudios) para entender quais formas possuem maior ou menor saliência fônica. Consideramos a interseção entre a percepção acústica dos falantes e a estrutura silábica dos verbos no contexto da concordância verbal. Os resultados são apresentados na Seção 5.

b) Traço Semântico do Sujeito

Para Azeredo (2013), ainda que o aspecto semântico não seja determinante para a caracterização do sujeito, ele é compatível com as determinações do verbo, o que acarreta restrições e sua referência são os traços [+/- animado]. Para Scherre; Naro; Cardoso (2007) sujeito com traço semântico humano tende a favorecer a concordância são exemplos disso “Meus pais também não QUERIAM que eu casasse com meu marido não/Eles GOSTAM do assédio dos fãs. Eles VIVEM das pessoas, né?” (Scherre; Naro; Cardoso, 2007, p. 284).

Para esses autores, sujeito com traço semântico não-humano tende a desfavorecer a concordância, como se pode ver nos seguintes exemplos: “Os verbos num CONCORDA os bonde DAVA a volta” (Scherre; Naro; Cardoso, 2007, p. 284). Portanto, dentro desse grupo de fatores, controlamos sujeito com traço semântico humano e sujeito com traço semântico não-humano. Nos orientamos pela hipótese de Scherre; Naro; Cardoso, (2007) segundo a qual sujeito com traço semântico humano tende a favorecer a concordância e sujeito com traço semântico não-humano tende ao desfavorecimento da concordância verbal. Apresentamos exemplos 03 e 04 retirados do *corpus* de estudo.

Exemplos: 03 e 04

(03) “... mas ã eles ã ERAM todos escrotos igual o pessoal do Galáticos ã...”

(Sujeito com traço semântico humano/ bfamcv01)

(04) “isto FAZ nove anos atrás ã é então tão com o pároco e tem as paroquia...” (Sujeito

com traço semântico não-humano/ bpubmn14)

c) Posição do Sujeito em Relação ao Verbo

Lima (2011, p. 290) define que a ordem direta é “aquela em que o sujeito vem no rosto da oração, seguindo-se-lhe o verbo acompanhado dos seus complementos, com o primeiro lugar entre estes reservado para o objeto direto”, um exemplo é a construção “Sua presença inspira confiança aos jovens”. (Lima, 2011, p. 290). Segundo o autor, a língua portuguesa oferece liberdade de movimento e nos permite utilizar a ordem inversa. Consagrada pelo uso tradicional da linguagem culta, a inversão do sujeito em relação ao verbo pode ocorrer em diferentes condições. A primeira se refere às orações interrogativas iniciadas pelos pronomes interrogativos que, onde, quanto, como, quando e porque. “Que desejam vocês? Onde estão as crianças? Quanto custou o livro? Como fugiu o ladrão? Quando chegará o navio? Porque foi embora a empregada?” (Lima, 2011, p. 290).

A segunda condição diz respeito às orações de voz passiva construídas com a partícula se, vejamos o exemplo “Vendem-se carros usados. Não se aceitam reclamações posteriores.” (Lima, 2011, p. 291). A terceira condição ocorre em orações que contêm uma forma verbal do imperativo, sempre que, para efeito de realce, for enunciado o pronome pessoal sujeito, como em “Eu não cumprirei essas ordens absurdas; cumpre-as tu, se quiseres.” (Lima, 2011, p. 291).

Por fim, construções com verbos de dizer, perguntar, responder, entre outros, em orações que aparecem como elemento adicional em que acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior, como em “Renunciarei ao cargo!, disse o ministro./ - Que sabe a respeito do ponto sorteado? – perguntou o examinador.” (Lima, 2011, p. 291). Para o autor, na língua portuguesa, a inversão do sujeito em relação aos verbos intransitivos, como aparecer, chegar, correr, restar, surgir etc., requer cuidado, pois esse uso pode levar o leitor a interpretar como objeto direto o sujeito posposto.

Desse modo, recomenda-se que ao analisar a oração. O primeiro passo deve ser a análise da natureza do verbo, ou seja, se ele é intransitivo ou transitivo, para depois buscar o sujeito da oração. Para Scherre; Naro; Cardoso (2007), o sujeito à esquerda do verbo tende a favorecer a concordância, por exemplo a) “Eles VIERAM na primeira viagem de navio.”; b) “Elas CHEGARAM lá”, c) “Os cano já TÃO aparecendo” (Scherre; Naro; Cardoso, 2007, p. 285). Já, o sujeito à direita do verbo tende a desfavorecer a concordância, como em

Exemplos: a), b) e c)

- a) “Aí, VEIO aqueles cara correno”,
- b) “E nisso me CHEGA três rapazes”,

c) “TÁ doendo meus ouvido” (Scherre; Naro; Cardoso, 2007, p. 285).

Dentro desse grupo de fatores, controlamos a presença do sujeito e sua posição em relação ao verbo. Nos nortearmos pelas seguintes posições do sujeito:

- Sujeito imediatamente anteposto, como “Eles dizem ‘chutei tudo’” (Scherre; Naro, 1998, p. 8).
- Sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas, como “Eles também não diz0” (Scherre; Naro, 1998, p. 8).
- Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas, como “Essas troca de experiência vai0 crescendo” (Scherre; Naro, 1998, p. 8).
- Sujeito posposto ao verbo, como em “-Aí bateu0 dois senhores na porta” (Scherre; Naro, 1998, p. 8).

Em suma, nos orientamos pela hipótese de Scherre e Naro (1998) de que sujeito anteposto ao verbo ou imediatamente a ele mais próximo favorece a variante explícita de plural e sujeito anteposto distante ou posposto ao verbo a desfavorece. Apresentamos os exemplos 05 e 06 retirados do *corpus* de estudo.

Exemplos: 05 e 06

(05) “...em São Paulo **ES FALA** assim...” (Sujeito imediatamente anteposto/ bfamcv15)

(06) “**ESSAS PESSOAS** nem, nem coração **DEVE TER** né Júnia.” (Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas/ bfamcv15)

d) Tipo de verbo

Para Lima (2011, p. 416), o verbo é uma palavra regente e sempre se faz necessário verificar a natureza dos complementos por ele exigidos. Segundo o autor, o complemento forma com o verbo uma expressão semântica, de tal modo que o seu apagamento torna o predicado incompreensível, omissos ou incompleto. Para que a expressão semântica possa ser formada, os verbos requerem um tipo de complemento, de modo que se pode classificá-los, em:

- i. Intransitivos: dispensam quaisquer complementos, uma vez que encerram em si a noção predicativa.
- ii. Transitivos diretos: exigem a presença de um objeto direto.
- iii. Transitivos indiretos: pedem a presença de um objeto indireto.
- iv. Transitivos relativos: apresentam um complemento preposicional, chamado relativo.
- v. Transitivos circunstanciais: requerem um complemento, preposicional ou não, chamado circunstancial.
- vi. Bitransitivos: concomitantemente têm um objeto direto e um indireto, ou um objeto direto e um complemento relativo.

Dentro desse grupo de fatores, controlamos verbos intransitivos, verbos transitivos diretos, verbos transitivos indiretos e verbos transitivos diretos e indiretos. Nossa hipótese é a de que os verbos intransitivos são favorecedores da concordância verbal, pelo fato de não precisarem de complemento para compreensão do contexto a que se referem. Já em se tratando dos verbos transitivos diretos, transitivos indiretos e verbos transitivos diretos e indiretos, pela necessidade de complementos para a compreensão da mensagem, a hipótese inicial é a de que são desfavorecedores da marcação da concordância verbal na variedade estudada. Os exemplos 07 a 10 ilustram nosso material de análise.

Exemplos: 07 a 10

- (07) “...e aqueles que nũ **TRABALHAM** talvez não vão ter acesso.”
(**TRABALHAM**/Verbo intransitivo/ bpudcv06)
- (08) “...cês **QUEREM** sugerir um lugar qualquer coisa desse tipo...” (**QUEREM**/Verbo transitivo direto/ bfamcv01)
- (09) “...que eles **QUEREM** trabalhar com os adolescentes da comunidade.”
(**QUEREM**/Verbos transitivos indiretos/ bpudcv06)
- (10) “...que todos **TEM** condição de trabalhar desde que tenham interesse...”
(**TEM**/Verbo transitivo direto e indireto/ bpudcv06)

e) Regularidade morfológica do verbo

Nas palavras de Lima (2011, p. 172), “diz-se que um verbo é REGULAR, quando o seu radical é invariável, e as terminações são as mesmas da maioria dos verbos da mesma conjugação.” Ao abordar o fato de que o radical não varia, o autor se refere aos “fonemas, porque, muitas vezes, para conservar a identidade dos sons, há necessidade de alterar as letras, segundo as convenções gráficas: explic-o, explique-e; alcanç-o,alcanc-e; finj-o, fing-es”.

Em se tratando dos verbos irregulares, Lima (2011, p. 207) afirma que são “os verbos de determinada conjugação que não acompanham o respectivo paradigma”, ou seja, verbos que não seguem o modelo de sua conjugação. Segundo o autor, os verbos irregulares podem ser classificados em fortes ou fracos. Assim, são irregulares fortes verbos como sab-er; traz-er. São irregulares, fracos verbos como ped-ir; ouv-ir.

Dentro desse grupo de fatores, controlamos verbos regulares e irregulares. Nossa hipótese é a de que os verbos regulares são favorecedores de concordância verbal, pois, apenas uma pequena porção desse tipo de verbo apresenta variações no seu radical. “Em princípio, porém, são os sufixos número-pessoais e modo-temporais que identificam as formas verbais portuguesas” (Camara, 1971, p. 66). E que os verbos irregulares desfavorecem a concordância, devido ao fato de apresentarem variações no radical dificultando assim a marcação da flexão. Apresentamos os exemplos 11 e 12 retirados do *corpus* analisado neste estudo.

Exemplos: 11 e 12

- (11) “...no meu primeiro dia de vida me **COLOCARAM** num berçário”.
(COLOCARAM/verbo regular/ bpubcv07)
- (12) “porque tem coisas aqui que **VAI** ficar pa trás”. (VAI/Verbo irregular/ bpubcv07)

f) Tipo de Sujeito

Dentro desse grupo de fatores, controlamos

- i) construções com sujeito simples de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas;
- ii) construções com sujeito que expressam percentual,
- iii) construções com sujeito composto singular de estrutura complexa e

(iv) Sujeito preenchido pelo pronome “vocês”, nesse caso, especificamente em se tratando da modalidade oral.

Nos orientamos pela hipótese de que a concordância verbo/sujeito é sempre regida pelo(s) núcleo(s) do sujeito quando (1) o sujeito for de um só núcleo de estrutura sintagmática simples anteposto ao verbo ou (2) quando o sujeito for de dois núcleos antepostos ao verbo com pelo menos um de seus núcleos no plural. Nos demais casos, outros elementos podem entrar em jogo para assumir o controle da concordância. Por exemplo, em casos de sujeito de um só núcleo de estrutura complexa, o controle da concordância também pode ser assumido pelo núcleo do sintagma nominal dentro do sintagma preposicional adjunto ou complemento; e, se houver mais de um sintagma preposicional, quem assume o comando da concordância é o núcleo do sintagma nominal dentro do sintagma preposicional na posição mais alta, ou seja, mais à esquerda na hierarquia sintática. (Scherre e Naro, 1998, p. 8-10).

Em relação ao sujeito preenchido pelo pronome “vocês” a nossa hipótese é a de que na modalidade falada, a explicitação do pronome “vocês” com função de sujeito favorece a marcação da concordância verbal de número. Apresentamos os exemplos 13 a 15 retirados do *corpus* analisado neste estudo.

Exemplos: 13, 14 e 15

(13) “...**CÊS** não pagam contas juntos...” (Sujeito preenchido pelo pronome “vocês” / bfamcv09)

(14) “...**CÊS** querem olhar com a gente...” (Sujeito preenchido pelo pronome “vocês” / bfamcv01)

(15) “... quatro **AMIGAS** minha fizeram uma novena pra mim mais a **MÃE** de uma delas quando eu cheguei do hospital ... (sujeito composto com elementos de estrutura complexa- núcleos/AMIGAS e MÃES/bfammn28)

g) Constituição do sujeito

Na análise da constituição do sujeito, vamos controlar (i) sintagma nominal (SN) que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular, (ii) SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas), (iii) SN constituído ou

de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral, (iv) SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural.

Nossa hipótese é a de que sujeitos constituídos de um só núcleo são favorecedores de concordância verbal. Em casos em que os sujeitos são constituídos por substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular, constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas), constituído ou de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral, representado por um pronome relativo desfavorecem a marcação de concordância verbal. Na sequência apresentamos os exemplos 16 a 18.

Exemplos: 16 a 18

(16) “..., mas eles não são veteranos...” (SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas) / bfamcv01)

(17) “uns jesuítas americanos // que tavam aqui // deu ele pra adoção.” ((SN) que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural” / bfamcv20)

(18) “nem todos querem saber disso” (SN constituído ou de pronome indefinido/ bpubmn02)

O Quadro 09, a seguir, traz a síntese do grupo de fatores linguísticos e os respectivos aspectos controlados.

Quadro 09 – Grupo de fatores linguísticos

Variável	Fatores controlados
Saliência fônica	Oposição + saliente
	Oposição - saliente
Traço semântico do sujeito	Sujeito com traço semântico humano
	Sujeito com traço semântico não-humano
Posição do sujeito em relação ao verbo	Sujeito imediatamente anteposto
	Sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas
	Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas
	Sujeito posposto ao verbo
Tipo de verbo	Verbos intransitivos
	Verbos transitivos diretos
	Verbos transitivos indiretos

	Verbos transitivos diretos e indiretos
Regularidade morfológica do verbo	Verbos regulares
	Verbos irregulares
Tipo de sujeito	Construções com sujeito simples de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas;
	Construções com sujeito que expressam percentual
	Construções com sujeito composto singular de estrutura complexa
	Sujeito preenchido pelo pronome “vocês”
Constituição do sujeito	SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular;
	SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas);
	SN constituído ou de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral;
	SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural.

Fonte: da autora

4.2.6 Grupo de fatores extralinguísticos

Na sequência, apresentamos as variáveis sociodiscursivas consideradas neste estudo, a saber: (i) o grau de escolaridade dos participantes, (ii) nível de formalidade (informal), (iii) idade, que foi classificada segundo o C- ORAL- BRASIL por (A) entre 18 e 25 anos, (B) entre 26 e 40 anos, (C) entre 41 e 60 anos, (D) acima de 60 anos (iv) sexo e (v) modalidade da língua.

a) Grau de Escolaridade dos Participantes

Com base nos estudos de Scherre e Naro (1998), verifica-se que a variável anos de escolarização é um fator importante para a marcação da concordância verbal. Os resultados apresentados confirmam que quanto maior for a escolaridade dos falantes, maior será a marcação da concordância verbal, ao passo que quanto menor for a escolaridade menor será a marcação da concordância verbal.

Dentro deste fator controlamos a) ausência de escolarização ou até o nível primário incompleto, b) escolaridade até o 3º grau completo em que a profissão exercida não requer o 3º grau, c) escolaridade com título de 3º grau e profissão exercida que exija o 3º grau.

Nossa hipótese principal é a de que falantes mais escolarizados tendem a evitar formas estigmatizadas, uma vez que a escolarização auxilia no processo de aplicação de regras prescritivas. Por sua vez, falantes com menor escolaridade tendem a não empregar formas de prestígio muitas vezes por desconhecê-las.

b) Sexo

Conforme Labov (2006; 2008) o sexo é um fator extralinguístico em que se pode observar uma variação quanto ao emprego de formas estigmatizadas versus não estigmatizadas. Conforme o autor, as mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio, enquanto os homens tendem a utilizar formas estigmatizadas. Vários trabalhos de base Variacionista como Nicolau (1984), Oushiro (2015) evidenciam que o sexo feminino mantém maior grau de manutenção da forma prescritiva de uso da língua. Dentro desse grupo de fatores, controlamos sexo masculino, sexo feminino. Nossa hipótese é a de que o fator sexo incide sobre a regra de concordância verbal de número.

d) Idade

Acreditamos que a distribuição da categoria apresentada em nosso estudo – idades (A) entre 18 e 25 anos, (B) entre 26 e 40 anos, (C) entre 41 e 60 anos, (D) acima de 60 anos – pode diversificar o leque de informações, diferenciando-se, portanto, dos estudos de Nicolau (1984) e Faria (2008).

Os estudos de Labov mostram que o fator idade pode apontar mudanças em progresso no sistema linguístico, conforme seu construto teórico mudança em tempo aparente. Dentro desse grupo de fatores, controlamos idades entre 18 e 24, idades entre 26 e 40 anos, idades entre 41 e 60 anos e acima de 60 anos. Nossa hipótese é a de que o fator idade, incide sobre a regra de concordância verbal de número na capital mineira.

e) Modalidade da língua

Marcuschi (2010) afirma que “Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.” (Marcuschi, 2010, p. 17). De acordo com o autor, ambas as

modalidades permitem que sejam construídos textos coesos e coerentes, permitindo que sejam elaborados “raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.”

Por mais que o contraste entre a modalidade oral e escrita possam ser interessantes para uma pesquisa desta natureza analisaremos apenas a modalidade oral em função de limitações deste estudo, como por exemplo, para compilar dados escritos provenientes de jornais, páginas de Facebook inicialmente pensados. O Quadro 10 traz a síntese dos grupos de fatores extralinguísticos e os respectivos fatores controlados.

Quadro 10 – Grupo de fatores extralinguísticos

Variável	Aspectos controlados
Grau de escolaridade dos participantes	Ausência de escolarização ou até o nível primário incompleto
	Até o 3º grau completo em que a profissão exercida não requer o 3º grau
	Título de 3º grau e profissão exercida que exija o 3º grau
Sexo	Masculino
	Feminino
Idade	Entre 18 e 25 anos
	Entre 26 e 40 anos
	Entre 41 e 60 anos
	Acima de 60 anos
Modalidade da língua	Oral

Fonte: da autora

De posse do material de análise passamos para o processo de codificação de cada ocorrência com base nas especificações dos Quadros 11, 12 e 13 a seguir.

Quadro 11 – Códigos da variável dependente

CÓDIGO DA VARIÁVEL DEPENDENTE	
Presença de concordância	Ausência de concordância
p	a

Fonte: a autora

Para identificar a presença ou a ausência de concordância verbal nos enunciados selecionados, seguimos as abordagens gramaticais tradicionais contemporâneas dos autores apresentados no Capítulo 3 desta tese.

Sendo assim, a fim de detectar nossa variável dependente, localizamos o sujeito da frase, observamos o verbo e sua respectiva flexão. Atentamos para os casos especiais como por exemplo sujeitos constituídos por dois ou mais substantivos, por pronomes indefinidos pronomes possessivos pronome relativo entre outros. Ressalta-se que analisamos os enunciados transcritos nos textos .t.x.t bem como audição das falas dos participantes, a fim de obter informações mais precisas acerca das variáveis selecionadas. O Quadro 12 detalha os códigos das variáveis linguísticas.

Quadro 12 – Códigos das variáveis linguísticas

CÓDIGO DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS		
Variável	Fatores controlados	
Saliência fônica	Oposição + saliente	+
	Oposição - saliente	-
Escala proposta por Guy (1981) referente a 3PP	(come/comem, fale/falem etc.)	c
	(fala/falam, ia/iam etc.)	e
	(faz/fazem, quer/querem etc.)	o
	(dá/dão, está/estão etc.)	t
	(sumiu/sumiram, foi/foram etc.)	v
	(é/são, falou/falaram, fez/fizeram etc.)	z
Escala proposta por Naro et. al. (1999) referente a 1PP	1 (tem/temos) oposição não acentuada, adição de segmento - <i>mos</i>	f
	2a uma das formas acentuadas (está/estamos)	h
	2a+ nasalização da vogal tônica (dá/damos)	j
	2b forma singular contém ditongo [ew/emus; iw/imus] (pediu/pedimos)	k
	2c mudança na vogal tônica (teve/tivemos, vou/vamos)	q
Escala proposta por Naro (1981); Scherre e Naro (1998) 3PP	1a nasalização de [i] (come/comem)	L
	1b nasalização e mudança da qualidade vocálica (joga/jogam)	h
	1c adição de segmento (ser/serem)	#
	2a+ nasalização e ditongação da vogal tônica [‘a/‘ãw] (dá/dão)	j
	2b forma singular contém ditongo crescente, adição de segmento [rũ] (comeu/comeram)	k

	2c mudança na vogal tônica [Ø/ ‘arũ], [‘i/ ‘erũ] (falou/falaram)	q
Traço semântico do sujeito	Sujeito com traço semântico humano	1
	Sujeito com traço semântico não-humano	2
Posição do sujeito em relação ao verbo	Sujeito imediatamente anteposto	3
	Sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas	4
	Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas	5
	Sujeito posposto ao verbo	b
	Não informar	^
Tipo de verbo	Verbos intransitivos	i
	Verbos transitivos diretos	d
	Verbos transitivos indiretos	n
	Verbos transitivos diretos e indiretos	w
	Verbos de ligação	&
	Verbo auxiliar	=
Regularidade morfológica do verbo	Verbos regulares	r
	Verbos irregulares	g
Tipo de sujeito	Construções com sujeito simples de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas;	x
	Construções com sujeito que expressam percentual	%
	Construções com sujeito composto singular de estrutura complexa	m
	Sujeito preenchido pelo pronome “vocês”	V
	Sujeito simples	:
	Sujeito indeterminado	@
	Não informar	*
Constituição do sujeito	SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular;	u
	SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas);	E
	SN constituído ou de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral;	7

	SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural.	9
	SN constituído do pronome vocês	,
	SN constituído de primeira pessoa plural	s
	Não informar	Y

Fonte: a autora

Para análise dos dados foram considerados outros tipos de sujeito, assim como outras constituições de sujeito, outras posições do sujeito, outros tipos de verbos, além da opção não informar, caso a especificação não se enquadrasse dentro dos fatores investigados. Essa iniciativa foi tomada pelo fato de o programa GoldVarb X trabalhar com uma regularidade na quantidade de fatores. Vale dizer que os fatores especificados que não são objetos deste estudo foram desconsiderados no momento das rodadas do programa. O Quadro 13, apresenta o código das variáveis extralinguísticas.

Quadro 13 – Códigos das variáveis extralinguísticas

CÓDIGO DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS		
Variável	Aspectos controlados	
Grau de escolaridade dos participantes	Ausência de escolarização ou até o nível primário incompleto	0
	Até o 3º grau completo em que a profissão exercida não requer o 3º grau	-
	Título de 3º grau e profissão exercida que exija o 3º grau	+
Sexo	Masculino	M
	Feminino	F
Idade	Entre 18 e 25 anos	A
	Entre 26 e 40 anos	B
	Entre 41 e 60 anos	C

	Acima de 60	D
Tipo de norma	Padrão	P
	Não-padrão	N

Fonte: a autora

Nos Quadros 14 e 15 são apresentados exemplos que ilustram com clareza os padrões linguísticos identificados ao longo da análise, tanto no que diz respeito à presença ou ausência da marca de plural, quanto à preferência pela norma-padrão ou não-padrão. Esses dados permitem observar tendências recorrentes entre os falantes de Belo-Horizonte e sustentam as interpretações propostas nas hipóteses desenvolvidas. Assim, encerramos esta seção com uma descrição geral dos principais padrões observados no *corpus*, que serão retomados e aprofundados nas análises subsequentes.

Quadro 14 – Variáveis linguísticas extraídas do *corpus* de análise

Texto	Excerto	Variável	Fatores controlados
bfamcv20	“...eles já TÃO com a ferida.”	Saliência fônica	ESTÁ/ESTÃO /Oposição + saliente
bfamcv15	“...ou então às vezes pode até ter se es FICASSE ...”		FICASSE/FICASSEM /Oposição - saliente
bfamcv01	“...mas nũ eles nũ ERAM todos escrotos igual o pessoal do Galáticos não...”	Traço semântico do sujeito	Sujeito com traço semântico humano
bpubmn14	“...isto FAZ nove anos atrás nũ é então com o pároco e tem as paroquia...”		Sujeito com traço semântico não-humano
bfamcv15	- “...em São Paulo ES FALA assim...”	Posição do sujeito em relação ao verbo	Sujeito imediatamente anteposto
			Sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas
bfamcv15	“ESSAS PESSOAS nem, nem coração DEVE TER né Júnia.”		Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas
			Sujeito posposto ao verbo
bpudcv06	“...e aqueles que nũ TRABALHAM talvez não vão ter acesso.”	Tipo de verbo	TRABALHAM /Verbo intransitivo

bfamcv01	“...cês QUEREM sugerir um lugar qualquer coisa desse tipo...”		QUEREM/Verbo transitivo direto
bpudcv06	“...que eles QUEREM trabalhar com os adolescentes da comunidade.”		QUEREM/Verbos transitivos indiretos
bpudcv06	“...que todos TEM condição de trabalhar desde que tenham interesse...		TEM/Verbo transitivo direto e indireto
bpubcv07	“...no meu primeiro dia de vida me COLOCARAM num berçário”.	Regularidade morfológica do verbo	COLOCARAM/Verbo regular
bpubcv07	“porque tem coisas aqui que VAI ficar pa trás		VAI/Verbo irregular
		Tipo de sujeito	Construções com sujeito simples de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas;
			Construções com sujeito que expressam percentual
			Construções com sujeito composto singular de estrutura complexa
bfamcv20	“CÊS nunca ficaram sabendo não”		Sujeito preenchido pelo pronome “vocês”
bpudcv06	“As MENINAS procuraram a direção da escola.”	Constituição do sujeito	SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular;
bfamcv20	- “... ELES nũ falam pr’ocê quando eles já tão com a ferida não.”		SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas);
bfamcv15	“Tem UNS que já monta a pessoa e já soca a porta.”		SN constituído ou de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral;
			SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural.

Fonte: retirado do C-Oral-Brasil

No Quadro 15 mencionamos algumas amostras das variáveis extralinguísticas encontradas.

Quadro 15 – Variáveis extralinguísticas extraídas do *corpus* de análise

Texto/excerto	Sexo
bfamcv07/ “e vocês devem visitar o YouTube”	masculino
bfamcv23/ “foi almoçar nós três”	masculino
bpubdl10/ “né porque eles trabalham com sétima”	feminino
bpubmn03/ “cês nã esquentam a cabeça não”	feminino
Texto/excerto	Grau de escolaridade
bfamcv23 “quanto cês querem galera”/Título de 3º grau e profissão exercida que exija o 3º grau	
bfamcv03 “cabamo o nosso jogo uai”/Ausência de escolarização ou até o nível primário incompleto	
bpubdl04 “ah es deve tar andando nesse negócio aqui estacionamento”/Até o 3º grau completo em que a profissão exercida não requer o 3º grau	
Texto/excerto	Idade: Idade A (entre 18 a 25 anos)/ Idade B (entre 26 e 40)/ Idade C (entre 41 e 60)
bfamcv01/”cês nã joga truco não”/ Idade A	
bpubdl10“eles querem que nós avaliamos não é a nossa matéria”/ Idade B	
bfamcv02 “mas eles também deve ter condições uai”/ Idade C	

Fonte: retirado do C-Oral-Brasil

Os fatores especificados que não são objetos deste estudo foram desconsiderados no momento das rodadas do programa. Após estes detalhamentos partimos para a apresentação dos percentuais encontrados por meio da utilização do programa computacional GoldVarb X 3.0b3, na análise atomística²⁹.

Após concluída essa etapa, iniciamos o uso do programa de computador GOLDVARB X 3. 0B3, que foi alimentado com as codificações capturadas, após nossas análises dos enunciados selecionados. Esse programa realizou a leitura das codificações e disponibilizou

²⁹ Na análise atomística, cada variável linguística é considerada individualmente, e suas variantes são analisadas em detalhes para entender como cada uma contribui para o fenômeno linguístico em estudo. Isso envolve a decomposição dos dados em componentes menores e a análise de cada componente separadamente. Diante disso, ampliamos informações para alimentar o programa GoldVarb x, incluindo as variáveis extralinguísticas, a fim de obtermos uma visão mais completa e detalhada do fenômeno linguístico em estudo, presença x ausência da marca de flexão verbal.

resultados percentuais que indicavam proporções ou frequências que determinadas variáveis apresentavam dentro do contexto analisado. Ainda apresentou resultados estatísticos como testes de significância entre as variáveis.

Os resultados fornecidos pelo GOLDVARB X 3 permitiram identificar os fatores que influenciaram as variações na fala da população investigada. O Capítulo 05 a seguir, discute a análise dos dados.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No Capítulo 5, apresentamos a descrição e análise dos dados referentes às falas de belo-horizontinos, investigando a marcação verbal de número no português falado na capital mineira. Inicialmente, abordamos os resultados relacionados à terceira pessoa do plural, fundamentando-nos na proposta de Guy (1981), cuja análise sobre saliência fônica serve de base para nossa investigação.

No entanto, como o *corpus* analisado também inclui ocorrências de primeira pessoa do plural, foi necessário ampliar nosso referencial teórico. Optamos, então, por adotar, além dos critérios de Guy (1981) para a 3PP, os critérios propostos por Naro (1981), especialmente no que se refere à codificação da saliência fônica para a 1PP e Scherre e Naro (1998) para a 3PP. Essa decisão foi respaldada por Oushiro (2015), que utilizou esses mesmos autores para contrastar a marcação verbal entre a 1PP e 3PP em sua pesquisa sobre o português paulistano.

Com isso, visamos manter a coerência metodológica e assegurar que as análises da saliência fônica, ainda que com uso de abordagens distintas, sigam critérios comparáveis. Para a leitura estatística dos dados, utilizamos o programa GoldVarb X 3.0b3. Na sequência, analisamos os dados coletados.

5.1 Análise dos dados

Nesta seção, analisamos dados extraídos de 21 textos do C-ORAL-BRASIL, todos baseados em entrevistas com 52 participantes majoritariamente de Belo Horizonte, com foco nas ocorrências de concordância verbal de número nessa variedade linguística. A partir desse material, identificamos e examinamos 387 contextos de concordância, nos quais foram registradas tanto a presença quanto a ausência da marca de flexão verbal de número, considerando usos conforme a norma padrão e a norma-não padrão.

Em seguida, discutimos os resultados relativos à concordância verbal nas formas de 1PP e 3PP, à luz de nossa hipótese principal. Essas proposições permitem uma análise detalhada da variação linguística.

- no português falado em Belo Horizonte, a variação na concordância verbal de número nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural revela uma tensão entre os padrões efetivos de uso e a norma gramatical, sendo o pronome “vocês” um catalisador dessa divergência. Acreditamos

ainda que essa variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais, e que a escola atua como agente regulador, freando a expansão das variantes não-padrão entre falantes com maior escolarização, o que contribui para a manutenção da norma padrão como referência de prestígio linguístico.

Para investigar essa questão, elencamos quatro hipóteses que estão em conformidade com nossos objetivos específicos. Essas proposições dialogam com a extensiva literatura existente sobre o tema, permitindo comparações e aprofundamento da discussão.

- a) A fala espontânea registrada no *corpus* C-ORAL-BRASIL revela padrões sistemáticos de variação linguística que podem ser interpretados à luz da teoria variacionista, evidenciando condicionamentos internos e externos à língua na realização da concordância verbal de número;
- b) A variação na expressão da concordância verbal de número nas formas de 1ª e 3ª pessoas do plural é influenciada por fatores linguísticos, como tipo de sujeito, saliência fônica, posição sintática e morfológica verbal e por fatores sociais, como escolaridade, faixa etária e sexo, refletindo padrões de uso distintos entre grupos socioculturais;
- c) O pronome “vocês” atua como elemento catalisador da variação na concordância verbal de número, favorecendo construções não-padrão na variedade belo-horizontina, especialmente em contextos informais e entre falantes com menor escolaridade.
- d) A análise dos dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL indicará uma predominância da norma não-padrão na realização da concordância verbal de número, em situações de fala espontânea, embora falantes com maior escolaridade tendam a favorecer a norma padrão como referência de prestígio linguístico.

Nos Quadros 14 e 15, incluídos no Capítulo Metodologia, encontram-se exemplos extraídos do *corpus* analisado. Nele, observa-se as expressões como “cês”, “nũ”, formas verbais reduzidas como “**foi almoçar** nós três”, ou “**cabamo** o nosso jogo uai”, ao nosso ver funcionam como marcadores de identidade regional e sociocultural. Pode-se dizer que em contextos informais, essas variantes (estilísticas “ocês”, regionais “uai”, sociais “es deve tar”) são marcas que sinalizam o pertencimento a grupos distintos que compartilham ideias semelhantes, hábitos, experiências. Esse modo de falar, muito observado nas comunidades mineiras, sugere, a representação da identidade dessa comunidade de fala. Esses usos, assim como nos diz Ribeiro (1920[1880], p. 232) e como comentado na Seção 2.1, mostram que a língua viva, em sua forma natural é flexível, se adapta aos usos dos falantes sem seguir regras absolutas. Não queremos dizer que em outras regiões do país os falantes não empreguem formas como “cês”, “nũ”, ou formas verbais reduzidas como “você (es) tá entendendo [ěj] o que eu (es) tou dizendo?” como vimos em Oushiro (2015, p. 70), porém, ressaltamos que esse registro foi recorrente em nosso *corpus*, fato que nos coloca na condição de realizar essa afirmação. Nesta tese consideramos as variantes como “cabamo”, “tão” como marca de concordância verbal, porém como forma não-padrão.

Após essas explicações partimos para a apresentação dos percentuais encontrados por meio da utilização do programa computacional GoldVarb X 3.0b3, na análise atomística³⁰.

5.2 Análise multivariada

Consideram-se como ausência de concordância verbal as ocorrências em que o morfema de plural verbal não é efetuado, desse modo condizem com as formas de terceira pessoa do singular (soca, ganha, é, fala) associada a um sujeito plural. Como presença de concordância verbal consideram-se as realizações de morfemas de terceira pessoa do plural [*am*], como em “fecham”, “falavam” e “iam”, em que não há diferença é relativamente menos que em outros casos. Realizações como “fazem” ou “querem”, em que o morfema [*em*] é um pouco mais perceptível, mas ainda discreto. No emprego de vocábulos terminados em [*ãw̃*], como em “dão”

³⁰ Na análise atomística, cada variável linguística é considerada individualmente, e suas variantes são analisadas em detalhes para entender como cada uma contribui para o fenômeno linguístico em estudo. Isso envolve a decomposição dos dados em componentes menores e a análise de cada componente separadamente. Diante disso, ampliamos informações para alimentar o programa GoldVarb x, incluindo as variáveis extralinguísticas a fim de obtermos uma visão mais completa e detalhada do fenômeno linguístico em estudo, presença x ausência da marca de flexão verbal.

e “estão”. Vocábulos como “são” e “fizeram”, que apresentam diferenças entre singular e plural muito evidentes com mudanças na sílaba e tonicidade na estrutura verbal.

Também consideramos como objeto de análise formas verbais antecedidas ou seguidas pelo pronome vocês variando em [*ocês, cês*] tendo em vista que esse pronome, embora se refira à segunda pessoa do discurso, demanda a flexão verbal na terceira pessoa gramatical.

Além disso, consideramos ocorrências de primeira pessoa do plural, em realizações como (estamos, tivermos, temo —para a realização vamos —consideramos ocorrências “vão” conforme análises do contexto). Em relação a ausência da marcação verbal consideramos realizações como (foi, pegou); consideramos a realização “tava” que se refere à realização formal “estava”).

Para a análise da variável saliência fônica, seguimos as definições de escalas propostas por três autores que tratam dos tempos verbais presentes em nosso *corpus*. Guy (1981), trata especificamente da terceira pessoa do plural e utiliza os tempos presente do indicativo e pretérito perfeito, aplicados a verbos regulares e irregulares. Por essa razão, no primeiro momento de nossas análises, restringimos nosso recorte a esses padrões, descartando ocorrências que não se enquadram nas definições adotadas por esse autor. Contudo, diante da presença em nosso *corpus* de ocorrências na primeira pessoa do plural, tornou-se necessário incorporar as escalas de saliência de Naro (1981), que tratam dessa categoria, e de Scherre e Naro (1998), que, tal como Guy, abordam a terceira pessoa do plural com critérios compatíveis.

No segundo momento da análise, conforme antecipado, adotamos os parâmetros de medição da escala hierárquica de saliência fônica propostos por Naro (1981) e posteriormente desenvolvidos por Scherre e Naro (1998). Essa abordagem nos permitiu examinar comparativamente o comportamento da primeira e da terceira pessoa do plural, observando em que medida cada forma manifesta diferentes graus de saliência fônica, segundo os referidos autores. A escolha desses autores se deu para garantir coerência metodológica na comparação dos dados, já que não seria viável confrontar escalas de saliência com parâmetros de medição distintos. Além disso, descrevemos o uso dessas formas pelos falantes da comunidade de fala investigada.

5.2.1 Saliência fônica por Guy (1981)

Das 387 ocorrências representando 100% dos dados analisados no *corpus*, foram codificadas 237 ocorrências, conforme Guy (1981). As 150 ocorrências foram eliminadas por não se adequarem nas categorizações propostas pelo autor, cuja análise se concentra em formas verbais que apresentam maior contraste fonético entre variantes. Esse contraste, segundo Guy (1981) facilita a observação da alternância morfossintática e a medição da saliência fônica. Guy (1981) estabelece sua escala de saliência fônica com base na possibilidade de aplicação do processo fonológico da desnasalização de ditongos nasais átonos finais, sendo esse fenômeno atuante exclusivamente sobre terminações átonas de verbos regulares nos tempos presentes do indicativo e pretérito perfeito. Já verbos que apresentam desinências tônicas como os do pretérito imperfeito do indicativo como (“aconteciam”, “tinha”) e do subjuntivo imperfeito (“continuassem”) estão fora de escopo da análise, pois o processo de desnasalização é bloqueado nesses ambientes. Guy (1981) rejeita o critério acentual proposto por Naro (1981) e demonstra que a distinção entre formas tônicas e átonas não representam um condicionador independente de saliência fonológica. Desse modo, a inclusão de tempos verbais com desinências tônicas poderia comprometer a coerência analítica da escala, uma vez que não é possível verificar a conversão fonológica que fundamenta sua hierarquia de saliência. Para Guy (1981) a saliência fônica está diretamente ligada à possibilidade material de alternância, e não somente ao acento ou à forma superficial do verbo. Os enunciados a seguir demonstram os verbos eliminados da análise.

LEO: [23] <não> // [24] <se bem que tinha> [/1] **tinha uns dois que falaram assim / gente / a gente perdeu no campo // [25] a gente nũ perdeu por causa disso não // [26] tipo / tinha + [27]*

GIL: [202] <eu não> + [203] <esse> eu nũ + [204] Mauro e Filhos é um time muito legal / eu gostaria que eles **continuassem / mas eles não são veteranos //*

ANG: [...] / que ela teve todos os &tro [/1] tropeços que todo mundo teve / mas foi uma vida muito bonita // onde / a fê dela / &he / &he / deu exemplo pra nós o tempo todo / e as coisas **aconteciam / simplesmente aconteciam // e [/1] e [/1]*

Além disso, excluiu-se verbos e sujeitos que se referem à 1PP, neste caso, pelo fato de Guy (1981) tratar apenas de terceira pessoa de plural.

De todas as rodadas consideradas após a exclusão de variáveis para a resolução de casos de nocaute, a rodada 21 foi considerada a melhor. Os grupos das variáveis saliência fônica, traço semântico e escolaridade foram os selecionados como significantes para a marcação da concordância verbal em Belo Horizonte. O *Input* dessa rodada foi de 0.906. O *Log likelihood* foi 71.206 e significance foi de 0.003. Na rodada dos percentuais encontramos os seguintes dados conforme a Tabela 01.

Tabela 01 – Resultados percentuais e de valores relativos em relação à variável saliência fônica

Variável	Presença		Ausência		Total	Percentual geral	Peso relativo
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual			
Saliência fônica Guy (1981)							
(c) sabe/sabem	24	75%	8	25%	32	13,5%	0.296
(t) dá/dão	38	90,5%	4	9,5%	42	17,7%	0.632
(e) fala/falam	34	70,8%	14	29,2%	48	20,3%	0.181
(z) é/são	77	90,6%	8	9,4%	85	35,9%	0.729
(o) faz/fazem	15	88,2%	2	11,8%	17	7,2%	0.409
(v) sumiu/sumiram	9	69,2%	4	30,8%	13	5,5%	0.485
Total	197	83,1%	40	16,9%	237		

Fonte: análises da autora

Os dados da Tabela 01 revelam que a realização da concordância verbal de número na 3PP apresenta variação significativa, conforme a saliência fônica da desinência verbal, alinhada com a proposta de Guy (1981). Do total de 237 ocorrências analisadas, a marcação de plural esteve presente em 197 casos (83,1%) e ausente em 40 (16,9%), indicando uma tendência predominante de realização da marca morfológica de número.

Quando observadas por tipo de desinência, percebe-se que as formas com maior saliência acústica – como /t/ (dá/dão) e /z/ (é/são) – registraram taxas mais altas de presença da marca 90,5% e 90,6%, respectivamente. Já desinências menos perceptíveis, como em /v/ (traduziu/traduziram) e /e/ (toca/tocam), apresentaram índices mais baixos de realização, com 69,2% e 70,8% respectivamente. Esse comportamento corrobora a hipótese de que a saliência fônica influencia diretamente a manifestação da concordância verbal, favorecendo a presença da marca em contextos foneticamente mais destacados.

Além disso, é relevante destacar que a desinência /z/ (é/são) corresponde a 35,9% do total dos dados, o que confere peso estatístico relevante (0.729). Em contrapartida, terminações como /o/ (quer/querem) e /v/ (foi/foram) têm ocorrência menos frequente no *corpus*, o que sugere cautela nas generalizações a partir desses casos.

Complementando os dados percentuais, os pesos relativos confirmam a força explicativa da variável saliência fônica na realização da marca de plural. Contextos com terminações mais sonoras apresentam os maiores pesos relativos³¹ – /z/ (é/são) com 0.729 e /t/ (dá/dão) com 0.632—indicando que são os que mais favorecem a presença da marca morfológica de número. Por outro lado, /e/ (fala/falam) 0.181 e /c/ (sabe/sabem) 0.296 demonstram menor força de favorecimento, o que evidencia uma maior propensão à omissão da marca nesses contextos.

Apesar de a desinência como em /v/ (sumiu/sumiram) apresentar uma taxa bruta relativamente baixa de realizações 69.2%, seu peso relativo 0.485 revela que, no contexto do modelo multivariado, essa variável ainda exerce influência moderada na realização da concordância. Esse tipo de oposição é perceptível, porém não tão marcante quanto pares com mudanças mais acentuadas (como levou/levaram), nem tão fraca quanto em pares com desinências átonas ou sem acréscimo fonético relevante. A saliência, nesse contexto, tem atuação parcial, portanto não funciona como determinante absoluto. De acordo com Guy, os falantes podem ou não empregar a concordância verbal. Sendo assim, o uso ou não da marcação verbal estão intimamente ligados a fatores linguísticos ou sociais.

Esses resultados fortalecem a hipótese aventada de que fatores fonéticos atuam como condicionadores importantes da variação morfossintática, influenciando a produtividade da norma-padrão em contextos específicos. Nas subseções seguintes, cruzaremos essas variáveis com aspectos estruturais e extralinguísticos, a fim de verificar de que forma tais fatores interagem na escolha entre a realização ou omissão da marca de plural.

³¹ Pesos Relativos indicam a influência de cada fator na presença da característica linguística estudada. Pesos próximos de 1.0 indicam uma alta influência. Pesos próximos de 0.5 indicam uma influência moderada. Pesos próximos de 0 indicam uma baixa influência, Gregory Guy e Ana Zilles (2007).

5.2.2 Regularidade morfológica do verbo

Nesta subseção, examinamos verbos regulares (come/comem, fale/falem, regulares imperfeitos (fala/falam, ia/iam), irregulares leves (faz/fazem, quer/querem), altamente irregulares (dá/dão, está/estão), regulares no tempo perfeito (sumiu/sumiram, viu/viram), altamente irregulares e regulares (é/são, falou/falaram, fez/fizeram). A intenção era observar se há padrões distintos de marcação de plural conforme o tipo verbal. Para Guy (1981) essas categorias verbais refletem níveis de resistência à perda da marca de plural. De acordo com o autor essa resistência está ligada à irregularidade morfológica e à saliência fonética. Desse modo, formas singulares muito diferentes dos plurais tendem manter a nasalidade ao passo que os mais regulares e previsíveis perdem mais facilmente.

Nesta rodada, a variável de regularidade morfológica dos verbos – regulares e irregulares – não foi selecionada como significativa na análise GoldVarb X, mas foi descrita qualitativamente para fins interpretativos.

Tabela 02 – Regularidade morfológica do verbo

Variável	Presença		Ausência		Total	Percentual geral
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual		
Regularidade morfológica do verbo						
Regular	84	81.6%	19	18.4%	103	43.5%
Irregular	113	84.3%	21	15.7%	134	56.5%
Total	197	83.1%	40	16.9%	237	

Fonte: análises da autora

Os verbos regulares apresentam 81.6% de marcação plural, com 84 ocorrências de presença e 19 de ausência. Eles representam 43.5% do total de dados analisados. Os verbos irregulares têm uma taxa ligeiramente maior de marcação de plural, com 84.3% (113 presenças e 21 ausências), compondo 56.5% da amostra total.

A taxa total de marcação de plural entre os verbos da amostra é de 83.1%. Apesar da diferença percentual entre regulares e irregulares ser sutil (84.3% x 81.6%), ela pode justificar o motivo pelo qual a variável não ter sido considerada significativa para a análise estatística.

Ademais, a codificação considerou apenas dois grandes grupos – regular e irregular – sem desdobramentos morfológicos mais específicos.

Ainda assim, a consistência relativamente alta de marcação entre os tipos verbais sugere que a regularidade morfológica, isoladamente, pode não ser um fator determinante na concordância verbal em 3PP nesses conjuntos de dados coletados em Belo Horizonte.

5.2.3 Variável tipo de verbo

Nesta subseção, analisamos a possível correlação entre o tipo sintático-semântico do verbo e a realização da concordância verbal de número na 3PP. A categorização adotada considerou os fundamentos teóricos da Gramática Tradicional, conforme delineado por Said Ali (1966[1923]), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2007; 2017), contemplando diferentes classes verbais conforme suas valências argumentais e funções sintáticas.

A variável foi codificada da seguinte maneira: /d/ para verbos transitivos diretos (VTD), /i/ para intransitivos (VI), /w/ para verbos com dupla transitividade (VTDI), /&/ para verbos de ligação (VL) e /=/ para verbos auxiliares (VA). Apesar de não ter sido selecionada como estatisticamente significativa na rodada de análise multivariada por meio do programa GoldVarb X, optou-se por descrever seus dados de forma analítica e qualitativa, a fim de explorar eventuais padrões de comportamento morfossintático.

Tabela 03 – Distribuição da realização da concordância verbal segundo o tipo de verbo

Variável	Presença		Ausência		Total	Percentual geral
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual		
Tipo de verbo						
VTD	97	78.9%	26	21.1%	123	52.6%
VI	13	92.9%	1	7.1%	14	6.0%
VTDI	43	84.3%	8	15.7%	51	21.8%
VL	25	86.2%	4	13.8%	29	12.4%
VA	16	94.1%	1	5.9%	17	7.3%
Total	194	82.9%	40	17.1%	234	

Fonte: análises da autora

A apresentação estatística da Tabela 03, permite observar que, embora o grupo de verbos transitivos diretos (VTD) represente a maior parte da amostra 52.6%, foi justamente entre esses que se verificou o índice mais baixo de realização da concordância 78.9%. Em contrapartida, os verbos auxiliares (VL) alcançaram a maior taxa de realização 94.1%, ainda que correspondam a apenas 7.3% do *corpus*.

Ademais, os verbos intransitivos (VT) e os verbos de ligação (VL) também apresentaram elevada consistência na marcação de plural 86.2% e 84.3%, respectivamente, sugerindo que construções com menor complexidade argumental, podem favorecer a realização da marca de concordância. Optou-se pela exclusão dos casos envolvendo verbos transitivos diretos e indiretos, com o objetivo de viabilizar a resolução do impasse de nocaute. Tal decisão foi preferida em detrimento da amalgamação dessa subcategoria à classe dos transitivos diretos, de modo a preservar a distinção analítica entre as diferentes tipologias verbais.

Apesar dessas variações percentuais entre os tipos de verbos, a proximidade geral dos índices — com valores que oscilam entre 78.9% e 94.1% — e a ausência de significância estatística justifica a hipótese de que o tipo verbal, isoladamente, não constitui um fator determinante na alternância morfossintática da concordância verbal na 3PP, isso é o que evidencia nosso recorte analisado.

5.2.4 Variável tipo de sujeito

Nesta seção, analisamos a variável tipo de sujeito e buscamos observar a sua influência na marcação da concordância verbal de 3ª pessoa em Belo Horizonte. Considerou-se os seguintes fatores com suas respectivas codificações— Construções de sujeito simples de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas; Construções com sujeito que expressam percentual; Construções com sujeito composto singular de estrutura complexa; Sujeito preenchido pelo pronome “vocês”; Sujeito simples; sujeito indeterminado e casos que não foi possível localizar o sujeito, utilizou-se a opção Não informar. Embora essa variável não tenha sido selecionada pelo GoldVarb X como significativa para a marcação verbal, apresentamos os resultados a fim de realizarmos uma descrição qualitativa e confirmar nossa hipótese de que em situações de fala a presença explícita do pronome “vocês” favorece a marcação verbal de número na variedade belo-horizontina. A Tabela 04 apresenta os resultados.

Tabela 04 – Tipo de sujeito

Variável	Presença		Ausência		Total	Percentual geral	Peso relativo
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual			
Tipo de sujeito							
Simples	137	81.5%	31	18.5%	168	72.1%	-
Indeterminado	22	84.6%	4	15.4%	26	11.2%	-
Pronome vocês	28	87.5%	4	12.5%	32	13.7%	-
Estrutura complexa (...)	6	85.7%	1	14.3%	7	3.0%	-
Total	193	82.8%	40	17.2%	233		

Fonte: análises da autora

A Tabela 04, conforme escala de saliência proposta por Guy (1981), apresenta a distribuição da variável tipo de sujeito em relação à presença ou ausência da marca de concordância verbal, após a exclusão dos fatores considerados como nocaute estatístico. Observa-se que os sujeitos simples representam a maioria dos dados 72.1%, com uma alta taxa de presença da concordância 81.5%. Os demais tipos de sujeito – indeterminado, preenchido pelo pronome você e Construções de sujeito simples de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas – também exibem percentuais elevados de presença entre 84.6% e 87.5%, embora com menor representatividade proporcional. No total, há a predominância expressiva da presença da marca de concordância 82.8%, indicando uma tendência geral da comunidade à aplicação dessa variante, independentemente do tipo de sujeito, o que sugere que a variável em questão apresenta baixa resistência à marcação verbal. Dito de outro modo, a regra de concordância está bem aceita entre os falantes da comunidade de fala analisada.

5.2.5 Variável constituição do sujeito

Nesta etapa, buscou-se averiguar em que medida a configuração morfológica e estrutural do sujeito influencia a realização da concordância verbal de número na comunidade de fala analisada. A categorização da variável contemplou diferentes tipos de sujeito nominal (SN), distinguindo: SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular, SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural

(Eles/Elas), SN constituído ou de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral, SN representado por um pronome relativo que tem como antecedente um SN plural, SN constituído do pronome vocês, SN constituído de primeira pessoa plural. Sujeitos cuja constituição não estava de acordo com nossos propósitos foram codificados sob a categoria “Não informar”.

Posteriormente, os dados obtidos foram cruzados com a presença ou ausência da marca de plural, permitindo avaliar a força explicativa dessa variável na realização da aplicação ou não aplicação da concordância verbal de número.

Tabela 05 – Constituição do sujeito

Variável	Presença		Ausência		Total	Percentual geral	Peso relativo
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual			
Constituição do sujeito							
Eles/Elas	69	86.2%	11	13.8%	80	33.9%	-
Pron. ind.	10	66.7%	5	33.3%	15	6.4%	-
Um/mais (...)	72	85.7%	12	14.3%	84	35.6%	-
Vocês	28	87.5%	4	12.5%	32	13.6%	-
Não informar	18	72.0%	7	28.0%	25	10.6%	-
Total	197	83.5%	39	16.5%	236		-

Fonte: análises da autora

Os dados da Tabela 05, revelam que os sujeitos com constituição clara e morfologicamente marcada no plural, como os SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular, 72 ocorrências (85.7%), SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas), 69 ocorrências (86.2%) e SN constituído do pronome vocês com 28 ocorrências (87.5%), tendem a favorecer a realização a concordância verbal de número. De forma mais específica, isso sugere que quando o SN é constituído por SN que tem como núcleo um ou mais substantivos no plural, dois ou mais substantivos no singular, quando o sujeito é constituído pelo pronome “vocês” ou quando o sujeito é claramente plural, (“eles”, ou um SN com núcleo plural), a concordância verbal tende a ser plenamente realizada.

Já os sujeitos de constituição não informada por não se enquadrarem em nossas variáveis controladas, teve um total de (18) ocorrências representando (72%).

Outro caso de menor estabilidade morfossintática inclui sujeitos mais indeterminados ou vagos (como pronomes indefinidos ou numerais), mostra uma menor taxa de ocorrências de concordância (10) representando (66.7%). Conforme Zilles (2007, p. 213) o percentual não pode ser considerado como fator preponderante para a indicação da marcação verbal, somente os pesos relativos têm essa propriedade. Embora os pesos relativos indiquem a força estatística dos fatores, os percentuais revelam tendências de uso que, conforme Bybee (2004), podem sinalizar processos cognitivos e sociais em curso. Assim, a recorrência de sujeitos constituídos de pronomes indeterminados entre falantes jovens, ainda que não estatisticamente significativa, pode sugerir uma possível mudança em andamento que merece atenção qualitativa. Ressalta-se que essa análise diz respeito a um recorte do *corpus* C-ORAL -BRASIL, portanto aqui pode ser um ponto de atenção para pesquisas mais aprofundadas e que tenham perfil diacrônico.

A significativa variação percentual entre os tipos de sujeito sugere que a constituição morfológica do SN exerce influência real sobre a presença da marca plural. Esse padrão evidenciado corrobora diversos estudos como (Scherre e Naro, 1991; 1999), que apontam que a transparência morfológica favorece a realização plena da concordância, enquanto a ambiguidade estrutural favorece a simplificação ou omissão. Dito de outro modo, quando o sujeito é claro, explícito, os falantes tendem a seguir as regras normativas da GT ao passo que ao se depararem com uma estrutura confusa, as chances de o falante simplificar ou não usar a concordância de forma plena são bem maiores. Ainda que essa variável não tenha sido selecionada pelo GoldVarb X como significativa, entendemos como necessária realizar a descrição e a interpretação de seus dados nesta pesquisa.

5.2.6 Variável posição do sujeito em relação ao verbo

A presente subseção examina os efeitos da posição ocupada pelo sujeito na sentença sobre a realização da concordância verbal de número. Apesar de essa variável não ter sido selecionada pelo programa como significante para a marcação verbal, realizamos a descrição dos resultados obtidos. A categorização da variável foi estabelecida com base na linearidade e distância prosódico-sintática entre o sujeito e o verbo, conforme segue: sujeito imediatamente anteposto, sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas, sujeito anteposto separado do

verbo por 5 ou mais sílabas, sujeito posposto ao verbo e em casos não identificáveis quanto à posição.

Tabela 06 – Posição do sujeito em relação ao verbo

Variável	Presença		Ausência		Total	Percentual geral	Peso relativo
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual			
Posição do sujeito em relação ao verbo							
Imediatamente anteposto	97	87.4%	14	12.6%	111	46.8%	-
Afastamento moderado	49	77.8%	14	22.2%	63	26.6%	-
Posposto	17	73.9%	6	26.1%	23	9.7%	-
Não identificáveis	20	83.3%	4	16.7%	24	10.1%	-
Distância mais ampla	14	87.5%	2	12.5%	16	6.8%	-
Total	197	83.1%	40	16.9%	237		-

Fonte: análises da autora

A análise dos dados revela uma tendência consistente à realização da marca de plural em contextos nos quais o sujeito ocupa posição canônica – especialmente quando imediatamente anteposto ao verbo, exhibe (97 ocorrências), conforme ilustra o exemplo 19. Pode-se observar 87.4% de realização em situações de afastamento moderado, ou seja, afastamento de 2 ou 3 palavras, entre sujeito e verbo. Observa-se também (49 ocorrências) representando percentual de 77.8%, indicando que a quebra da ordem canônica ou o distanciamento intermediário, pode favorecer a omissão da marca verbal de número. No entanto, esses resultados também revelam que a proximidade linear, embora relevante, não é o único fator condicionador da concordância plena, já que casos de afastamento mais amplo apresentam índices de realização comparáveis aos da posição imediatamente anteposta.

Por outro lado, as menores taxas de realização ocorrem nos contextos de sujeito posposto ao verbo, com (17 ocorrências de marca) representando 73.9% e de afastamento moderado entre sujeito e verbo. Em casos de sujeito anteposto separado do verbo por distância prosódica mais ampla, com (14 ocorrências) 87.5%, ainda que minoritário, indicam que a quebra da ordem canônica ou o distanciamento intermediário pode favorecer a omissão do uso dessas formas e da marca verbal de número.

O grupo de casos não identificáveis, reúne (14 ocorrências) representando 87.5% do total de dados. Esse conjunto não foi analisado, uma vez que não foi possível identificar sua posição, o que inviabilizou sua inclusão nos critérios de controle estabelecidos por esta pesquisa.

Os exemplos 19 e 20 evidenciam que a distância entre sujeito e verbo influencia a realização da concordância, mas não de forma absoluta. A seguir, retoma-se a discussão teórica, considerando que fatores cognitivos, como a memória de trabalho e fatores estruturais da língua podem interferir nesse processo.

Exemplos: 19 e 20

(19) “...com aquele sutiã horroroso que eles **colocam**...” (Sujeito imediatamente anteposto ao verbo) / bfamcv20

(20) “...essas pessoas nem/nem coração **deve ter** / né / Júnia /...” (Sujeito separado do verbo por 3 palavras, afastamento moderado) bfamcv15

Do ponto de vista do processamento linguístico, a memória de trabalho,³² desempenha um importante papel, isto é, quanto maior for o afastamento entre o sujeito e o verbo, maior será a demanda cognitiva para manter a referência ativa. Ainda assim, a alta taxa de concordância em contextos de afastamento amplo sugere que os falantes recorrem a estratégias compensatórias, como a ativação da estrutura argumental ou o uso de pistas semânticas e discursivas.

Além disso, a saliência do sujeito, determinada por traços de animacidade, definitude e tropicalidade, pode facilitar a recuperação desse sujeito ainda que esteja distante do verbo. A ordem sintática também influencia. A quebra da ordem canônica, ou seja, construções com sujeito/verbo, pode interferir na expectativa de concordância, especialmente em contextos informais ou de fala espontânea.

Scherre e Naro (1991), demonstraram com base em dados do português falado, que a realização da concordância verbal está sujeita a variações condicionadas por fatores estruturais

³² Refere-se à capacidade de manter e manipular informações temporariamente durante a realização de tarefas mentais. Capacidade essencial para o processamento da linguagem, pois permite que o falante ou ouvinte mantenha ativa a estrutura sintática de uma frase enquanto interpreta ou produz os próximos elementos.

e sociais. Os autores defendem que a concordância de número no verbo não é regra categórica, mas uma variável sociolinguística sensível à linearidade sintática, à complexidade da oração e ao grau de formalidade do contexto.

5.2.7 Variável traço semântico do sujeito

Nesta rodada analítica, esta variável foi selecionada como estatisticamente significativa pelo programa de análise de regra variável, indicando sua relevância na determinação da marcação de número verbal na 3PP, na comunidade de fala da capital mineira. A distinção considerou dois fatores – sujeito com traço semântico humano e sujeito com traço semântico não-humano.

Tabela 07 – Variável traço semântico do sujeito

Variável	Presença		Ausência		Total	Percentual geral	Peso relativo
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual			
Traço semântico do sujeito							
Humano	167	86.5%	26	13.5%	193	81.4%	0.578
Não-humano	30	68.2%	14	31.8%	44	18.6%	0.202
Total	197	83.1%	40	16.9%	237		

Fonte: análises da autora

Os resultados evidenciam que sujeitos com traço humano favorecem significativamente a realização da marca de plural verbal 86.5%, em contraste com sujeitos não-humanos, cuja taxa é consideravelmente inferior 68.2%. A magnitude dos pesos relativos corrobora esse comportamento: sujeitos com traço semântico humano foram favoráveis à concordância 0.578, enquanto sujeitos não-humanos revelaram tendência ao desfavorecimento da concordância 0.202. Esses resultados confirmam que a animacidade, em especial à humanidade do referente, exerce papel relevante no condicionamento da variação morfossintática em foco.

5.2.8 Atuação dos fatores extralinguísticos

Reunimos nesta subseção a análise dos fatores extralinguísticos sexo, grau de escolaridade e faixa etária com vistas a investigar sua possível correlação com a realização da concordância verbal de número na 3PP. Os resultados encontram-se sistematizados na Tabela 08.

Tabela 08 – Fatores linguísticos e extralinguísticos na concordância verbal de número da 3PP

Variável	Fator	Presença/Ausência (p/a)	Percentual por caso	Percentual geral	Peso relativo
Sexo	Masculino	73/8	90.1/9.9	34.2	-
	Feminino	124/32	79.5/20.5	65.8	-
Grau de escolaridade	Baixa/ausente	9/20	31.0/69.0	12.2	0.045
	Média	89/7	92.7/7.3	40.5	0.664
	Elevada	99/13	88.4/11.6	47.3	0.551
Idade	Entre 18 e 25 anos	72/10	87.8/12.2	34.6	-
	Entre 26 e 40 anos	79/12	86.8/13.2	38.4	-
	Entre 41 e 60 anos	29/16	64.4/35.6	19.0	-
	Acima de 60 anos	17/2	89.5/10.5	8.0	-

Fonte: análises da autora

A análise revela que, dentre os fatores extralinguísticos considerados, somente o grau de escolaridade foi selecionado como estatisticamente significativo pelo programa de regra variável, evidenciado pelos pesos relativos atribuídos às suas categorias. Falares de indivíduos com até o nível primário incompleto de escolaridade (escolaridade baixa ou ausente) indicam menor propensão à realização da marca plural 31.0%, ao passo que falantes com escolaridade até o 3º grau (média) ou com título de 3º grau associada a profissões de alta exigência acadêmica (elevada) apresentam taxas superiores a 88%.

As variáveis sexo e idade, apesar das flutuações nas porcentagens de realização da concordância, não foram selecionadas como estatisticamente relevantes. Ainda assim, observa-se tendência mais saliente à realização da marca de número entre as mulheres (124 ocorrências, 79.5%) para (73 ocorrências, 90.1%) de realização efetuada pelo sexo masculino e entre os falantes adultos com idades entre 26 e 40 anos, embora tais diferenças não configurem efeitos robustos nos moldes da análise multivariada.

Esses dados reforçam o papel da escolarização formal como fator de prestígio linguístico, atuando como condicionador importante para a concordância plena, ao contrário de variáveis demográficas que, neste *corpus*, apresentaram atuação mais discreta ou estatisticamente não significativa.

A análise das taxas de marcação verbal entre as diferentes faixas etárias revela um padrão compatível com uma mudança linguística em progresso. Os grupos mais jovens, especialmente entre 18 e 25 anos (72/87.8%) e 26 a 40 anos (79/86.8%), apresentam altos índices de uso da forma com marcação verbal, enquanto o grupo entre 41 e 60 anos retorna a uma taxa elevada (29/89.5%), mas com um número reduzido de ocorrências, o que exige cautela em sua interpretação. Se considerarmos esse padrão, podemos inferir que a geração intermediária apresenta maior adesão à norma, isso aponta uma revalorização da marca de concordância verbal pelos mais jovens. Conforme Labov (2001), os jovens costumam ser os agentes das mudanças linguísticas, e a frequência elevada entre esses falantes pode indicar um avanço dessa forma na comunidade de fala investigada.

Conforme demonstrado nas seções anteriores, fatores linguísticos (saliência fônica, traço semântico do sujeito) e extralinguístico (nível de escolaridade) exercem influência significativa sobre o uso da marca de concordância verbal de número na comunidade de fala em estudo. Com o objetivo de aprofundar a compreensão dos mecanismos que contribuem para a explicação da variação em Belo Horizonte, a próxima seção dedica-se à análise conjunta de algumas dessas variáveis.

5.2.9 Cruzamento de dados aspectos estruturais e extralinguísticos

Nesta subseção realizamos o cruzamento de dados estruturais (saliência fônica) conforme as proposições de escala propostas por Guy (1981) e extralinguísticos (faixa etária, nível de escolaridade, sexo) para a descrição sobre a concordância verbal de 3PP na comunidade de fala estudada.

A primeira variável analisada foi a faixa etária, em contraste com a variável escolaridade, com o propósito de compreender como esses fatores influenciam o uso linguístico entre os falantes de Belo Horizonte. Esses dados são fundamentais para verificar a hipótese complementar de que há uma mudança linguística em progresso na cidade, possivelmente impulsionada pelo maior acesso à educação formal e às oportunidades atuais de aprimoramento escolar. A Tabela 09 apresenta os resultados após a realização do *Cross Tabulation* entre as variáveis mencionadas.

Tabela 09 – *Cross Tabulation* – Faixa etária e Escolaridade

Variável		Fator, quantidade e percentual				Total
Escolaridade Idade		Entre 18 e 25 anos	Entre 26 e 40 anos	Entre 41 e 60 anos	Acima de 60 anos	
Escolaridade	(p)	62/93%	16/94%	11/92%	0/-%	89/93%
média	(a)	5/7%	1/6%	1/8%	0/-%	7/7%
Escolaridade	(p)	0/0%	4/40%	5/31%	0/-%	9/31%
baixa/ausente	(a)	3/100%	6/60%	11/69%	0/-%	20/69%
Escolaridade	(p)	10/83%	59/92%	13/76%	17/89%	99/88%
elevada	(a)	2/17%	5/8%	4/24%	2/11%	13/12%
Total	(p)	72/88%	79/87%	29/64%	17/89%	197/83%
	(a)	10/12%	12/13%	16/36%	2/11%	40/17%

Fonte: análises da autora

Ao cruzar as variáveis faixa etária e escolaridade, os dados revelam padrões sociolinguísticos que auxiliam na interpretação nos comportamentos linguísticos observados na comunidade de fala investigada. Observa-se que os grupos etários mais jovens (entre 18 e 25 e entre 26 e 40 anos) concentram a maior parte dos indivíduos com escolaridade elevada, especialmente o grupo entre 26 e 40 anos (92%), o que pode estar atrelado à maior exposição à normas escolares, práticas linguísticas e prestígio social. O grupo com idade entre 41 e 60 anos, por outro lado, apresenta uma distribuição mais equilibrada entre níveis médio e alto de escolaridade, com discreta evolução da escolaridade elevada (13 ocorrências, 76%), indicando uma possível transição no perfil educacional. Já o grupo (acima de 60 anos), ainda que numericamente menor, mantém um alto índice de escolaridade alta (17 ocorrências, 89%), sugerindo um grupo social com acesso privilegiado à educação formal, embora com impacto

limitado na amostra. Esses dados reforçam a nossa hipótese de que a variação linguística observada no uso da marca de concordância verbal pode estar relacionada a práticas sociais associadas ao grau de instrução, sendo, portanto, a escolaridade um fator condicionador na aceitação ou rejeição de formas linguísticas. Como apontado por Labov (2001), a escolaridade é uma variável social de peso, principalmente quando interage com faixas etárias em processos de mudança linguística em progresso.

Na sequência foram contrastadas as variáveis sexo e escolaridade para o aprofundamento das discussões. A Tabela 10 apresenta o cruzamento dessas variáveis.

Tabela 10 – Cross *Tabulation* variáveis escolaridade e sexo

Escolaridade / Sexo		Masculino /M/	Feminino /F/	Total
Escolaridade média	(p)	36/92%	53/93%	89/93%
	(a)	3/8%	4/7%	7/7%
Escolaridade baixa/ausente	(p)	0/0%	9/33%	9/31%
	(a)	2/100%	18/67%	20/69%
Escolaridade elevada	(p)	37/92%	62/86%	99/88%
	(a)	3/8%	10/14%	13/12%
Total	(p)	73/90%	124/79%	197/83%
	(a)	8/10%	32/21%	40/17%

Fonte: análises da autora

A Tabela 10, evidencia a distribuição da escolaridade segundo o sexo dos informantes e mostra padrões sociolinguísticos relevantes. Observa-se que tanto falantes do sexo masculino quanto do sexo feminino estão concentrados majoritariamente nas categorias de escolaridade média e alta, com predomínio da escolaridade elevada entre o sexo feminino (53 ocorrências, 93%) e uma ligeira queda entre o sexo masculino (36 ocorrências, 92%).

A escolaridade intermediária (média) é significativamente mais representativa entre o sexo feminino (9 ocorrências, 31% do total) do que entre o sexo masculino (0 ocorrências, 0%). No total, nota-se uma presença proporcionalmente maior de falantes do sexo feminino entre os grupos etários analisados em tempo aparente — isto é, faixas etárias que funcionam como indicadores das diferentes fases de desenvolvimento linguístico da comunidade, conforme proposto por Labov (1972) em seu estudo clássico da ilha de Martha's Vineyard e o da

estratificação social do “r” em Nova York, ao discutir como diferentes grupos etários adotam variantes linguísticas de forma distinta. A maior participação de falantes do sexo feminino pode reforçar seu papel de liderança em mudanças linguísticas, assim como discutido em diversos estudos da Sociolinguística Variacionista.

Para finalizar essa subseção contrastamos os dados linguísticos saliência fônica e tipo de sujeito para verificar se há algum tipo de relação.

A Tabela 11 evidencia o cruzamento entre os fatores saliência fônica (vertical) e escolaridade (horizontal), com o objetivo de descrever a marca de concordância verbal.

Tabela 11 – Cross *Tabulation* – Saliência fônica x grau de escolaridade

Variável		Fator, quantidade e percentual			Total
Saliência /escolaridade		Média	Baixa ou ausente	Elevada	
Saliência	(p)	10/77%	1/25%	13/87%	24/75%
(c) sabe/sabem	(a)	3/23%	3/75%	2/13%	8/25%
Saliência	(p)	18/100%	3/75%	17/85%	38/90%
(t) dá/dão	(a)	0/0%	1/25%	3/15%	4/10%
Saliência	(p)	19/86%	1/14%	14/74%	34/71%
(e) fala/falam	(a)	3/14%	6/86%	5/26%	14/29%
Saliência	(p)	30/97%	4/40%	43/98%	77/91%
(z) é/são	(a)	1/3%	6/60%	1/2%	8/9%
Saliência	(p)	8/100%	0/-%	7/78%	15/88%
(o) faz/fazem	(a)	0/0%	0/-%	2/22%	2/12%
Saliência	(p)	4/100%	0/0%	5/100%	9/69%
(v) viu/viram	(a)	0/0%	4/100%	0/0%	4/31%
	(p)	89/93%	9/31%	31/99%	197/83%
Geral	(a)	7/7%	20/69%	20/69%	40/17%

Fonte: análises da autora

Com base na proposta de Guy (1981) sobre o escalonamento da saliência fônica— que considera a transparência morfossintática e a audibilidade dos segmentos verbais— a Tabela 11 apresenta um cruzamento denso e revelador entre saliência fônica e grau de escolaridade, evidenciado por marcadores de presença e de ausência de concordância verbal. Essa interseção revela não apenas padrões de variação linguística, mas também os mecanismos pelos quais a

escolarização e o tipo de inserção ocupacional impactam a realização fonológica na fala espontânea.

Destacam-se, inicialmente, os segmentos mais salientes da escala como /t/ (está/estão) e /z/ (é/são, falou/falaram) que apresentam altas taxas de concordância verbal entre os falantes com escolaridade exigida para o trabalho (elevada), atingindo respectivamente 85% e 98%. Esses segmentos são fonologicamente mais perceptíveis e ocupam posição privilegiada na escala de Guy (1981), o que parece se confirmar no comportamento linguístico dos falantes, isto é, quanto mais saliente o segmento e maior a escolaridade, mais consistente é a realização da concordância.

No grupo de falantes com ausência de escolarização ou até o nível primário ou cujo trabalho não exige o ensino superior (média), observam-se maiores índices de ausência de concordância verbal, principalmente nos segmentos menos perceptíveis, como /c/ (come/comem, fale/falem) e /e/ (fala/falam) que, segundo Guy, ocupam posições mais baixas na escala de saliência por apresentarem apagamentos mais sutis da marca de plural. A exemplo disso, no segmento (/c/), há 75% de ausência de concordância entre os falantes do grupo (baixa ou ausente), contrastando com apenas 13% no grupo (elevada). Essa situação reforça o fato de que tais realizações são influenciadas não apenas pela forma segmental em si, mas pelo grau de monitoramento linguístico propiciado por contextos que requerem uma certa atenção na fala e por pessoas escolarizadas.

Casos como (/v/) (sumiu/sumiram, foi/foram) e (achou/acharam) mostram uma distribuição polarizada: 100% de concordância entre os falantes padrão nos extremos de escolarização (elevada e média), e ausência total entre os falantes não padrão, especialmente no grupo (baixa ou ausente). Isso sugere que essas formas são altamente suscetíveis ao tipo de monitoramento linguístico empregado e podem ser marcadores relevantes de distinção entre sociolinguísticos.

A análise global mostra que o grupo com maior escolaridade e cujas funções exigem essa escolarização (elevada) mantém taxas altíssimas de concordância verbal (99%), independentemente do tipo de segmento, o que evidencia uma maior adequação à norma-padrão. Já os falantes dos grupos (baixa ou ausente) e (média) revelam uma maior variabilidade, especialmente nos segmentos mais baixos na escala de Guy, indicando menor monitoramento da fala e maior influência de fatores comunitários ou estilísticos.

Essa distribuição corrobora a hipótese de que a realização da concordância verbal, condicionada pela saliência fônica, é sensivelmente modulada pela escolarização formal e pelas

práticas sociais associadas ao prestígio linguístico. O cruzamento entre saliência fônica e a escolaridade, portanto, não apenas proclamam padrões estruturais da variação linguística, mas também refletem implicações sociais relacionadas à legitimação de formas de fala e a manutenção das desigualdades entre os grupos sociais.

5.2.10 Saliência fônica por Naro *et al.* (1999)

Neste ponto da análise, voltamos nosso olhar para as 74 ocorrências que, dentre as 387 que compõem integralmente o *corpus*, foram selecionadas por fazerem referência à primeira pessoa do plural. Essas ocorrências foram codificadas segundo os parâmetros propostos por Naro *et al.* (1999), cujos critérios de saliência fônica oferecem uma base sólida para observar fenômenos variáveis na fala.

A opção por essas escalas e por esse autor não foi aleatória— considerando o limitado número de estudos voltados especificamente à primeira pessoa do discurso, principalmente no plural, fez-se necessário recorrer a um referencial já consolidado. Naro; Görski e Fernandes (1999) analisaram a variação na concordância verbal com pronomes de primeira pessoa no português falado do Rio de Janeiro. Os autores concluíram que, nas gerações mais antigas, o uso da desinência verbal (-*mos*) era fortemente condicionado pela saliência fônica, enquanto entre os falantes mais jovens o fator determinante passou a ser o tempo verbal, especialmente o pretérito. Tal deslocamento na hierarquia dos condicionadores indica uma possível mudança gramatical subjacente, embora não haja alteração nas formas de superfície, ao passo que todas continuam circulando socialmente. Esse fato, contribui a caracterização pelos autores de mudança sem mudança, revelando que transformações estruturais na gramática podem ocorrer de maneira sutil, sem que necessariamente elimine ou substitua formas linguísticas existentes.

A análise aqui proposta ancora-se, ainda, em Oushiro (2015), cuja pesquisa serve de inspiração metodológica ao demonstrar como critérios de Naro *et al.* (1999), podem ser aplicados na comparação entre a primeira e a terceira pessoas — seja para defendê-las como parte de uma mesma variável sociolinguística, seja para evidenciar seus possíveis comportamentos distintos.

Com base nas discussões apresentadas, passamos à exposição e análise dos dados empíricos. A partir da codificação das ocorrências, organizou-se um conjunto de tabelas com informações gerais sobre a frequência das formas analisadas, bem como os pesos relativos atribuídos aos fatores condicionantes. Ressalta-se que o objetivo é descrever e interpretar, de

modo sistemático, os padrões de concordância verbal de número observados na fala belo-horizontina, contribuindo para o mapeamento das tendências de variação linguística nesta comunidade.

5.2.11 Resultados gerais da análise para a 1PP

A leitura inicial das 74 ocorrências selecionadas possibilitou uma visão panorâmica da distribuição das formas verbais relacionadas à primeira pessoa do plural do *corpus*. Durante esse processo, identificaram-se alguns nocautes – contextos invariáveis para a análise estatística – que precisaram ser reajustados. A fim de garantir a robustez dos testes aplicados, optou-se por eliminar determinados fatores: (i) posição do sujeito em relação ao verbo (Não informar, sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas, sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas), (ii) tipo de verbo (intransitivo), (iii) escolaridade (baixa ou ausente), (iv) faixa etária (Acima de 60 anos) e (v) grupo Traço semântico. Esses fatores comprometiam a consistência dos dados. Na terceira rodada optamos por excluir o fator /j/ (ganha/ganhamos) referente à saliência fônica, uma vez que apresentava nocaute. Ao realizar a rodada, observamos que a variável saliência fônica não foi selecionada pelo programa como significante estatisticamente; apenas as variáveis posição do sujeito em relação ao verbo com os fatores (imediatamente anteposto, sujeito posposto ao verbo); regularidade morfológica do verbo (irregular, regular) e escolaridade (média), (elevada) foram selecionadas. Como a intenção era observar o comportamento da saliência fônica, utilizando a escala proposta por Naro *et al.* (1999) apud Oushiro (2015) optamos por realizar nova rodada, após recodificação. Dessa vez, amalgamamos as variáveis /j/ (ganha/ganhamos) e /k/ (pediu/pedimos). Concluímos que o menor número dos dados de /k/ (pediu/pedimos) não impactaria no resultado e resolveria o caso de nocaute, uma vez que não houve nenhum caso de ausência de concordância verbal na variável /j/ (ganha/ganhamos). Essa tomada de decisão metodológica foi essencial para viabilizar a aplicação da técnica de *stepping-down* e das *croos-tabulations*, conduzindo a uma estrutura analítica mais estável.

Os resultados aqui apresentados referem-se, portanto, à quarta rodada da codificação, na qual foi possível estabilizar os pesos relativos e observar com maior clareza os padrões de concordância verbal na fala dos belo-horizontinos e observar a significância da variável saliência fônica na primeira pessoa do plural.

Tabela 12 – Resultado geral – Primeira pessoa do plural

Variável	Fator	Presença/Ausência (p/a)	Percentual por caso	Percentual geral	Peso relativo
Saliência Fônica (Naro <i>et al.</i> 1999) apud Oushiro (2015)	/f/ tem/temos	45/1	97.8/2.2	91.9/8.1	0.660
	/h/ está/estamos	3/3	50.0/50.0		0.031
	/q/ fez/fizemos	6/1	85.7/14.3		0.040
	/j/ ganha/ganhamos	14/1	93.3/6.7		0.695
Posição do sujeito	Imediatamente anteposto	25/3	89.3/10.7	81.2/18.8	0.720
	posposto	1/3	25.0/75		0.001
Tipo de verbo	verbo de ligação	5/1	83.3/16.7	91.4/8.6	-
	Transitivo direto	35/2	94.6/5.4		-
	Auxiliar	23/2	92.0/8.0		-
	Transitivo indireto	1/1	50.0/50.0		-
Regularidade morfológica do verbo	Irregular	60/5	92.3/7.7	91.9/8.1	-
	Regular	8/1	88.9/11.1		-
Tipo de sujeito	Simples	64/5	92.8/7.2	91.9/8.1	-
	Indeterminado	4/1	80.0/20.0		-
Constituição do sujeito	Primeira pessoa do plural	66.5	93.0/7.0	91.9/8.1	-
	Um ou mais (...)	2/1	66.7	33.3	-
Escolaridade	Média	28/5	84.8/15.2	90.8/9.2	0.070
	Elevada	31/1	96.9/3.1		0.935
Faixa etária	Entre 18 e 25 anos	11/2	84.6/15.4	91.0/9.0	-
	Entre 26 e 40 anos	28/3	90.3/9.7		-
	Entre 41 e 60 anos	22/1	95.7/4.3		-
Sexo	Masculino	29/3	90.6/9.4	91.9/8.1	-
	Feminino	39/3	92.9/7.1		-

Fonte: análises da autora

Log likelihood = -5.647 *significance* = 0.043

Input 0.961

Os resultados evidenciam que a variante com marca de concordância é largamente favorecida na comunidade de fala observada (percentual geral de 91.9%). No entanto, essa tendência é modulada por uma série de variáveis independentes, conforme segue a descrição.

Após a recodificação, conforme salientado anteriormente, a saliência fônica demonstrou-se como relevante para a análise estatística. Contextos em oposição não acentuada (/f/) 1c – adição de segmento [-Ø/-mus], “nós **temo** que olhar que pra pra pra &cont nũ é contentar pessoalmente” (Bpubmn 02) e e em (/j/) 2a’ – nasalização da vogal tônica [‘a/‘amus], [‘ẽ/‘emus], “**vamo** ...vamo lá porque eu senti o pinguinho/hein//” (Bfamvc21) apresentaram altos percentuais de realização de concordância (97,8% e 93,3%, respectivamente), com pesos relativos acima de 0.60. Além disso, os dados revelam que os falantes de Belo horizonte tendem a empregar em seus enunciados orais, formas verbais que apresentam maior intensidade de saliência fônica, favorecendo a realização da marca de concordância verbal de número. Além disso, por meio da análise dos arquivos de áudio, constatamos que a velocidade de elocução, o ritmo da fala, o tempo de articulação é mais acelerado na fala desses participantes.

Em saliências como (/h/) 2a – uma das formas acentuada [a/‘amus] “é o que nós **tamo** procurando fazer ali na sede” “associou-se à menor frequência da variante de marcação verbal. Em consonância com estudos anteriores como Oushiro (2015, p. 178) a forma de saliência fônica do nível 2a apresentou desfavorecimento da aplicação verbal de número. Pode-se dizer que a percepção auditiva impacta a produção morfossintática. A saliência (/q/) 2c – mudança da vogal tônica [‘ow/ ‘amus], conforme o enunciado “mas nós **comemoramo** / o horário da natureza” (bfamcv07) associou-se à menor ocorrência de casos e menor ausência de marcação verbal.

A variável posição do sujeito também se mostrou determinante: sujeitos imediatamente antepostos aos verbos favoreceram a marca de concordância (89.3% e peso relativo de 0.720), enquanto sujeitos pospostos ao verbo inibiram essa realização (apenas 25%, peso 0.001). Essa distribuição corrobora estudos anteriores, (Scherre e Naro 1993; 1998), que apontaram maior sensibilidade do falante à necessidade de explicitação gramatical quando o sujeito não está em posição saliente.

Outros fatores linguísticos, como tipo de verbo e regularidade morfológica, ainda que não tenham sido selecionados como significativos para a análise dos pesos estatísticos, revelaram padrão de estabilidade da marca com verbos de uso frequentes e principalmente de verbos irregulares, indicando cristalização da marcação verbal. O tipo de verbo transitivo direto foi o que apontou maior número de ocorrências (35/94.6%) de marcação verbal na fala dos

belo-horizontinos, os verbos auxiliares (23/92.0%) de ocorrências de marcação verbal, logo depois os verbos de ligação (5/83.3%) e os verbos transitivos diretos com (1/50%) de ocorrências.

Na variável extralinguística, a escolaridade foi a variável selecionada pelo GoldVarb X com maior poder de significância; foi considerada como a variável de maior impacto sobre a variação. Falantes com maior escolaridade (elevada) apresentaram forte favorecimento da marca de concordância verbal (96.9%, peso relativo de 0.935). Enquanto, aqueles com menor escolarização (média), no caso de falantes com até o 3º grau, mas que a profissão não exija esse nível de escolarização, demonstraram maior oscilação (84.8%, peso relativo de 0.070). Tal padrão reflete o prestígio social associado à norma padrão e à pressão normativa institucional. Pode-se concluir que, de acordo com o *corpus* analisado, a marcação verbal de 1PP apresentou uma forte aplicação, acreditamos que o fator escolaridade tenha contribuído para essa realização.

A análise por faixa etária, ainda que não tenha sido selecionada como significativa para o programa a de regra variável, apontou um crescimento do uso da marca de aplicação da concordância verbal com o avanço da idade. Desse modo, jovens (idade 18 e 25 anos) utilizaram a concordância em (11/84.6%) dos casos, adultos (idade 26 e 40 anos) em (28/90.3%) e pessoas com idade elevada incluindo idosos (41 e 60 anos) em (22/95.7%). Vale lembrar que pessoas com idades acima de 60 anos foram excluídas da análise, para que fosse possível a resolução do caso de nocaute e, para essa variável não havia nenhum registro de ausência da marca de concordância. Portanto, essa análise sugere uma possível maturação linguística e adesão gradativa à norma de prestígio, ou no caso específico deste estudo, da presença da concordância verbal em Belo Horizonte. Desse modo, os dados corroboram tendências observadas em estudos como Labov (1972) e Oushiro (2015), que apontaram para uma maior frequência de uso da variante de prestígio entre falantes mais velhos, principalmente quando associada a fatores como escolaridade. No caso, desta seção que considera a 1PP; tanto a escolarização quanto o fator faixa etária, se revelaram como favorecedores para o uso da marca de concordância verbal.

Por fim, quanto à variável independente sexo, a variante sexo feminino apresentou ligeiramente maior taxa de realização da marca de concordância (92.9% x 90.6%), alinhando-se à tendência já documentada (Labov, 1972; Oushiro 2015) de que falantes do sexo feminino tendem a ser socialmente mais sensíveis às normas linguísticas formais.

A próxima subseção, apresenta duas Tabelas 13 e 14 com o cruzamento das variáveis selecionadas pelo GoldVarb X para a realização da 1PP em Belo Horizonte.

5.2.12 Croos-tabulations para a 1PP

Nesta subseção, realizou-se o cruzamento dos dados de saliência fônica, escolaridade e posição do sujeito para a realização da 1PP. Na sequência realizou-se a descrição dos resultados.

Tabela 13 – Saliência fônica X escolaridade – Primeira pessoa do plural

Variável	Fator, quantidade e percentual		Total
Saliência x escolaridade		Média	Elevada
(f)	(p)	24/96%	16/100%
fico/ficamos	(a)	1/4%	0/0%
(h)	(p)	0/0%	0/0%
está/estamos	(a)	3/100%	0/0%
(q)	(p)	1/50%	4/100%
vou/vamos	(a)	1/50%	0/0%
(j) ganho/	(p)	3/100%	11/92%
ganhamos	(a)	0/0%	1/8%
	(p)	28/85%	31/97%
Geral	(a)	5/15%	1/3%

Fonte: análises da autora

O cruzamento das variáveis, apresentadas na Tabela13, mostra que a marca de concordância verbal é amplamente favorecida em ambos os grupos de escolaridade. Vale destacar que entre os falantes com escolaridade de nível de 3º grau e que exercem tarefas laborativas com a respectiva escolarização, codificada como (elevada), apresentaram 97% de realização da marca, frente a 85% no grupo codificado como (média).

Para os níveis de saliência média, como /f/ (fico/ficamos) e saliência com grau mais elevado /ganho/ganhamos, a marca é praticamente categórica em ambos os grupos: /f/ (fico/ficamos) 96% no grupo (escolaridade média) e 100% no grupo (escolaridade elevada). O nível /j/ (ganho/ganhamos) 100% no grupo (escolaridade média) e 92% no grupo (escolaridade elevada). Em escalas de saliências de faixa alta/moderada, como /h/ (está/estamos) e de

saliência alta (/q/) (vou/vamos), a escolaridade pareceu exercer maior impacto. Como se observa: em (/h/) apenas o grupo de menor escolaridade (média) produziu a forma, sempre sem marca. No nível (/q/) (vou/vamos) de saliência alta, a variável escolaridade (elevada) apresentou 100% de marcação, já a variável escolaridade (média), 50%.

Observa-se que, nos contextos de alta saliência fônica, a marca de concordância tende a ocorrer independentemente do grau de escolaridade do falante. Porém, em contextos de baixa saliência fônica ou moderada, o fator escolaridade se mostra relevante, ou seja, os falantes com maior nível de escolaridade empregam a marca verbal de número de forma mais sistemática em relação aos falantes com nível de escolaridade menor.

A fim de observar o comportamento da saliência fônica frente à variável posição do sujeito, realizou-se o cruzamento das respectivas variáveis. Os resultados podem ser observados na Tabela 14, a seguir.

Tabela 14 – Saliência fônica X Posição do sujeito – Primeira pessoa do plural

Variável	Fator, quantidade e percentual	Total		
Saliência x Posição do sujeito		Imediatamente anteposto	Posposto	
Saliência	(p)	16/94%	0/0%	16/94%
(f) estou/estamos	(a)	1/6%	0/0%	1/6%
Saliência	(p)	0/0%	0/0%	0/0%
(h)	(a)	1/100%	2/100%	3/100%
estava/estávamos				
Saliência	(p)	2/67%	0/0%	2/67%
(q) vou/vamos	(a)	1/33%	0/0%	1/33%
Saliência	(p)	7/100%	1/50%	8/89%
(j) tenho/temos	(a)	0/0%	1/50%	1/11%
	(p)	25/89%	1/25%	26/81%
Geral	(a)	3/11%	3/75%	6/19%

Fonte: análises da autora

Os dados da Tabela 14, mostram que a presença da marcação verbal de número está fortemente associada à posição de sujeito imediatamente anteposto ao verbo 89%, sobretudo

em contextos com nível médio e alto de saliência fônica, como nos níveis (/f/) fico/ficamos e (/j/) foi/fomos que apresentam percentuais de 94% e 100%, respectivamente.

Já nos casos em que o sujeito está posposto ao verbo, a marca é pouco realizada 25%, ainda em contextos de alto nível de saliência fônica como em (/j/) foi/fomos, com apenas 50% de presença. Em contextos com nível moderado para alto de saliência, como em (/h/) está/estamos, observa-se baixa marcação verbal independentemente da posição do sujeito, apresentando realização nula da forma de concordância.

Concluimos que embora a forma de concordância verbal seja predominante, sua realização não é uniforme. Os fatores como saliência fônica e posição do sujeito, bem como os fatores extralinguísticos, principalmente grau de escolaridade e faixa etária, desempenham papéis essenciais na escolha da variante. Os resultados reforçam a natureza probabilística da variação linguística e a importância de múltiplas variáveis na formação dos padrões sociolinguísticos, neste caso, especificamente de Belo Horizonte.

Na sequência, apresentamos a descrição e análises da variável saliência fônica, conforme escala hierárquica de Naro (1981); Scherre e Naro (1998) em se tratando da 3PP. Em seguida realizamos uma comparação dos resultados obtidos entre os parâmetros dos três autores e nas 1PP e 3PP.

5.2.13 Saliência fônica por Naro (1981) e Scherre e Naro (1998)

Retiradas as ocorrências de 1PP, passamos a analisar os 286 dados remanescentes correspondentes à 3PP. Nessa etapa, a variável saliência fônica foi analisada segundo a escala proposta por Naro (1981) e por Scherre e Naro (1998). Além disso, incluímos o fator social “norma padrão x norma não-padrão”, ampliando a abordagem interpretativa dos dados. Os resultados dessa rodada analítica, corresponde à rodada de número 47, que revelaram novos percentuais de ocorrência e pesos relativos. A Tabela 15, apresenta todas as variáveis investigadas, conforme os critérios dessa escala.

Tabela 15 – Dados gerais – Terceira pessoa do plural

Variável	Fator	Presença/A usência (p/a)	Percentual por caso	Percentual Geral	Peso relativo
Saliência Fônica (Naro (1981); Scherre e Naro (1998))	(come/comem)	10/5	66.7/33.3	15/5.2	0.256
	(dá/dão)	50/5	90.9/9.1	55/19.2	0.970
	(joga/jogam)	60/24	71.4/28.6	84/29.4	0.117
	(fez/fizeram)	80/7	92.0/8.0	87/30.4	0.642
	(faz/fazem)	24/7	77.4/22.6	31/10.8	0.028
	(comeu/comeram)	9/5	64.3/35.7	14/4.9	0.978
Traço semântico	Humano	196/36	84.5/15.5	232/81.1	0.606
	Não-humano	37/17	68.5/31.5	54/18.9	0.136
Posição do sujeito	Imediatamente ante.	110/20	84.6/15.4	130/45.5	-
	Ante. Separado 1/4	60/15	80.0/20.0	75/26.2	-
	Posposto	19/8	70.4/29.6	27/9.4	-
	Não informar	25/7	78.1/21.9	32/11.2	-
	Ante. Separado 5 +	19/3	86.4/13.6	22/7.7	-
Tipo de verbo	VTD	115/32	78.2/21.8	147/51.9	0.105
	VI	14/2	87.5/12.5	16/5.7	0.947
	VI	32/8	80.0/20.0	40/14.1	0.875
	VL	47/10	82.5/17.5	57/20.1	0.713
	VA	22/1	95.7/4.3	23/8.1	0.998
Regularidade morfológica do verbo	Regular	94/26	78.3/21.7	120/42.0	0.173
	Irregular	139/27	83.7/16.3	166/58.0	0.756
Tipo de sujeito	Simples	166/40	80.6/19.4	206/73.0	-
	Indeterminado	26/6	81.2/18.8	32/11.3	-
	Pronome Você	31/5	86.1/13.9	36/12.8	-
	Simples de estrutura complexa	6/2	75.0/25.0	8/2.8	-
Constituição do sujeito	Eles/Elas	89/12	88.1/11.9	101/35.6	-
	Pronome indef. (...)	13/6	68.4/31.6	19/6.7	-
	Um ou mais subs.(...)	83/20	80.6/19.4	103/36.3	-
	Pronome vocês	30/6	83.3/16.7	36/12.7	-

	Não informar	18/7	72.0/28.0	25/8.8	-
Escolaridade	Média	102/10/	91.1/8.9	112/39.2	0.952
	Ausente/baixa	8/23	25.8/74.2	31/10.8	0.006
	Elevada	123/20	86.0/14.0	143/50.0	0.225
Faixa etária	Entre 18 e 25	89/13	87.3/12.7	102/35.7	-
	Entre 26 e 40	96/21	82.1/17.9	117/40.9	-
	Entre 41 e 60	28/17	62.2/37.8	45/15.7	-
	Acima de 60	20/2	90.9/9.1	22/7.7	-
Sexo	Masculino	90/12	88.2/11.8	102/35.7	-
	Feminino	143/41	77.7/22.3	184/64.3	-
Norma Não padrão X Padrão	Não-padrão	26/51	33.8/66.2	77/27.1	0.000
	Padrão	206/1	99.5/0.5	207/72.9	0.969

Fonte: análises da autora

Log likelihood = -15.460 Significance = 0.046

A Tabela 15 evidencia que a saliência fônica foi a mais significativa para a marcação da concordância verbal de 3PP. Fatores como /j/ (comeu/comeram) e /q/ (joga/jogam), que envolvem mudanças fonéticas mais perceptíveis – alteração da vogal tônica ou ditongação – favorecem fortemente a realização da concordância verbal, com pesos relativos altos (0.970 e 0.642). O fator /k/ que pertence ao grau 02 – oposição acentuada, forma singular que contém ditongo crescente, adição de segmento [rũ] em casos como enfiou/enfiaram, comeu/comeram, apresentou peso relativo de 0.978.

Já segmentos menos perceptíveis como /h/ (joga/jogam), /L/ (come/comem) e /#/ (faz/fazem), que se referem ao Grau 1 – oposição não acentuada – têm pesos relativos mais baixos, respectivamente (0.117, 0.256, 0.028) evidenciando menor influência para a concordância verbal.

Os excertos 21 a 23 são exemplos de verbos com oposição singular/plural mais salientes.

(21) “...eles já TÃO com a ferida.” (ESTÁ/ESTÃO- oposição mais saliente [nasalização e ditongação] / bfamcv20).

(22) “com certeza es ã VÃO participar.” (VAI/VÃO- oposição mais saliente/ [nasalização e ditongação] / bfamcv20).

(23) “...eles SÃO piores do que o Durepox.” (É/SÃO- oposição mais saliente/[mudança na vogal tônica] / bfamcv20).

Como já evidenciado em estudos clássicos de Scherre; Naro e Cardoso (2007), a animacidade do sujeito constitui um fator condicionante relevante para a realização da concordância verbal. No *corpus* analisado, essa variável foi selecionada pelo programa GoldVarb X, evidenciando sua significância estatística. Observa-se que sujeitos com traço semântico [+humano] codificados como (/1/) favoreceram a ocorrência da variante plena da concordância, com peso relativo de (0.606) em contraste com sujeitos [-humano] (2/), cujo peso relativo foi de apenas (0.136), indicando uma menor propensão à marcação verbal.

Os exemplos 24 e 25 ilustram a variável traço semântico humano do sujeito.

(24) “**Eles** SÃO legal.” (traço semântico humano/presença de marcação verbal/bfamcv01)

(25) “...**nós** VAI ENTREGAR essa folha aí cheia de florzinha”. (traço semântico humano/ausência de marcação verbal/bpudcv07)

Os falantes belorizontinos investigados realizam a forma monotongandada do pronome “nós”, pronunciando-o como [‘nois’]. Zagari (2005) atribui essa forma de falar aos mineiros. Esse processo de simplificação fonética, no qual o ditongo é reduzido a uma única vogal de timbre fechado, impacta na marcação da flexão verbal. Conforme anunciamos no Capítulo I, essa pronúncia é uma peculiaridade do falar belorizontino.

Os enunciados 26 e 27 ilustram os dados de sujeito com traço semântico não-humano.

(26) “...EXISTEM **outros lugares** tão bons quanto o Arnaldinum e mais baratos...” (traço semântico não-humano/presença de marcação verbal/bfamecv01)

(27) “...aqui É *três gatinha* elegante gato, cachorro, elefante.” (traço semântico não-humano/ausência de marcação verbal/bfamcv15)

A variável escolaridade foi selecionada pelo programa estatístico como significativa para a marcação verbal, revelando forte correlação entre nível de instrução e realização da concordância verbal de número. Os dados mostram que falantes com escolaridade média (91,1%) e elevada (86,0%) apresentam altos índices de realização da marca verbal, com pesos relativos de 0,952 e 0,225, respectivamente. Em contraste, os falantes com escolaridade ausente ou baixa, exibem um percentual de apenas 25,8%, com peso relativo de 0,006, indicando alta probabilidade de elisão da concordância. Analisamos o discreto percentual de ausência de marcação verbal (10/20) respectivamente entre as escolaridades médias e elevadas. Esses resultados não confirmam apenas tendências estatísticas, mas evidenciam o impacto concreto da escola na formação linguística dos sujeitos.

Ressaltamos que, o grupo com escolaridade média inclui pessoas que ainda estão cursando o Ensino Fundamental ou Médio, o que evidencia o papel ativo da escola básica na consolidação de práticas linguísticas alinhadas à variedade valorizada. Nesse contexto, a escola atua como agente formador, contribuindo significativamente para a construção das noções de “certo” e “errado” no uso da língua. Já no fator escolaridade elevada, o falante já não está necessariamente sob o domínio da escola formal o que pode explicar o discreto percentual maior de ausência de marcação verbal. O fato de já não ser mais necessário ficar sob esse controle pode significar deixar a língua seguir seu curso natural.

Essas observações dialogam com as reflexões de Bortoni-Ricardo (2008), que destaca a influência da escolarização formal na internalização das normas gramaticais valorizadas socialmente, especialmente em contextos monitorados. Bagno (2012) também aponta que o domínio da norma padrão está diretamente relacionado ao acesso à educação formal. Nesse sentido, a escola é o principal espaço de transmissão das regras de concordância verbal.

Como professora da Educação Básica e do Ensino Médio de escolas públicas do Estado de Minas Gerais, observo cotidianamente como o domínio da norma padrão está relacionado ao prestígio social. Essa vivência reforça a importância de compreender a escolaridade não apenas como um fator estatístico, como frequentemente evidenciado em estudos que associam o grau de instrução à maior ou menor ocorrência da concordância verbal. Mais do que isso, a escolaridade deve ser vista como um marcador social que influencia as práticas linguísticas dos

falantes, que reflete as desigualdades no acesso à norma padrão e nas oportunidades de apropriação das normas gramaticais prescritas.

Diante dos percentuais encontrados, refletimos, de forma minuciosa, sobre os limites da atuação da escola enquanto agente socializador e transmissor da norma padrão, questionando até que ponto ela pode controlar ou frear as variações legítimas da língua. Como a língua “viva³³” está sempre em movimento, essas variações acontecem em passos lentos, porém constantes. É bem pouco provável que a Instituição Escola consiga controlar esse movimento natural.

Com base na experiência docente, observamos que é no espaço escolar que muitos alunos têm o primeiro contato sistemático com a norma reguladora. O que se percebe é que, constantemente, esses alunos, são orientados a reproduzir um modelo e corrigir os usos divergentes do padrão, essa forma de ensinar pode estigmatizar ainda mais a língua legítima.

Nesse momento do ensino da língua, conforme Rodrigues, (2024, p. 18) “encontrar meios para garantir a efetivação da aprendizagem de forma significativa [...] sinaliza um caminho necessário”, incorporar às práticas escolares as discussões propostas pelas gramáticas contemporâneas como Neves (2012), Castilho (2014) e Perini (2016), que reconhecem e valorizam a variação linguística, constitui estratégia fundamental para combater o preconceito linguístico, promover o respeito à diversidade e elevar a autoestima dos alunos em seu papel de produtores de textos e de sentidos. Essa abordagem contribui para desconstruir, a ideia de que há formas “certas” e “erradas” de falar, reconhecendo os diferentes repertórios linguísticos como legítimos e socialmente situados. O trabalho com a linguagem deve “garantir a formação de sujeitos críticos [...] capazes de intervir em sua realidade” (RODRIGUES, 2024, p. 18).

Já para as variáveis tipo e regularidade verbal, nota-se que verbos transitivos diretos tiveram uma recorrente taxa de utilização, mas foi a categoria que também apresentou o nível mais alto para a ausência da marca. O peso relativo foi de 0.105 indicando desfavorecimento da marcação. Os verbos transitivos indiretos tiveram peso relativo de 0.947, os intransitivos apresentaram o peso relativo de 0.875, os verbos de ligação evidenciaram o peso relativo de 0.713 e os verbos auxiliares tiveram peso relativo de 0.998 demonstraram ser os tipos de verbos favorecedores da marca de concordância verbal em Belo Horizonte.

³³ Conforme RIBEIRO, 1920[1880].

Os verbos irregulares mostram maiores taxas de uso e de concordância, o peso relativo foi de 0.756. Isso sugere que certas formas verbais mais marcadas ativam mais facilmente a concordância.

Os exemplos 28 e 29 ilustram casos em que ocorrem a presença de verbos regulares e irregulares com suas respectivas marcas de concordância.

(28) “...eles não RESPEITAM muito.” (verbo regular/ bpubcv06)

(29) “...mas TEM várias questões aqui.” (verbo irregular/bpubcv06)

As demais variáveis não receberam peso relativo, não sendo, portanto, nesse *corpus* analisado, consideradas significativas para a marcação verbal. Porém, a alta taxa de porcentagem de algumas delas permite estabelecer um parâmetro para considerá-las relevantes para o favorecimento da marcação verbal por falantes da comunidade de fala analisada.

Os dados apontam que a variável posição do sujeito, sujeitos imediatamente antepostos ao verbo apresentam maior porcentagem de concordância. A distância crescente entre sujeito e verbo tende a reduzir a aplicação da concordância. Os excertos 30 a 35 ilustram os dados.

(30) “...ELES QUEREM trabalhar com os adolescentes da comunidade.” (presença de concordância/bpudcv06)

(31) “...ES DEVE meter o pau mas enfim esse é o ponto.” (ausência de concordância/bfamcv01)

O fator Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas é exemplificação nos excertos que seguem.

(32) “ESSAS PESSOAS nem, nem coração DEVE TER né Júnia.” (ausência de concordância/bfamcv15)

Os exemplos 13 e 14 se referem ao Sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas.

(33) “...com certeza ES NÃ VÃO participar uai.” (presença de concordância/bfamcv01)

(34) “...se ES FICASSE...” (ausência de concordância/bfamcv15)

O exemplo 15 mostra ocorrências para a posição do Sujeito posposto ao verbo.

(35) “...SÃO AS COISA mais simples.” (presença de marcação/bfamcv20)

No que se refere ao tipo e a constituição do sujeito, os dados evidenciam que a preferência dos falantes de Belo horizonte é o emprego do sujeito simples em seus enunciados. Constatamos 206 ocorrências dessa forma, num total de 284 dados e seu uso favorece a marca de concordância. Para sujeito preenchido pelo pronome “Vocês”, os dados ratificam a nossa hipótese de que na modalidade falada, a explicitação do pronome “vocês” e suas variações “cês”, “ocês” com função de sujeito favorece a marcação da concordância verbal de número na variedade belo-horizontina. Essa variável foi a segunda forma mais utilizada por falantes de Belo Horizonte. É recorrente na comunidade de fala mineira a realização monotongada, Zágari (2005), “a’xoys” para a forma padrão “Achei vocês”. Verifica-se que [ow] se reduz após o [j].

Os exemplos 36 a 38 evidenciam casos de sujeito preenchido pelo pronome “vocês”.

(36) “CÊS nunca ficaram sabendo não” (bfamcv20/ presença de concordância verbal)

(37) “CÊS já viram um gel que passa.” (bfamcv20/ presença de concordância verbal)

(38) “...em vez d’OCÊS ler o negócio não”. (bpubcv07/ ausência de concordância verbal)

Em se tratando da constituição do sujeito sujeitos constituídos por pronomes de terceira pessoa do plural (Eles/Elas) são os mais empregados pelos falantes e são favorecedores da marcação verbal.

Já SN constituído ou de pronome indefinido, ou de pronome possessivo, ou de numeral foram os menos utilizados pelos falantes, mas também houve favorecimento da marcação verbal.

Os excertos 39 e 40 ilustram SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas).

(39) “...se ES FICASSE...” (ausência de marcação verbal/bfamcv15).

(40) “ELES TÃO achando que nũ foi jogada não.” (presença de marcação verbal/bfamcv15)

Em relação ao sexo, falantes do sexo feminino apresentaram maior percentual de enunciados com a marca da flexão verbal em relação ao sexo masculino. Entretanto, tanto falantes do sexo feminino quanto do sexo masculino empregam formas com presença de concordância.

A variável faixa etária, evidenciou um maior emprego de formas com marcação verbal por falantes de idade entre 26 e 40 anos, seguidas por falantes de idades entre 18 e 25 anos.

Após a descrição individual do conjunto de variáveis, procedeu-se à análise cruzada das variáveis selecionadas pelo GoldVarb X, com o objetivo de observar o comportamento específico de cada uma em contextos combinados. A Tabela 16 evidencia os resultados.

Tabela 16 – Escolaridade X saliência fônica

Variável	Fator, quantidade e percentual				Total
Escolaridade X Saliência		Média	Baixa/ ausente	Elevada	
Saliência (L)	(p)	2/50%	0/0%	8/89%	10/67%
(come/comem)	(a)	2/50%	2/100%	1/11%	5/33%
Saliência (j)	(p)	23/100%	2/50%	25/89%	50/91%
(dá/dão)	(a)	0/0%	2/50%	3/11%	5/9%
Saliência (h)	(p)	31/79%	1/11%	28/78%	60/71%
(joga/jogam)	(a)	8/21%	8/89%	8/22%	24/29%
Saliência (q)	(p)	34/100%	4/36%	42/100%	80/92%
(fez/fizeram)	(a)	0/0%	7/64%	0/0%	7/8%
Saliência (#) (faz/fazem)	(p)	11/100%	0/0%	13/68%	24/77%
	(a)	0/0%	1/100%	6/32%	7/23%
Saliência (k)	(p)	1/100%	1/25%	7/78%	9/64%
(comeu/comeram)	(a)	0/0%	3/75%	2/22%	5/36%
Geral	(p)	102/91%	8/26%	123/86%	233/81%
	(a)	10/9%	23/74%	20/14%	53/19%

Fonte: análises da autora

A análise cruzada entre escolaridade e saliência fônica revela padrões significativos ao favorecimento da concordância verbal de terceira pessoa de plural. Evidencia um quadro claro de interação entre fatores linguísticos e sociais. Observa-se que a tendência de aplicação da marcação verbal ocorre com maior frequência entre falantes com escolaridade elevada (elevada e média), ainda que diante de saliências fônicas menos perceptíveis, como /L/ (come/comem). Em contrapartida, participantes com baixa escolaridade ou com essa ausência (apresentam índices baixos de concordância, mesmo diante de saliências fônicas acentuadas como (/q/) (fez/fizeram), em que a aplicação foi de apenas 36%, contra 100% nos demais grupos. A partir dos resultados e de nossa interpretação pode-se dizer que, embora a saliência fônica atue como fator favorecedor para a marca de flexão verbal, sua efetividade está condicionada ao grau de

escolarização do falante, pode-se concluir que a percepção fonológica e utilização da norma padrão são intensificados por fatores sociocognitivos associados à escolaridade.

Tabela 17 – Traço semântico X saliência fônica

Variável		Fator, quantidade e percentual		
Traço semântico X Saliência		Humano	Não-humano	Total
Saliência (L) (come/comem)	(p)	7/64%	3/75%	10/67%
	(a)	4/36%	1/25%	5/33%
Saliência (j) (dá/dão)	(p)	39/91	11/92%	50/91%
	(a)	4/9%	1/8%	5/9%
Saliência (h) (joga/jogam)	(p)	55/72%	5/62%	60/71%
	(a)	21/28%	3/38%	24/29%
Saliência (q) (falou/falaram)	(p)	64/98%	16/73%	80/92%
	(a)	1/2%	6/27%	7/8%
Saliência (#) (faz/fazem)	(p)	22/85%	2/40%	24/74%
	(a)	4/15%	3/60%	7/23%
Saliência (k) (viu/viram)	(p)	9/82%	0/0%	9/64%
	(a)	2/18%	3/100%	5/36%
Geral	(p)	196/84%	37/69%	233/81%
	(a)	36/16%	17/31%	53/19%

Fonte: análises da autora

O cruzamento das variáveis revela que sujeitos com traço semântico humano apresentam, de modo, geral, maior frequência de realização da concordância verbal em todas as categorias de saliência fônica. Os maiores contrastes observam-se em saliências perceptivelmente fortes, como /q/ (fez/fizeram) e /j/ (dá/dão), em que a diferença entre humano e não humanos chega a 58.0% pontos percentuais. Ainda que em contextos com menor saliência, como /h/ (joga/jogam) e /#/ (faz/fazem), o padrão se mantém – sujeitos [+humano] tendem ao favorecimento da variante padrão. Observa-se que a interação entre saliência fônica e a animacidade do sujeito é mais produtiva para o condicionamento da concordância verbal. Essa interação ratifica a nossa hipótese, fundamenta e explica o modo como a variável saliência fônica favorece a aplicação de concordância verbal no português de Belo Horizonte.

5.3 Comparação dos resultados

Nesta Subseção, são discutidos os resultados apresentados por Guy (1981), Naro (1981) e Scherre & Naro (1998), em relação à 3PP, com foco na comparação entre as escalas de saliência fônica propostas por cada autor. A análise visa contrastar os critérios de classificação e os efeitos observados na realização da concordância verbal, conforme as diferentes abordagens adotadas.

Tabela 18 – Saliência Guy (1981)

Saliência fônica Guy (1981)*	Nº de dados (p/a)	Percentual	Total De dados	Percentual geral	Peso relativo
c	24/8	75/25	32	13.5%	0.296
t	38/4	90,9,	42	17,7%	0.632
e	34/14	70,8/29,2	48	20,3%	0.181
z	77/8	90,6/9,4	85	35,9%	0.729
o	15/2	88,2/11,8	17	7,2%	0.409
v	9/4	69,2/30,8	13	5,5%	0.485
Total	197/40	83,1/16,9	237		

Fonte: análises da autora

*Variável, (p)=presença, (a) = ausência

Tabela 19 – Saliência Scherre e Naro (1998)

Variável	Fator	Presença / Ausência (p/a)	Percentual por caso	Percentual Geral	Peso relativo
Saliência Fônica (Naro (1981); Scherre e Naro (1998))	/L/	10/5	66.7/33.3	15/5.2	0.256
	/j/	50/5	90.9/9.1	55/19.2	0.970
	/h/	60/24	71.4/28.6	84/29.4	0.117
	/q/	80/7	92.0/8.0	87/30.4	0.642
	/#/	24/7	77.4/22.6	31/10.8	0.028
	/k/	9/5	64.3/35.7	14/4.9	0.978

Fonte: análises da autora

(p)=presença, (a) = ausência

A comparação entre as escalas de saliência fônica propostas evidencia abordagens metodológicas distintas, embora convergentes quanto ao papel da saliência na realização da concordância verbal em Belo Horizonte. Guy constrói sua escala a partir de itens lexicais específicos, classifica a saliência com base na perceptibilidade sonora entre formas singulares e plurais, o que reflete nos altos pesos relativos atribuídos aos fatores (/z/) 0.729 – com formas verbais (é/são, falou/falaram, fez/fizeram) – e (/t/) 0.632 – com as formas (dá/dão, está/estão).

Já a escala de Scherre e Naro segue uma lógica fonológica hierarquizada, considerando o grau de acréscimo de material fônico e a complexidade segmental, sendo os fatores (/q/) 0.642 com as formas (fez/fizeram, é/são, ganhou/ganharam), (/j/) 0.970 com as formas verbais

(dá/dão, vai/vão) e (/k/) 0.978 com as formas sumiu/sumiram sendo os mais favorecedores da presença de concordância verbal.

Enquanto Guy propõe uma gradação lexical sensível à frequência e ao valor perceptivo dos itens, Scherre e Naro organizam os dados com base numa escala de estrutura fonológica. Apesar das diferenças, os resultados de ambas as propostas evidenciam que quanto maior a saliência fônica da forma verbal, maior será a probabilidade de realização da marca plural.

A comparação dos resultados dos falantes investigados evidenciou que os casos de ocorrência da ausência de concordância verbal na 3PP se verificaram em verbos com saliência /e/ 0.181 de peso relativo, com as formas verbais (fala/falam, ia/iam) em /c/ 0.296 de peso relativo, com as formas (fale/falem) em se tratando de Guy.

Já para Scherre e Naro os menores pesos relativos foram constatados nas saliências /h/ 0.117 formas verbais (joga/jogam, conhece/conhecem) e /#/ com peso de 0.028 para as formas (ser/serem/quiser/quiseram).

No caso da primeira pessoa do plural, adota-se a escala de saliência proposta apenas por Naro *et al.* (1999) conforme já mencionado anteriormente. Constatamos que há um aumento significativo para a ausência da concordância verbal, em relação à saliência fônica, tanto na 1PP quanto na 3PP, em casos que apenas uma das formas é acentuada como (fica/ficamos - (/h/) referente à 1PP e formas com nível baixo de saliência, como conhece/conhecem decodificada nesta tese por (/h/) para a 3PP.

Em relação à posição, o sujeito imediatamente anteposto ao verbo é favorecedor da marca de concordância tanto na 1PP quanto na 3PP. No entanto, essa variável não foi selecionada pelo programa estatístico como estatisticamente significativa para a análise. No que se refere aos tipos de verbos, tanto para a 1PP quanto para a 3PP, os regulares foram os mais empregados pelos falantes de belo horizonte, porém os favorecedores da marca foram os verbos auxiliares, transitivos indiretos, intransitivos e de ligação. No entanto, em ordem de preferência para a 1PP a preferência são os verbos auxiliares ao passo que para a 3PP, com exceção dos transitivos diretos, o mais utilizado foi o verbo de ligação.

Em relação ao fator extralinguístico a variável escolaridade foi considerada significativa tanto na 1PP quanto na 3PP. Observou-se uma pequena variação no nível (escolaridade elevada) e (escolaridade média). Para a 1PP falantes com escolaridade (elevada) apresentaram maior peso relativo em relação aos falantes com escolaridade (média), o que era esperado. Porém, em se tratando da 3PP o valor do peso relativo foi inverso. Falantes com escolaridade (média) apresentaram maior peso relativo do que os falantes de escolaridade (elevada). O grupo de

escolaridade (média) exibiu o maior percentual de marcação (91.1%) e um peso relativo (0.952), superando inclusive o grupo com escolaridade mais alta, que marcou concordância em 86% dos casos. Esses dados sugerem um possível efeito de hipercorreção no grupo (escolaridade média), enquanto a escolaridade elevada parece manter altos índices de concordância, embora com leve flexibilização. Talvez, essa variação nos dados possa ser explicada pela maior utilização das formas de 1PP por falantes (elevada) e vice e versa. Em todas as formas de expressão tanto a 1PP quanto a 3PP, a ausência ou a baixa escolaridade foram desfavorecedores da marca de concordância verbal.

Em relação à variável faixa etária, observou-se um possível processo de desenvolvimento linguístico progressivo, no caso específico deste estudo, observou-se uma aproximação crescente ao padrão linguístico valorizado socialmente, ainda que se tenha constatado variações no uso das marcas de concordância.

A variável sexo apresentou maior índice de realização da marca de concordância na 1PP e 3PP, respectivamente (92.9% e 143%) em contrapartida o sexo masculino efetuou (90.6% e 90%). O sexo feminino, ratifica a tendência no emprego das normas linguísticas valorizadas socialmente.

Por fim, analisou-se a ocorrência da norma empregada pelos falantes da capital mineira, distinguindo-se entre norma padrão e norma não-padrão. No caso da norma não-padrão, registraram-se 26 ocorrências com marca de concordância verbal e 51 ocorrências sem a marca. Já em relação à norma padrão, os dados evidenciaram um número expressivamente maior de ocorrências com marca de concordância (206), sendo registrada apenas uma única ocorrência de ausência de concordância verbal. Esses resultados, obtidos a partir de um recorte específico do *corpus* C- ORAL- BRASIL, referente à variedade falada em Belo Horizonte, sugerem que, entre os falantes analisados, há uma predominância da norma padrão, especialmente no que se refere à manutenção da concordância verbal. No entanto, é importante destacar que essa observação se restringe à amostra considerada neste estudo, não sendo possível extrapolar tais conclusões para o conjunto total da comunidade linguística belo-horizontina.

6 SÍNTESE

Chegados ao ponto deste estudo nos detemos nas análises. Em relação à variável saliência fônica de oposição mais saliente e menos saliente, verificamos que os verbos de oposição mais salientes na amostra investigada, são favorecedores da marcação verbal. Os resultados obtidos corroboram a literatura.

Em se tratando de regularidade morfológica do verbo, fundamentados na análise atomística, o GoldVarb X evidenciou que os verbos irregulares tanto na 1PP quanto na 3PP, apresentaram maior incidência da marca de flexão verbal; contrariando dessa forma nossa hipótese de que os verbos regulares são favorecedores de concordância verbal. A literatura afirma que os verbos irregulares podem ser classificados em fortes e fracos, conforme Lima (2011). Os verbos fortes são aqueles que apresentam mudanças significativas em seus radicais ao longo das diferentes conjugações, já os verbos fracos também sofrem mudanças ao longo das conjugações, porém essas mudanças são mais previsíveis e menos drásticas. No entanto, constatamos em nosso *corpus* um número elevado de verbos irregulares fortes, portanto com a devida flexão verbal de número.

Em se tratando da variável tipo de sujeito em que o fator considerado é preenchido pelo pronome “vocês” há o favorecimento de marcação da concordância verbal, conforme a análise atomística. Com um percentual de 86.1% para ocorrência de marcação verbal. Porém, o sujeito simples apresentou maior emprego, pela amostra do *corpus*, composta por falantes da capital mineira.

Todavia, refutamos nossa hipótese de que a explicitação do pronome “vocês” com função de sujeito desfavorece a marcação da concordância verbal de número na variedade belo-horizontina. Porém, para afirmar em que medida ocorre esse favorecimento, entendemos como necessário considerarmos os demais tipos de sujeito não selecionados como significantes pelo programa GoldVarb. Assim, elencamos os seguintes casos –sujeito indeterminado, seguido por sujeito de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas– porém, em ocorrências bem menores, talvez, pelo fato de se tratar de contexto de oralidade. Por conseguinte, fica nossa proposta para a continuidade de estudos que possam focar nas demais variantes e encontrar a distinção desses valores.

Para a variável constituição de sujeito, o fator SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas) demonstrou ser o favorecedor da marca de presença de flexão

verbal de número. Entendemos que esse fato pode ser justificado devido os textos serem constituídos da modalidade oral e, os falantes de Belo Horizonte empregam de modo recorrente em seus enunciados, construções com sujeitos indeterminados ou simples em que o SN é constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas).

Ressaltamos que talvez o emprego de construções com sujeito simples de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas, construções com sujeito que expressam percentual, construções com sujeito composto singular de estrutura complexa, sejam empregados em maior número, em contextos de modalidade escrita com maior grau de monitoramento.

Para a variável posição do sujeito em relação ao verbo, o fator sujeito imediatamente anteposto foi o mais utilizado, portanto favorecedor da marca de flexão verbal de número em Belo Horizonte. Esse resultado ratifica nossa hipótese e corrobora (Scherre; Naro, 1998, p. 8) de que sujeito anteposto ao verbo ou imediatamente a ele mais próximo favorece a variante explícita de plural.

Em se tratando da variável traço semântico do sujeito, constatamos que o fator sujeito com traço semântico humano é favorecedor de concordância verbal. Nossa hipótese foi confirmada. Sendo assim, corroboramos Scherre; Naro e Cardoso (2007) ao afirmarem que sujeito com traço semântico humano tende a favorecimento da concordância. Ainda que o aspecto semântico não seja um determinante para a caracterização do sujeito é compatível com as determinações do verbo, Azeredo (2013). Ressaltamos que essa variável diz respeito apenas à 3PP por não haver traço semântico não-humano para a 1PP.

Entre as variáveis extralinguísticas consideradas, a variável escolaridade, teve destaque significativo. No fator Título de 3º grau e profissão exercida que exija o 3º grau e escolaridade até o 3º grau, isto é, escolaridade elevada e média, respectivamente, foi constatado um maior número de ocorrências de favorecimento de marcação verbal, ratificando nossa hipótese de que quanto maior a escolaridade maior é a aplicação de marca de flexão verbal. Portanto, não nos limitamos apenas a quantificar esses dados, expandimos nossa interpretação e dialogamos com o papel da escola nesse processo de presença ou ausência da marcação verbal. Dizer que a escola ensina um modo correto de falar ou de escrever significa desconsiderar os saberes adquiridos pelo falante e contribui para reforçar o processo de estigmatização da língua.

Acreditamos que, em grande medida, a forma como os processos educacionais são desenvolvidos, procuram regular a fala natural do seu público. Para isso, utilizam os manuais tradicionais, rígidos e, que por vezes, não atendem em toda a sua complexidade as diferentes

formas de manifestação da comunicação humana. Esses guias prescritivos não dão conta de toda a diversidade linguística.

Portanto, é preciso rever o ensino da língua portuguesa. Promover ações para que esse ensino possa reconhecer como legítimas, as diferentes formas do uso da língua bem como refletir sobre ela. Proporcionar o diálogo com gramáticas contemporâneas, livros didáticos voltados para essa realidade; livros direcionados ao trabalho do professor em sala de aula de forma que direcionem um ensino sistemático e reflexivo do uso da língua, conforme Rodrigues (2024) que discute o ensino de ortografia para estudantes do Ensino Fundamental I são estratégias eficientes que podem diminuir a distância entre os saberes construídos pelos usuários da língua e uma formação institucional que valorize e respeite os indivíduos em sua totalidade.

Na variável sexo, pela análise atomística, o fator feminino apresentou um percentual superior ao sexo masculino. Ainda que os dados apontem um maior número dessas ocorrências, pode ser que o número de falantes do sexo feminino, na amostra final, seja superior nas análises feitas, uma vez que foi necessário realizarmos amalgamações de variáveis linguísticas, a fim de que nocautes fossem resolvidos. Além disso, o número total de participantes do sexo masculino (23) e sexo feminino (29) não foi equilibrado. Esse fato demonstra algumas das limitações de nosso estudo. Por isso, deixamos essa análise sem nos posicionarmos quantitativamente. Ainda que, Labov (2006; 2008) afirme que as mulheres tendem a adotar variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente, enquanto os homens podem ser mais conservadores em suas escolhas linguísticas. Tanto Nicolau (1984) quanto Oushiro (2015) afirmam que o sexo feminino mantém maior grau de manutenção do uso prescritivo da língua.

Em relação à variável idade, os indivíduos entre 26 e 40 anos apresentaram um percentual de (38.4%), conforme análise das escalas de saliência fônicas propostas por Guy (1981) e (117%) conforme as proposições escalares de Naro (1981), Scherre & Naro (1998), sendo assim, essa variável mostrou-se favorecedora da marca de flexão verbal. Realizamos uma comparação com os resultados de Nicolau (1984) e Faria (2008) verificamos que para Faria (2008), há maior probabilidade de ocorrência de concordância verbal na meia-idade, isto é, falantes com idade (40 a 60 anos). Para Nicolau (1984) a ausência de concordância é favorecida pelos adultos (informantes com idade igual ou superior a 36 anos). Em nosso estudo verificamos que os resultados deste fator se aproximam de Faria (2008) ao passo que se distanciam de Nicolau (1984). Os dados sugerem uma possível reconfiguração no padrão de uso da concordância verbal entre gerações. Tal hipótese, no entanto, deve ser considerada com cautela,

dado o tamanho da amostra, um recorte específico do *corpus* e as limitações inerentes à abordagem adotada.

Após detalharmos os resultados obtidos, chegamos ao ponto de verificarmos nossas hipóteses. Confirmamos que o maior grau de escolaridade favorece a marcação da concordância verbal de número na variedade belo-horizontina.

Afirmamos que neste estudo, os verbos transitivos diretos, foram os mais empregados nos enunciados. Porém, tanto os transitivos diretos, intransitivos, verbos de ligação e auxiliares favorecem a presença de marcação verbal. Já em se tratando de irregularidade morfológica, os verbos irregulares foram os mais utilizados e apresentaram maior uso da marca de concordância.

Confirmamos nossa hipótese de que verbos de oposição mais salientes, em sujeito com traço semântico humano, em sujeito imediatamente anteposto ao verbo, SN constituído de pronome de terceira pessoa do plural (Eles/Elas) são favorecedores da marca de flexão verbal de número. Constatamos que a explicitação do pronome “vocês” com função de sujeito também apresentou marcas de favorecimento da concordância verbal no recorte analisado, contendo amostras de falas, realizadas por participantes de Belo Horizonte.

Confirmamos nossa hipótese de que o fator extralinguístico idade incide sobre a regra de concordância verbal de número, ao verificarmos que tanto falantes com idade entre 26 e 40 anos apresentaram maior marca de flexão verbal em seus enunciados.

Com base nos dados analisados, referentes à 3PP, observamos que, embora a variedade linguística de Belo Horizonte apresente fenômenos de variação na realização da concordância verbal de número, a norma padrão ainda se mostra amplamente favorecida pelos falantes, no recorte estudado. A presença de 206 ocorrências da marca de concordância na norma padrão, frente a apenas 1 caso de ausência, aponta para uma forte adesão à marcação formal, quando essa norma é acionada. Por outro lado, no domínio da norma não-padrão, os dados indicam uma predominância do apagamento da marca (51 casos), o que sugere que, em contextos informais ou menos monitorados, há espaços significativos para a atuação de fatores variacionistas, como a saliência fônica. Dessa forma, confirma-se a hipótese de que: há um favorecimento claro da norma padrão, no recorte analisado, referente à variedade belo-horizontina, mas a coexistência da norma-não padrão, com apagamento expressivo da marca de plural, evidencia um cenário de variação linguística dinâmico, marcado por tensões entre formas prestigiadas e aquelas socialmente estigmatizadas, porém recorrentes.

7 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como principal objetivo analisar fatores que influenciam a realização da concordância verbal de número nas formas referentes à 1ª e à 3ª pessoas do plural no português falado de Belo Horizonte. Avaliamos que o acesso ao *corpus* C-ORAL-BRASIL, foi essencial para a realização desta tese, uma vez que sua construção seguiu critérios rigorosos com o intuito de registrar as realizações da fala, de forma a se aproximar ao máximo da forma produzida pelos falantes, fato que coloca este estudo como um diferenciador dos trabalhos já realizados nesta cidade, Nicolau (1984) e Faria (2008).

Além disso, esse *corpus* permitiu que fosse possível analisar arquivos de áudios e constataremos as peculiaridades do falar belo-horizontino, a fala monotongada, uso de construções apocopadas, presença de rotacismos, usos de expressões de negação sob a forma clítica ou enfraquecida, a forma acelerada dos ritmos da fala, do tempo de articulação, da elocução. Esses falares se mostram diferenciados e observamos que o mineiro, em especial o belo-horizontino, demonstra orgulho pelo seu “jeitim” diferenciado de falar, fato que o destaca no cenário brasileiro.

O referencial teórico utilizado, assim como a análise e interpretação dos dados de fala dos informantes de Belo Horizonte, revelaram que os fatores linguísticos e extralinguísticos observados incidem sobre a marcação verbal de número e nos permitiu responder ao problema da pesquisa. Desse modo, podemos afirmar que o *status* da variação da concordância verbal de número em Belo Horizonte evidencia um cenário de variação linguística em constante transformação, em que formas não-padrão coexistem com formas padrão. Embora, no recorte do *corpus* analisado apresente fenômenos de variação, o uso da norma padrão ainda se mostra amplamente favorecida.

Tal variação não ocorre de forma aleatória, entendemos que a presença ou ausência da marcação verbal é relativa, pois é o falante que decide qual forma utilizar em cada situação comunicativa. Essa escolha, consciente ou inconsciente, está fortemente influenciada por fatores extralinguísticos, sociais que permeiam o contexto comunicativo. Assim, a realização das formas verbais está diretamente vinculada à variedade de contextos de usos. Nesse sentido, corroboramos Guy (1981), ao reconhecer que elementos estruturais e contextuais influenciam as regras de concordância.

Essa compreensão da variação como escolha condicionada por fatores sociais e contextuais nos leva a refletir sobre os espaços institucionais que moldam essas escolhas,

especialmente a escola. Diante dos dados analisados e da experiência em sala de aula, consideramos a evidência da escola em ocupar um lugar central na formação das práticas linguísticas dos falantes. É nesse espaço que se constrói, muitas vezes de forma implícita, a ideia de que há uma forma “certa” de falar, associada à norma padrão, e outras consideradas “erradas” ou “inadequadas”. Essa lógica, amplamente difundida nos materiais didáticos e nas interações escolares, contribui para a reprodução do preconceito linguístico, que não se limita à correção gramatical, mas afeta diretamente a autoestima e a identidade dos alunos. Ao tratar a variação como erro, a escola corre o risco de silenciar vozes e desvalorizar saberes legítimos. Por isso, é pertinente considerar com prioridade que o ensino de língua portuguesa incorpore uma abordagem crítica, participativa e inclusiva, que reconheça a diversidade linguística como expressão cultural e promova o respeito às diferentes formas de falar. Essa mudança não depende apenas de políticas educacionais, mas acima de tudo, do compromisso ético e pedagógico de cada professor em transformar a sua linguagem em instrumento de emancipação, e não de exclusão. Além disso, torna-se necessário investir na formação do profissional que direcionará esse ensino, caso contrário, sem o preparo adequado, o resultado do trabalho pode não atingir o grau de eficiência desejado.

Esperamos que esta pesquisa possa ser um ponto de partida para novas investigações que se debrucem sobre as dinâmicas da variação na concordância verbal. Assim acreditamos que as complexidades envolvidas na escolha das formas verbais pelos falantes, mediadas por fatores sociais e históricos, apontam para a necessidade de novos olhares sobre essa variação.

Reconhecemos as limitações deste estudo, consideramos que ainda há muito a ser explorado. Ao realizarmos nossas análises verificamos que investigações que discutam sobre o papel das práticas escolares integradas à participação mais ativa dos discentes pode ser um percurso que pode contribuir para um ensino de língua portuguesa mais produtivo e que promova a equidade social.

Além disso, consideramos que possam ser expandidas pesquisas que discutam sobre “as peculiaridades do falar belo-horizontino” como forma de pertencimento e identidade social.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leandro Silveira de. **A expressão dos valores “antepresente” e “passado absoluto” no espanhol**: um olhar atento a variedades diatópicas da Argentina e da Espanha. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- BECHARA, Ivanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BARBOSA, Robson. **100 versos**: não há felicidade: amor e fé em versos. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024.
- BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte**: memória histórica e descritiva - história antiga e história média. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BYBEE, Joan L. **Morphology**: A study of the relation between meaning and form. Amsterdam: John Benjamins, 1985. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.9>
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1971.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1965. <https://doi.org/10.21236/AD0616323>

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2017.

DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 26 maio 2023.

Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1558/oitava.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Disponível em: www.letras.ufmg.br/minasfala. Acesso em: 15 fev. 2024.

Disponível em: https://www.suapesquisa.com/cidadesbrasileiras/cidade_belo_horizonte.htm. Acesso em: 24 nov. 2024.

Disponível em: <https://acminas.com.br/minasguide/pt/as-regioes-de-minas/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

ECKERT, Penelope; McConnell-Ginet, Sally. Tradução de Branca Falabella Fabrício. **Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder** (1992). In: LAKOFF, Robin *et al.* Organização e tradução de Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana. **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

FARIA, Nicolle Veronick Moreira de. **A concordância verbal no português de Belo Horizonte**. 2008. 135f.: il. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-concordancia-verbal-no-portugues-de-belo-horizonte>. Acesso em: fev. 2022.

GUY, Gregory. R. Advanced VARBRUL analysis. In: FERRARA, K; BROWN, B.; WALTERS, K.; BAUGH, J. (org.). **Linguistic Change and Contact: NWAV-XVI**. Austin: Department of Linguistics, University of Texas at Austin., 1988. p. 124-136. Disponível em: <https://gregoryguy.com/home/publications/pubs-linguistics>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GUY, Gregory R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history**. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. 405f.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HYMES, Dell. **Foundations in Sociolinguistics**: An Ethnographic Approach. Great Britain: Tavistock Publications, 1977.

LABOV, William. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, v. 45, n. 4, p. 715–762, 1969.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: cognitive factors, v. 3. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. <https://doi.org/10.1002/9781444327496>

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: internal factors, Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966]. Ebook. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511618208>

LAVANDERA, B. R. Where Does the Sociolinguistic Variable Stop? **Language in Society**, v. 7, n. 2, p. 171-182, ago. 1978. Cambridge University Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4166996>. Acesso em: 02 jan. 2024.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. rev. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOBATO, Antonio José dos Reis. **Arte da gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Typ. De M.P de Lacerda, 1825 [1770].

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. 2004. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73. <https://doi.org/10.7476/9788523208752.0003>

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. Por que a crioulação aconteceu no Caribe e não no Brasil? **Gragoatá, Niterói**, v. 4, n. 48, p. 469-493, jan.-abr. 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33628/19615/111883>.. Acesso em: 15 dez. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita** – atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. Materiaes e achêgas para a historia e geographia do Brasil. Rio de Janeiro: **Imprensa Nacional**, 1886. (nº 2, dezembro de 1886).

MUSSALIM, Fernanda. **Linguística I**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, ed. 20, p. 9-16, jan./jun. 1991.

NARO, Anthony J.; GORSKI, Edair Maria; FERNANDES, Carla. Change without change. **Language Variation and Change**, Cambridge, v. 11, p. 197-211, 1999. <https://doi.org/10.1017/S0954394599112043>

NASCENTES, Antenor. O tratamento de você no Brasil. **Revista Letras**, n. 5, 1956. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rel.v5i0.20034>. Acesso em: 29 set. 2024. <https://doi.org/10.5380/rel.v5i0.20034>

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NICOLAU, Eunice Maria das Dores. **Ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística**. 1984. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9D8FNH/1/dissertacao_eunicemariadasdoresnicolau.pdf.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PORTO EDITORA. **Concordância**. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [Consult. 2024-12-29 13:04:52]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/concordancia>. Acesso em: 15 jul. 2023.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2021.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). **C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 332 p. il.+ DVD-ROM. (Linguajar).

RIBEIRO, João. **Gramática portuguesa: curso superior adotada nos ginásios e escolas normais do país e no pedagogismo**. 19. ed. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves, 1920 [1888].

RODRIGUES, Maria de. **Análise dos “erros” ortográficos de natureza contextual e morfológico-gramatical na escrita de alunos do Ensino Fundamental I: uma proposta de ensino sistemática e reflexiva**. São Paulo: Dialética, 2024. <https://doi.org/10.48021/978-65-270-1138-5>

SAID ALI, Manuel Idalino. **Gramática elementar da língua portuguesa**. 9. ed. Brasil: Melhoramentos, 1966 [1923].

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, M. M. P. e NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil – um caso típico de variação inerente. In: HORA Dermeval da (org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia. 1997, p.93-114.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. A influência de variáveis escalares na concordância verbal. **A cor das letras**, Feira de Santana, n. 3, p. 17-34, dez. 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 25-46, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/3276>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J.; CARDOSO, Caroline Rodrigues. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. **DELTA**, v. 23, n. esp., p. 283-317, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/gPwNNHDtxM5NSbSxcSB3jrv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em dois volumes. mimeo.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (org.). **Dialettologia, geolingüística,**

sociolinguística. Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, v. 5, p. 509-523, 1998. <https://doi.org/10.1515/9783110934038.509>

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. **Linguística**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.133-158, junho 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4398>. Acesso em: 01 fev. 2025.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, vol. 20, p. 9-16, jan. jun. 1991. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636853>. Acesso em: 02 set. 2023.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979 [1957].

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao ensino da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

SILVEIRA, Eliane. **Saussure à brasileira**: estatuto epistemológico do Curso de Linguística geral nos manuais publicados entre 1930 e 1980. In: FARACO, Carlos Alberto. **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de Linguística Geral (org.) São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

TAGLIAMONTE, Sali. A. **Variationist Sociolinguistics**: change, observation, interpretation. UK:Wiley-Blackwell, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WELCHEN, Dirce. **Pelotas/RS e a concordância verbal de 3ª pessoa do plural**. 2009. Tese (Linguagem no contexto social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21568/000730472.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005. p. 45-72.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano de. Os primeiros descobridores de Minas. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, v. 6, p. 365-377, 1901.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). Ata da XI reunião do comitê nacional: Londrina, 11-15 novembro, 2022. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). **Projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2013. p. 13-25. Disponível em: <https://alib.ufba.br/publicacoes>. Acesso em: 11 nov. 2023.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais**: Campanha, Minas Novas e Paracatu. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LHAM-5SMGZ9>. Acesso em: 07 mar. 2024.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). **Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 35-65. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/teste01>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BADDELEY, Alan. **Memória de trabalho**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARBOZA, Jeronymo Soares. **Gramática filosófica da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: [s.n.], 1830 [1822].

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Olyssipone, 1540.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1956].

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1969.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **DELTA**, vol. 15, nº Especial, 1999, p. 233-255. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300010>.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa (orgs.). Projeto atlas linguístico do Brasil: Projeto ALiB. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa (orgs.). **Documentos 4: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2013. p. 13-54. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/2001>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1888**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CORRÊA, Lucas Teles. A variação linguística eles/es e a indeterminação de sujeito. In: COHEN, Maria Antonieta A.M.; RAMOS, Jânia M. (orgs.). **Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança linguística**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2002.

DESTRI, Luisa. Pela sobrevivência das línguas indígenas. **Revista Fapesp**, n. 273, p. 79-82, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/pela-sobrevivencia-das-linguas-indigenas/>. Acesso em: ago. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LEITE, Serafim. **Novas páginas de história do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. Orientações atuais da linguística histórica brasileira. **DELTA**, v. 15, n. Especial, p. 147-166, 1999.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. Fatores sócio-históricos condicionantes na formação do português brasileiro: em questão o propalado conservadorismo da língua portuguesa no Brasil. **Revista ANPOLL**, v. 1, n. 14, jan./jun., p. 205-231, 2003. DOI:10.18309/anp.v1i14.415.

MATTOSO, Katia. **Ser escravo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. Qualificativo “Dona” e nomes próprios: análise diacrônica de dados do português mineiro de Barra Longa-MG. In: COHEN, Maria Antonieta A. M.; RAMOS, Jânia M. (orgs.). **Dialeto mineiro e outras falas**: estudos de variação e mudança linguística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2002.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). **Documentos 2**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/teste01>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia brasileira: o atlas linguístico do Brasil. **Revista ANPOLL**, n. 8, p. 41-57, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i8.349>.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1536.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da lingoagem portugueza**. 1ª ed. Lisboa: Casa de Germão Galharde, 1536.

OLIVEIRA, Fernão D'. **Grammatica de Linguagem Portugueza**. 2ª ed. Porto: Diligencias e trabalho do Visconde D'Azevedo e Tito de Noronha, 1871.

RAMOS, Jânia Martins. Isso é Minas, uai! **Revista Minas faz Ciência**, n. 28, p. 47-49, dez. 2006 a fev. 2007a. Disponível em: https://issuu.com/fapemig/docs/rmfc_-_n__28. Acesso em: 28 dez. 2023.

RAMOS, Jânia Martins. Modo de falar em BH vira alvo de estudo. **Jornal Cidades**, Belo Horizonte, 09 ago. 2007b. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/mineiros/arquivos_download/projetos/Produtos/ok/jornal.pdf.pdf. Acesso em: 28 dez. 2023.

RIBEIRO, José; ZAGÁRI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977. v. 1.

RIBEIRO, João. **História do Brasil**: curso superior. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1953.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens**, Universidade do Estado da Bahia. UNEB Departamento de Ciências Humanas – DCH I, n. 04, junho de 2012. ISSN: 2176-5782.

SILVEIRA, Letícia Pena; SANTOS, Naísa Gécida. Apagamento dos clíticos pronominais: uma análise sociolinguística na cidade de Sete Lagoas. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (org.). **O português falado em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2013.